

DOCTRINAÇÃO: A ARTE DO CONVENCIMENTO

Luiz Gonzaga Pinheiro

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado a todos os doutrinadores e
doutrinadoras do Brasil.

Homens e mulheres que não medem esforços
nem comentam cansaço para que o bem, a paz
e a justiça sejam hóspedes no coração do planeta.

Luiz Gonzaga Pinheiro

INDICE

Introdução

ATRIBUTOS MORAIS E INTELLECTUAIS EXIGIDOS DO DOUTRINADOR

1. Vigilância e oração
2. Autoridade moral
3. Confiança nas equipes
4. Disciplina
5. Amor
6. Embasamento doutrinário
7. Cultura geral
8. Intuição
9. Preparo para o sono físico
10. Tato psicológico

O EXERCÍCIO DA DOUTRINAÇÃO

11. Desenterrando ossos
12. Troféu de caça
13. Abandonar pai e mãe
14. O labirinto
15. Dor superlativa
16. Carlota Joaquina
17. Baile de máscaras
18. Visita de amigo
19. Apelo do natal
20. Esforço e reforma
21. Mensagem para sempre
22. Inadaptação
23. Amor pelo avesso
24. O amor distante
25. Os donos da verdade
26. Aprendiz de escritor
27. Uma regra para se conduzir bem
28. A prisão de Mariane
29. Definição de amor
30. As alegrias do ofício
31. A solidão de Deus
32. Narciso
33. Pessimismo
34. O dever
35. Visita inesperada
36. Enterrado vivo
37. Brincando com bonecos
38. Ataque terrorista

39. A bailarina
40. Especializações
Conclusão.

Introdução

A doutrinação é a arte do convencimento. Não como a entendiam os sofistas, que através do manejo da palavra procuravam persuadir a quem os escutassem de que a sua proposta era a única verdadeira. Mas utilizando a lógica dos fatos, o bom senso, medida de todos os empreendimentos lúcidos.

Doutrinar alguém, a rigor, seria ministrar-lhe uma doutrina, o que geralmente não ocorre nas reuniões de desobsessão. Alguns Espíritos que nelas comparecem, encontram-se em tal estado de perturbação que não têm condições de absorver nem mesmo simples conselhos, muito menos os postulados de uma doutrina. E nem é esta a função do exercício mediúnico em uma reunião de desobsessão. Ali, atende-se a enfermos de qualquer religião, sempre com caridoso tratamento, embora, às vezes, ele não mereça. Mas isso não importa. É obrigação, dever, regra pétrea, atender com respeito e caridade, unindo estas duas virtudes à energia, quando a necessidade exige, a qualquer necessitado admitido na reunião.

Para os enfermos que não se encontram em condições psicológicas de manter um diálogo, o socorro vem em forma de prece, passe, palavras de conforto que proporcionam esperança e otimismo.

O livro *Doutrinação – A Arte do Convencimento* procura mostrar de maneira clara, utilizando a metodologia trabalhada nas reuniões de desobsessão, o que o doutrinador necessita para o seu correto desempenho e como ele deve utilizar seus conhecimentos e valores na doutrinação de Espíritos. Enfoca as qualidades morais e as aquisições intelectuais como imprescindíveis, e traça um roteiro seguro para quem queira adentrar reuniões mediúnicas e semear no generoso terreno da doutrinação.

Em sua parte prática, descreve casos onde o doutrinador atende e dialoga com Espíritos portadores de dilemas variados, possibilitando tal diversidade que o aprendiz entre em contato direto com as múltiplas faces do cenário em que irá trabalhar, ou que trabalha, se é o caso, extraindo daí sólidos argumentos para seus diálogos.

Enriquecendo o trabalho, os casos selecionados para compor o livro foram, na medida do possível, os que permitiram relacioná-los com a vida e a obra de grandes vultos da literatura ou mesmo da filosofia. Tal fato tornou a obra mais consistente e mais bela, rica em detalhes, na maioria das vezes, desconhecidos pelo público.

Acredito que seja um livro indispensável para médiuns, doutrinadores e simpatizantes do tema. Se eu não o tivesse escrito e o visse em alguma estante, certamente o levaria para detalhados estudos.

Boa leitura, mas, acima de tudo, boa prática.

Luiz Gonzaga Pinheiro.

1 .Vigilância e oração

Vigiar e orar foi a sábia advertência de Jesus para o viajante terreno. Quando este resolve fazer parte de uma reunião mediúnica, a advertência assume status de lei. Não se percorre um terreno minado sem um guia seguro. Ninguém deve aventurar-se em abrir as portas do astral inferior se não tem as chaves para fechá-las, se não priva da companhia e o apoio do astral superior. Não é sensata a ousadia de enfrentar leis desconhecidas sem estudo detalhado e proteção assegurada.

O plano espiritual é ignorado em suas nuances até mesmo pela maioria dos que lá habitam. Por isso, todo cuidado é pouco em abordá-lo. Assim como temos em nossa cidade cadeias, hospitais, escolas, favelas, bairros nobres, guetos de traficantes, o cenário se repete no plano espiritual, com maior intensidade. Legiões trevosas, cujo único objetivo é combater o bem, e para isso não medem esforços, utilizam-se de extrema violência e crueldade para vê-lo concretizado.

O cenário espiritual é formado e modificado pela mente de seus circunstantes. Espíritos perversos se concentram em determinadas regiões, tangidos pela afinidade de gostos, e aí constroem com suas mentes doentias quartéis, prisões, altares a entidades inferiores, auditórios, masmorras para suplícios e toda uma arquitetura compatível com a desarmonia mental que trazem. Fazem morada em meio a pântanos, árvores ressequidas, natureza agressiva onde a dificuldade de respirar impressiona, pois a densidade do ar dificulta até mesmo a penetração dos Espíritos mais elevados nesses antros de pavor.

Por serem portadores de tamanha desordem mental, tornam-se feios, de aspecto perispiritual desagradável, monstruoso até, onde a desproporção, a desarmonia geométrica, o odor insuportável, a gosma, os gestos grotescos, a completa ausência do bem e do belo causam profundo mal-estar nos médiuns que os atendem e a qualquer um que tente penetrar tais fortalezas sem o devido preparo sobre o que lhe aguarda.

Percebe-se, às vezes, nesses “infernos”, a utilização de alta tecnologia que seus habitantes dominam, pois é sabido que a evolução científica nem sempre acompanha o avanço moral. Com estes aparatos, promovem um sofrimento requintado, calculado, direcionado para a subjugação, a vampirização, a perpetuação de posições de mando e de poder. Neste caso, a presença de “intrusos” é detectada através de aparelhos, e armadilhas são dispostas para capturar quem se aventure a perturbá-los. Tais Espíritos, que se comprazem em disseminar a dor e a aflição naqueles que caem em suas garras, utilizam largamente o hipnotismo e o magnetismo no domínio de mentes fragilizadas, tornando-as suas escravas, modelando e induzindo a auto-modelação de seus perispíritos, transformando-os em seres animais. Promovem, como se fossem cirurgiões, intervenções perispirituais em encarnados e desencarnados, com o objetivo de implantar células fotoelétricas com gravações, cuja ordem é o suicídio nos primeiros e a subjugação nos segundos. Planejam e executam acidentes, guerras, escândalos, atentados e influenciam negativamente em um sem número de torpezas terrenas, com a ajuda da invigilância dos encarnados.

Quando alguém resolve fazer frente a um plano engendrado por essas legiões, atrai para si todo o peso da crueldade que as caracterizam, razão pela qual torna-se necessário ao

“ousado aventureiro” ter o respaldo da espiritualidade superior, para não cair fulminado frente a pressão de que é objeto.

O vigiar e orar assume, nessa ocasião, o roteiro luminoso que o conectará aos trabalhadores do bem, que jamais os deixarão expostos ao perigo, sem as devidas reservas de segurança. O plano espiritual, em amparo a seus colaboradores conscientes e operantes, tudo fará para neutralizar as investidas que contra eles serão praticadas.

Que médiuns e doutrinadores cumpram este preceito, vigiar e orar, e a sombra, diante da luz gerada, não terá forças para abatê-los. Quem vigia, tem os olhos abertos para os perigos da estrada. Quem ora, tem a mente fechada à penetração de maus pensamentos. Quem vigia e ora, tem o coração e a mente receptivos aos conselhos e intuições dos amigos espirituais. Em se tratando de reuniões mediúnicas, a ausência desse preceito é desastre na certa. Estejamos atentos, de vez que a treva sempre está.

2. Autoridade moral

Toda autoridade moral que um Espírito, encarnado ou desencarnado, possa ter, vem das prioridades que faz e com as quais administra sua vida.

A prioridade do doutrinador, do médium, e de qualquer Espírito encarnado ou desencarnado, deve ser de cunho espiritual. A matéria é necessária ao Espírito apenas como uma ferramenta da qual se utiliza para a execução de algo, no caso, a evolução. Não são os bens materiais e perecíveis que devem gerir seu destino, pois sendo acessórios, cedem lugar ao que é realmente essencial, os bens espirituais.

Apesar de reagir incessantemente um sobre o outro, o mundo espírita preexiste e sobrevive ao mundo material. Ocorre que Deus, em sua sabedoria, criou os mundos materiais para que os Espíritos exercitem a inteligência, harmonizem-se com a justiça através das expiações, contribuam com o progresso por meio de criações menores. É a porta aberta à justiça e ao progresso, que nunca se fecha. Em qualquer estágio do espaço evolutivo, ela sempre existirá.

O Evangelho de Jesus é rico em chamamentos para o Seu reino, e sábio na seleção das verdadeiras prioridades evolutivas. *Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe mais que a mim, não é digno de mim; aquele que ama a seu filho ou a sua filha mais do que a mim, não é digno de mim.* (Mateus, cap. X, v. 37.); *Todo aquele que tiver deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por causa do meu nome, receberá o centuplo, e herdará a vida eterna.* (Mateus. Cap. XIX, v. 29); *Quem toma do arado e olha para trás, não está apto para o reino de Deus.* (Lucas, cap. IX, v. 62)

Na belíssima poesia, pois é também um poema, além de um conselho evangélico, *Olhai as aves do céu*, Jesus resume de forma incomparável a prioridade do ser humano, caminhando ou habitando qualquer pedaço de terra deste planeta: *Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça, e todas as outras coisas vos serão acrescentadas.*

A autoridade moral do Espírito decorre de suas escolhas, de sua prática, de quanto amor ele tem para oferecer. Aqui não cabe os discursos vazios, instantaneamente

reconhecidos pela falta de ressonância. Na doutrinação, o Evangelho tem que ser citado com o respaldo da prática, senão na íntegra, pois tal exigência tornaria as reuniões mediúnicas vazias, mas, no mínimo, com a vontade ativa de segui-lo, acompanhada de tentativas sinceras de praticá-lo.

Sem essa autoridade moral, pelo menos um pouco acima do comunicante, este se sentirá à vontade para zombar de quem, na sua interpretação, representa um papel para o qual não está preparado e para “desobedecer” às determinações e conselhos pronunciados “contra ele”. Na condição de inimigo, pois é assim que inicialmente comparece, analisa, observa, procura pontos fracos, provoca, e tudo faz para tirar o doutrinador de sua calma, de vez que o clima de insegurança e de revide lhe é favorável.

Para ele, cujo proceder não se submete à ética nem à caridade, muito pelo contrário, pois agride e difama a todos, não há limite que o detenha, a não ser a autoridade moral da equipe que o obrigou a comparecer à reunião e do doutrinador que o escuta e aconselha com autoridade e respeito.

Na minha adolescência, freqüentando a mocidade Espírita, já participava de um grupo mediúnico. Um dia, meu velho amigo Chico Lopes, o doutrinador, adoeceu. Não havia ninguém para substituí-lo e um irmão caridoso ofereceu seus préstimos para a empreitada. Na primeira comunicação, o Espírito, identificando o quadro pelo qual passávamos, vociferou: *Já derrubei um, que agora está gemendo no fundo de uma rede*. E voltando-se para o substituto do doutrinador, disse: *A você eu não preciso derrubar. Basta que eu diga o que estava fazendo sábado à noite*. O clima de mal-estar foi inevitável. O doutrinador substituto talvez não estivesse fazendo nada que lhe arranhasse a moral no citado dia. Poderia até mesmo estar orando. Mas a calúnia estava lançada, o substituto envergonhado, e as cabeças invigilantes pensando mil histórias escabrosas. Quanto a dizer que promovera a doença no doutrinador, mera fantasia para provocar medo nos médiuns e dar a si próprio um poder que não possuía.

Felizmente, na outra semana ambos estavam de volta, o doutrinador e o Espírito fanfarrão, que teve de justificar suas mentiras sob o peso da energia dos lanceiros da casa.

Diante do desejo saudável de ser um doutrinador, ninguém precisa esperar a santidade para exercitar-se em tão enriquecedora experiência. Todavia, é grande imprudência desprezar a aquisição de um pouco de virtude no campo evangélico, escudo e proteção contra as investidas das sombras. Considerado inimigo, e como tal caçado por aqueles que se interessam pelo mal, o doutrinador, sem esta armadura, terá grandes dificuldades de receber o amparo dos bons Espíritos e, ao mesmo tempo, elástica facilidade de ser abatido pelos maus.

O “ajuda-te que o céu te ajudará” aqui tem enorme importância. E bem tolo é aquele que pensa em dons gratuitos dados por Deus sem o suor de cada dia. Que ninguém se engane. Reunião de desobsessão tem sua face de guerra. São dois exércitos que se digladiam, cada qual com suas armas. Em um exército, o soldado é mandado pelo cabo, que é dirigido pelo sargento, que recebe ordens do tenente, que presta contas ao capitão... todos observados pelo general. Na casa espírita somos meros soldados. Nossa autoridade ainda não nos permite a divisa de cabo, mas somos soldados, e como tal devemos agir.

E é com essa autoridade de soldado do Cristo que devemos adentrar uma reunião mediúnica e fazer o bom combate, sempre vibrando pela vitória do bem e da justiça. Nosso comandante estará conosco, segundo sua promessa. Não desanimemos, aquele que perseverar até o fim será vitorioso.

3. Confiança nas equipes

Sem confiança, ou seja, sem fé, qualquer empreendimento corre o risco de naufrágio, mesmo em mar calmo. O clima de oscilação entre a dúvida e a certeza, a ansiedade gerada pela desconfiança em quem chega e em quem parte, a perda de energias e de tempo na elaboração de planos de defesa, o desapareço que a falta de consistência nas ações provoca, o desconhecimento do terreno em que a equipe se locomove, a incerteza diante da sensação de desamparo, o medo do desconhecido, dentre outros estados psíquicos desanimadores, são fatores contundentes para o fracasso do grupo.

Sem confiança, geradora de sintonia e de amizade, é melhor o grupo não se aventurar a nenhum trabalho no campo da mediunidade, pois o resultado pode ser a obsessão para alguns de seus elementos, senão para todos.

Quando o doutrinador confia em sua equipe encarnada e vice-versa, todos já estão a meio caminho para a realização de um bom trabalho. Ele deve estimular seus liderados ao estudo e aprofundamento doutrinário, ao desenvolvimento da autocrítica sobre si próprio e sobre suas comunicações, a controlar e reconhecer as reais intenções dos comunicantes, a perseverar na reforma íntima, estabelecendo um clima de fraternidade capaz de unir a todos. O dirigente é apenas um elemento aglutinador que procura fazer convergir as energias do grupo para determinado fim, as comunicações harmoniosas.

Por esta razão, não pode agir como um déspota, estabelecendo regras sem a discussão e a aprovação de todos. Deve ser imparcial, sem preferências, sem elogios ou bajulações. Todavia, o estímulo para que todos perseverem com força, ânimo e coragem é bem vindo.

Uma comunicação mediúnica pode até conter certa desordem emocional, devido às características do comunicante. É preferível assim, a que ela seja desfigurada a pretexto de se tornar harmoniosa. É importante que o doutrinador conheça as reais condições do visitante para bem argumentar sobre as questões que ele traz. No lugar de descaracterizá-las, colocando sobre ele uma camisa de força, o médium deve controlá-las, suavizá-las, dominá-las, evitando que o comunicante se expresse através de gritos e pancadas sobre a mesa. O médium, como primeiro enfermeiro do Espírito a quem atende, deve fazê-lo entender que qualquer assunto pode ser entendido quando se fala, e fica mais difícil de ser resolvido quando se berra.

A equipe desencarnada conhece o potencial do grupo, o grau de flexibilidade de cada médium, o estado físico e psíquico de cada componente no dia da reunião, por isso cabe a ela estabelecer a ordem das comunicações mediúnicas. A relação dos comunicantes, a ordem de atendimento, as emergências, os médiuns que deverão atuar naquela noite, tais procedimentos devem ser executados pela equipe espiritual orientadora do grupo.

A confiança que nutrimos na equipe orientadora dos trabalhos não deve ter ranhuras. Ela sabe o que faz e nós nem sempre sabemos as razões pelas quais as coisas acontecem de um modo, e não de outro. Se houver necessidade e conveniência, o assunto será abordado e esclarecido; caso contrário, esgota-se com os comentários pós-reunião.

Não é necessário dizer que os amigos espirituais tudo fazem para proteger o grupo das investidas de seus inimigos, quando existe confiança de ambos os lados. Até mesmo destacar milicianos em residências e junto a pessoas ameaçadas, quando a situação exige,

eles fazem. As regras da confiança não permitem que amigos verdadeiros sejam abandonados à própria sorte.

Quando o doutrinador diz para um Espírito que teima em zombar de sua boa vontade em ajudá-lo, você vai perder a visão, ou a audição, ou os movimentos, ou a voz, estando convicto de que isto acontecerá, geralmente não erra. Mas se ocorrer que a sua intenção não seja concretizada, deve ter a humildade de reconhecer suas limitações, ou até mesmo que foi superado pelas habilidades do visitante, sem sentir-se, contudo, abandonado ou culpado. O plano espiritual cuidará dele, pois o bem, unido e consciente de sua força, sempre encontrará recursos para se defender.

A confiança é a base de sustentação que fortalece o grupo, fazendo-o vencer o tempo e as dificuldades. Esta confiança seus inimigos não possuem, pois agem com arrogância, autoritarismo, crueldade, fatos que os fragilizam.

Portanto, com alguma coisa contra alguém pertencente ao grupo, encarnado ou desencarnado, é melhor reconciliar-se primeiro e trabalhar depois. Em se tratando de reuniões mediúnicas, fechadas as portas da confiança, abrem-se as portas da dúvida, caminho direto para o fracasso. Acredito que possamos resumir assim nosso ponto de vista.

4. Disciplina

Disciplina é tema obrigatório para quem mantém intercâmbio com o plano espiritual. Aliás, observando com mais rigor as leis e o equilíbrio universal, notamos, de imediato, que eles são regidos pela disciplina. Não podemos falar de ordem nem de progresso sem ter a disciplina como aliada. Portanto, estabeleçamos, como diz velho amigo espiritual, os três mandamentos do médium e do doutrinador: disciplina, disciplina e disciplina.

Aqui não relacionamos a disciplina apenas a horários, mas a hábitos e atitudes. O estudo metódico, a reforma íntima, as condições alimentares, a higiene física e mental, os excessos e desregramentos, enfim, devem ser regidos sob a vontade ágil dessa virtude.

Um cavalo bravio não se deixa montar e pode agredir quem dele se aproxima. Um cavalo adestrado serve de montaria e de instrumento de trabalho para quem dele necessite. O médium não precisa ser esse cavalo indomado, rebelde às instruções de quem tenta orientá-lo. Cavalo e cavaleiro, cada qual naquilo que lhe compete, formam uma dupla que reúne força e inteligência, amizade e trabalho, requisitos indispensáveis à realização da tarefa para a qual se uniram.

Alguém pode argumentar que a disciplina torna o grupo previsível e monótono. Ledo engano. Não existe uma única reunião mediúnica que seja igual a outra em sua dinâmica, embora as regras que as orientem sejam as mesmas. O sol nasce todos os dias, mas cada amanhecer e entardecer têm cores diferentes. E é essa certeza, de que ele surge a cada alvorada e desaparece a cada anoitecer, que torna a noite bela e o dia cheio de esperanças.

O homem disciplinado nas verdades divinas é sempre mais difícil de ser vencido, pois não se deixa dobrar pelo tempo nem pelas dificuldades. Não entra em negociações com as coisas santas, não aceita a injustiça, não acata a maledicência, não dá abrigo ao orgulho, não se deixa subornar pela vaidade. O homem disciplinado repudia por sua própria força moral, pelo campo de honestidade que forma ao seu redor, qualquer investida contra a sua postura, pois um velho reconhece um homem digno a quilômetros de distância.

Se cada homem tem o seu preço, o preço do homem disciplinado é a execução de sua vontade firme. Se é para fazer, ele faz. Se é para dizer, ele diz. Se é para morrer, ele morre. Assim, não existe espaço para meia disciplina em uma reunião mediúnica.

A teoria da incerteza, válida para a mecânica quântica, jamais se harmonizaria com a mediunidade, onde a disciplina esforça-se para tudo encaminhar para a certeza. Não estamos afirmando que médiuns e doutrinadores devam agir como robôs nem renunciarem a seus desejos e divertimentos por conta de ações castradoras e autoritárias a serem seguidas. Lembramos apenas que hábitos e atitudes saudáveis contribuem para que tenham companhias igualmente saudáveis. Que a improvisação é responsável por danos e fracassos nos grupos mediúnicos. Que sem a observação de algumas normas disciplinares básicas, todo o grupo poderá comprometer-se com a obsessão, não como ferramenta a ser erradicada em terceiros, mas em si próprio.

Pessoas afeitas à indisciplina devem afastar-se das reuniões mediúnicas, pois, em assim procedendo, estarão favorecendo a si e ao grupo, interessado em fazer um bom trabalho, maior segurança contra a obsessão.

André Luiz, estudioso do assunto e escritor desencarnado, comentando sobre a disciplina, diz: *Se você não acredita na disciplina, observe um carro desgovernado.*

É sobre freios que ele nos fala, quando lembra a disciplina. Como os freios do veículo são armas poderosas contra acidentes, a disciplina na reunião mediúnica é possante anteparo contra as obsessões.

5. Amor

Quando inicio qualquer texto sobre o amor, logo me vem à mente as palavras da I Epístola de Paulo aos Coríntios, onde alguns tradutores julgaram por bem utilizar a palavra caridade no lugar de amor. Pensando bem, não se pode ser caridoso sem amar, nem ter amor sem praticar a caridade. Decorre daí que, pelo menos para mim, qualquer tradução que utilize o amor ou a caridade está absolutamente correta.

O amor parece ser o diamante mais valioso e mais raro deste planeta. O amor de Madre Teresa, de Gandhi, de Francisco de Assis, matou a fome e a sede de milhões de necessitados. Não falo da fome material apenas, mas da carência de afeto, de esperança na bondade humana, de amparo na mais profunda mendicância.

O amor não escolhe hora nem ocasião para agir. Vasculha o lixo em Calcutá, lava os banheiros na Índia, banha os hansenianos na Itália. Faz companhia ao bem para fortalecê-lo e ajuda o mal para soerguê-lo. Enxuga a lágrima, anestesia a dor, sacia a sede, fecha a

ferida, abre o coração. Nenhuma arma é tão poderosa quanto o amor, pois ele não se detém diante da limitação da morte nem se espanta com a grandiosidade da vida.

O amor possui uma vibração tão sutil que penetra no mais empedernido coração. Se existir nele apenas tênue capilar, ele o encontra. Se for um sepulcro onde a alegria jaz, ele o rejuvenesce. O amor não perde o estímulo diante de nada, pois até mesmo o seu antípoda, o ódio, é o primeiro a receber seu amparo e assistência.

Claro que o doutrinador não dispõe ainda de tão dilatados recursos, conquistados apenas pelos bons Espíritos. Mas não deve ser indiferente à dor alheia. O sofrimento de quem o visita pelas portas da mediunidade deve sensibilizá-lo e ter como acolhida a disposição fraterna de auxiliar. O doutrinador não deve deixar sair o sofredor, o obsessor, o infeliz que o visita ou quem lhe é destinado por força da função que exerce, sem adicionar-lhe algumas filigranas de luz.

A palavra consoladora para os aflitos, a energia para os zombadores, o aconselhamento para os aturdidos, a esperança para os desgraçados, o amor para todos. Mesmo o agressor que fere, o orgulhoso, o prepotente, o que planeja ataques à sua honra, é digno de amor, pois no íntimo todos são infelizes e devedores da lei.

Mas o doutrinador é humano. Às vezes - e é melhor que seja muito raramente, quando não puder ser nunca - perde as estribeiras. Se isto acontecer um dia, que não fique desanimado ou pense em desistir. Os instrutores compreendem nossa fragilidade e nos estimulam a não mais cometer tais embaraços. Nada de ficar desmotivado, considerando-se incompetente, incapaz para a função, mesmo porque existem comunicações cujo visitante vem com a missão específica de desafiar, testar a paciência, por o dedo na ferida, desmoralizar. Porém, se o caso é freqüente, é melhor dar uma parada e lembrar aquelas velhas lições sobre vigilância e oração.

A Doutrina Espírita aconselha o amor e a instrução a seus discípulos. O primeiro, asa do coração, desenvolve as emoções positivas, o sentimento fraterno, o sair de si para acolher o que está fora. A outra, asa da mente, expande o conhecimento, fortalece a razão, guia ao rumo certo todos os projetos. Com essas duas asas, o aprendiz de qualquer tema estará bem equipado, e não importa quantos obstáculos encontre, ele os transporá.

Se o projeto é doutrinário, a Doutrina Espírita agradece pela inspirada escolha. Mas se o projeto é amar, o mundo inteiro se curva a tão abençoadas mãos.

6. Embasamento doutrinário

Para entender qualquer doutrina é preciso um estudo aprofundado de seus postulados. Quais são os seus princípios, sua excelência, suas restrições, enfim, como ela procura encaminhar para Deus os seus adeptos.

A Doutrina Espírita é relativamente nova, mas alguns de seus princípios básicos são tão antigos quanto o homem. Podemos considerar o Espiritismo como uma doutrina científico-filosófico-religiosa que tem como base a existência de Deus, tido como inteligência suprema e causa primária de todas as coisas, a sobrevivência da alma e a sua comunicabilidade com os Espíritos encarnados, a reencarnação, pela qual todos os Espíritos

gradualmente se aperfeiçoam intelectual e moralmente, a pluralidade dos mundos habitados, ou seja, planos habitados que oferecem um âmbito universal para a evolução dos Espíritos e a lei de causa e efeito, pela qual se interligam as vidas sucessivas, resultando em um destino condizente com os atos praticados por cada Espírito.

Mas o Espiritismo é um grande desconhecido. No Brasil, ele assumiu preponderantemente o aspecto religioso, no que se exaltam as virtudes, o amor a Deus e ao próximo, a veneração pelos bons Espíritos, a prática da caridade, dentre outras atitudes positivas. Esse é o aspecto que se sobressai, que não encontra equivalência nem na ciência nem na filosofia.

Ao doutrinador interessa as três faces da Doutrina, porque vai lidar, em algumas ocasiões, com mentes altamente treinadas em argumentação e discussão, que o reduzirão a pó, sem piedade ou remorso pelo que fazem, caso ele não esteja preparado para o que se propôs. É sempre bom lembrar que conhecimento científico não é sinônimo de avanço moral. Na espiritualidade, em zonas de penumbra, localizam-se legiões de Espíritos cuja preocupação diária é barrar a caminhada da luz. Seus dirigentes se destacam pela crueldade, mas também pela inteligência. Reúnem em torno de si conhecedores da psicologia humana, do magnetismo e do hipnotismo, de tecnologia avançada, de jurisprudência, de filosofia, sendo hábeis sofistas e experimentados manipuladores.

O que dizer a pessoas assim? Que existe uma lei de causa e efeito que irá alcançá-las mais cedo ou mais tarde? Isso elas sabem. Que irão reencarnar um dia, e que segundo seus deméritos poderão nascer surdas, cegas, doentes mentais, portando hanseníase? Esta lei elas conhecem. Podemos orar e aplicar-lhes passes. Esse procedimento ajuda, quando elas não vêm preparadas mentalmente para repelir nossos fluidos.

Aqui a batalha é de coração e mente. A mente, com a ajuda da codificação kardeciana, mantém o diálogo no campo da lógica. O coração busca a brecha para penetrar na couraça quase inexpugnável. Digo quase, porque tais Espíritos, assim como nós, têm um ponto fraco, uma fresta, uma emoção represada em algum dique, soterrada e escondida propositalmente, para não enfraquecê-los. Os mentores que nos orientam, utilizam a intuição, as regressões de memória, imagens (mostradas durante a doutrinação) de pais, avós, esposas, filhos, amigos, pessoas caras ao comunicante, pesquisadas e encontradas em qualquer lugar do mundo (para os mentores a distância não é obstáculo), e assim vão fechando o cerco, na tentativa de fazê-los entender que quanto mais longe se vai no caminho do mal, mais próximo se fica do sofrimento e das pesadas expiações.

Dissemos acima que todo Espírito tem um ponto fraco. Melhor seria dizer vulnerável, pois na verdade, embora “hibernando” ou em forma de “esporo”, ele representa aquilo que ele possui de melhor, ou seja, uma pepita de ouro em meio a toneladas de lama e cascalho. Se ela não aflora é simplesmente pela vontade de seu possuidor em mantê-la escondida, temendo ser dominado pela luz que ela reflete, fragilizando-o. Aqui é notória a inversão das palavras. O ponto que ele julga ser frágil é, na prática, seu ponto forte, seu salva-vidas. E aquilo que ele interpreta como fragilizar, para a sua evolução moral é justamente o que o tornará forte na hora suprema da decisão que, mais cedo ou mais tarde, terá que tomar.

Como embasamento doutrinário entende-se não somente as obras de Kardec. Elas são prioritárias, mas não suficientes. O plano espiritual avançou muito em tecnologia e já não é o mesmo no qual Kardec fez suas pesquisas. Vê-se hoje descritas nas obras de André Luiz, Manoel Philomeno de Miranda, Yvonne Pereira, dentre outros autores, a existência de verdadeiros laboratórios, onde Espíritos trevosos fazem cirurgias, introduzindo células

fotoelétricas no cérebro perispiritual de encarnados, manipulam computadores, modelam o perispírito, imprimindo-lhes formas de animais, e utilizam técnicas tão avançadas que nossos melhores técnicos desconhecem.

É preciso conhecer e identificar, senão toda essa tecnologia, mas o máximo que se possa saber sobre o assunto, formando grupos de estudos que aprofundem temas como mediunidade, obsessão-desobsessão, doutrinação, dentre outros correlatos.

Assim como quem canta, fala consigo, quem doutrina, ensina a si próprio. A voz do doutrinador não deve restringir-se somente aos enfermos da alma no interior de um centro espírita. Deve soar forte em seu Espírito, fortalecendo-lhe a fé que deve ser inabalável. Ali ele fala, às vezes, para vários Espíritos, através de um, escolhido pelos mentores para o diálogo. Repercute, através de ligações feitas pelos instrutores espírituais ou mesmo por comparsas daquele que é enviado para intimidá-lo, com o conhecimento e a permissão dos mentores, nas furnas sombrias de onde ele veio, pois a palavra sábia e bem empregada sempre germina. É a doutrinação coletiva.

Ser doutrinador é uma responsabilidade grande e meritória. Todavia, sem sólido embasamento doutrinário ninguém estará à altura de tão nobre missão. Se o desejo é doutrinar, o bom senso aconselha estudar. Quem diz doutrinar, espera uma resposta não menos que arar, amar, disciplinar, e outros hábitos salutares.

7. Cultura geral

O doutrinador tem o privilégio de dialogar com personagens de inúmeros dramas vividos pela humanidade em diversas épocas e em variados países. Citando minhas experiências, já conversei com Espíritos que participaram das Cruzadas da Idade Média, da Inquisição, do massacre na Noite de São Bartolomeu, da Revolução Francesa, Revolução Russa, escravidão no Brasil, I e II Grandes Guerras Mundiais, atentado terrorista no World Trade Center, dentre outros.

Como dialogar com alguém sobre determinado assunto se o desconhecemos? Como argumentar ou rebater argumentos com evasivas ou com o silêncio? Não é à toa que o “amai-vos e instruí-vos” é o estandarte dos espíritas e regra básica na doutrinação.

O visitante sente-se melhor amparado quando encontra alguém que conhece as nuances do seu drama; que fala a sua linguagem, entende suas razões, que elas tiveram como causa os acontecimentos que o atropelaram. Sente-se seguro ao ouvir nomes, fatos, datas, e entende que está diante de alguém em quem pode confiar, pois além da solidariedade, ele oferece também seus conhecimentos.

Quando se conversa com alguém que precisa fazer uma catarse, e este alguém tem o pensamento fragmentado, com lacunas, ou está com amnésia, é preciso incentivá-lo, orientá-lo, preencher espaços vazios da sua mente, seqüenciar os fatos que estão desordenados, recompor sua história de vida. Tudo isso esbarra na dificuldade, se o doutrinador desconhece o contexto histórico vivido pelo visitante.

Não estamos querendo impor ao doutrinador a enciclopédica missão de tudo conhecer, neurotizando-se se não conseguiu-lo. Estamos lembrando que um diálogo se faz com uma seqüência de palavras lógicas e adequadas, proferidas por ambos os participantes

que elegend um tema para conversa. Quando somente um fala, temos um monólogo, e este não é essencial na doutrinação.

Pelo menos os fatos históricos geradores de obsessão ele deve conhecer. Quem inventou a roda ou ensinou o canguru a saltar, não consideramos necessário para um bom doutrinador. Igualmente o isentamos, a não ser que ele queira enriquecer sua bagagem intelectual, ou por conta da luta pela sobrevivência que aparenta uma guerra, aprender a falar idiomas estrangeiros. O Espírito comunica-se pelo pensamento, que é uma linguagem universal. Este exterioriza-se através do idioma utilizado pelo médium. Quando algum comunicante utilizar outro idioma que não o do doutrinador, este tem a autoridade para solicitar a mudança para o idioma pátrio.

Sendo o Espiritismo uma doutrina de cultura, e sendo a doutrinação uma ferramenta básica no exercício da desobsessão, que por sua vez é parte importantíssima da prática doutrinária, inútil seria argumentar contra a aquisição de cultura geral, tanto para utilização no trabalho desobsessivo quanto para a evolução de uma maneira geral.

Os adeptos do comodismo não se adaptam bem nas hostes espíritas. Nestas, a ordem do dia é evoluir. E, como se sabe, evolução pode rimar com acomodação segundo as regras ortográficas da poesia, não nas exigências evolutivas do Espírito. Com as palavras conscientização e ação os doutrinadores podem fazer mil versos. Mas com a palavra evolução Deus fez apenas um verso. O universo.

8. Intuição

Intuição é o ato de pressentir, como se um aviso fosse dado antes do fato acontecer. E na maioria das vezes, em se tratando de reuniões mediúnicas, é realmente um aviso de um bom Espírito que nos alerta. Todavia, a intuição, possibilitada pela sintonia mental, decorre da similitude de pensamentos, o que depende mais do esforço do doutrinador em elevar a sua vibração mental através da prece e da reforma interior, que do mentor, geralmente portador de méritos mais amplos.

Através da intuição, o doutrinador recebe sutis comandos que o auxiliam a tratar, à sua maneira, pois não é uma marionete, os assuntos mais intrincados. Isso ocorre naturalmente, muitas vezes, sem que ele perceba que foi teleguiado em algum gesto ou palavra. Mas, mesmo sabendo da existência de amigos que o auxiliam, deve preparar-se como se fosse enfrentar sozinho a situação. Se ele fica sempre no aguardo de inspirações, intuições, comandos, torna-se ansioso, dependente deles, correndo o risco de acatar sugestões oriundas de outras fontes, devido a sua inadequada sintonia.

O doutrinador deve estar sempre atento a qualquer interferência mental, ou seja, na existência de uma outra mente, situada próxima ou a distância que, forjando uma sintonia, emite uma mensagem, cujo teor é preparado para se fazer passar por uma intuição do mentor. Esse truque, bastante conhecido e utilizado por técnicos trevosos, visa a desacreditá-lo em seus diálogos, só havendo um meio realmente seguro de evitá-lo: a sintonia adequada com o mentor, aliada a uma severa fiscalização das mensagens que

chegam aos seus ouvidos. Ele deve estar certo de onde partiu a intuição para poder usá-la. Pode e deve questionar diante da dúvida: de onde veio, por quem veio, para que veio a mensagem?

Com o passar do tempo, o aprofundamento no estudo, a alegria pelo trabalho, a cumplicidade gerada forma um plug que liga seus pensamentos ao do mentor, mesmo fora da reunião. O doutrinador passa a reconhecer as mensagens pelo estilo, a vibração, o sentimento que aciona uma luz, um perfume, uma lembrança, coisas impossíveis de serem imitadas por técnicos das sombras.

Como no trabalho honesto, material ou espiritual, somos mais facilmente encontrados pelos mentores, cabe ao doutrinador escolher ambientes, companhias, leituras, conversas, garantindo a si companhias equivalentes e mensagens condizentes com a situação a que se permite desfrutar.

Sintonia é algo que não se deixa subornar. Estamos sempre rodeados por companhias eleitas por nós, que só se afastam quando as mandamos embora. Amemos nosso trabalho. É aí que se inicia e se pratica a intuição.

É assim que diz o salmo: *mesmo andando pelo vale da sombra e da morte, nada temerei, porque o Senhor está comigo*. É com esta certeza que chega a intuição aos ouvidos do doutrinador consciente de sua responsabilidade, vindo dos mais distantes aglomerados estelares.

9. Preparo para o sono físico

Sabe-se que o trabalho mediúnico se prolonga durante a noite, enquanto o corpo físico dorme e o Espírito permanece em atividade. Reúnem-se durante o repouso do corpo, médiuns, doutrinador, equipe desencarnada e traçam planos para resgates, promovem conversas entre obsessores e obsidiados, encontros de perseguidores com alguém capaz de dissuadi-los da obstinada vingança, aprofundam estudos, dentre outras tarefas, podendo toda esta atividade, ou parte dela, aflorar no dia seguinte, em forma de lembranças vagas ou até mesmo de ordem irrecusável, quando a condição exige tal emergência.

É bastante comum o Espírito, ao comunicar-se em uma reunião de desobsessão, mencionar algum procedimento executado envolvendo ele e a equipe, notadamente entre ele e o doutrinador. Quando tal metodologia é seguida, este chega mesmo a reconhecer a problemática do visitante, dando-lhe direcionamento adequado, conforme planos já traçados, como se uma ordem secreta o impelisse para determinado desfecho.

A convivência noturna com os mentores fortalece os vínculos da amizade, resultando em sólida repercussão na sintonia e, conseqüentemente, nas intuições. O doutrinador tem também a oportunidade de participar de trabalhos e pesquisas efetuadas por técnicos espirituais, desempenhar uma função regular junto aos desencarnados, como ser professor, por exemplo, enfermeiro, palestrante, e pode ainda ser aluno de alguma Universidade cujo curso lhe interesse. Tudo isso, e mais ainda, se for fiel à missão que desempenha.

O preparo para este trabalho começa na disciplina diária. Ao dormir, deve o doutrinador fazer a sua prece, solicitando a Jesus a permissão para encaminhar-se para junto de seus amigos espirituais. Alimentação leve, programas de televisão sem ênfase na violência ou no exercício sexual desregrado, corpo relaxado e espírito em paz, ele alçará vôo para o plano dos seus pensamentos.

Se onde está o tesouro do homem está também o seu coração, fácil se torna verificar para onde cada Espírito se dirige após cerrar os olhos carnaís. Por várias vezes tenho escutado do dirigente da nossa casa espírita: *moderação quanto aos programas de televisão!* Uma boa leitura, uma música suave, uma comédia romântica, uma conversa amigável com os filhos, são boas opções para o leitor que intimamente se perguntou: diante de tantas restrições, eu faço o que?

O livre arbítrio permite ao homem, doutrinador ou não, a companhia dos anjos ou dos demônios. Se o plano espiritual oferece a seus freqüentadores tantos ou mais atrativos que o plano material, com a diferença de que aquele não exige moedas, apenas sintonia, os perigos são consideráveis para um doutrinador, ainda não persuadido do seu dever, evadir-se.

A noite é boa conselheira, dizem, mas apenas para quem sabe estabelecer corretamente suas prioridades. Nesse contexto, a antiga prece que minha mãe me ensinou, *com Deus me deito, com Deus me levanto*, é regra áurea para o doutrinador. E como entre o deitar e o levantar existe um longo espaço de tempo, aconselho a que também diga: *com Deus caminho*. E se ele já possui conhecimentos e habilidades para levitar, que enfatize ainda: *com Deus levito*. Pois, sem querer assustar ninguém, neste campo todo cuidado é pouco e todo pouco é louco.

10. Tato psicológico

Chamo de tato psicológico, por não encontrar outro termo mais adequado, a sensibilidade que a pessoa tem diante do sofrimento. É o conhecimento, às vezes sem saber explicar como, da dor alheia, de suas motivações, seus fundamentos, e saber dizer, na hora certa, a palavra que fortalece, acalma, redime.

Muitas mães, pois há um pouco de doutrinador em todas elas, possuem esse poder diante de seus filhos. Na verdade, há profissões que favorecem o desenvolvimento dessa faculdade, e aqui não falo de faculdade mediúnica, embora ela possa fortalecer o exercício desse “dom”. Religiosos de uma maneira geral, médicos, professores, em seu convívio e partilha de sentimentos diante da miséria humana, acabam desenvolvendo maneiras de amenizá-la.

O tato psicológico, que parece desenvolver-se através da necessidade de doação e da expansão do sentimento fraterno, pode ser aperfeiçoado pelo estudo. A psicologia humana, ao procurar desvendar os segredos, as necessidades, a patologia da alma, é uma excelente disciplina à disposição do doutrinador.

Fobias, traumas, recalques, complexos, mágoas, melindres, fixações, cristalizações, quem consegue passar incólume por um deles durante a existência terrena? E mazelas maiores, tais como o egoísmo, o orgulho, a vaidade, o ciúme, a intolerância, o ódio, a inveja, todas elas à frente de seus respectivos cortejos de mazelas filhas? Na verdade, a alma humana é campo fértil de plantações e colheitas, cujo estudo minucioso é obrigatório para quem a possui, ou seja, todos.

Ao aconselhar, *conhece-te a ti mesmo*, Sócrates entendia que a felicidade do homem estava na compreensão de suas paixões e desejos que, conhecidos e domados, lhe possibilitaria estabelecer prioridades para si, trabalhando a partir de então para a conquista de suas reais necessidades evolutivas.

Estudando a alma em sua caminhada evolutiva, estamos conhecendo a nós próprios, o que nos permite entender melhor a fragilidade e o heroísmo de todos, aconselhando e sempre trabalhando pelo bem geral.

Se observarmos atentamente a variedade de ações humanas, iremos notar que existe equilíbrio nas forças que nos cercam. Há o que trai e o que salva, o que odeia e o que ama, o que se exalta e o que se “humilha”, o que destrói e o que constrói. Nosso trabalho, enquanto doutrinador, é tentar fazer com que os da retaguarda sigam em frente, e os que estão à frente nos ampare nessa jornada.

No trabalho de auxílio à dor e à alegria alheias, o doutrinador não precisa envolver-se, a ponto de perder seus referenciais com a situação. Deve atender à dor, sem sofrer a mesma dor, suprir a alegria, sem tornar-se prisioneiro dela. Manter o equilíbrio, a sobriedade, a lucidez, o discernimento, sem perder a humanidade. Tato psicológico não implica em pactuar com o outro, mas ajudá-lo a vencer suas dificuldades e carências, desde que ele se permita ajudar, pois há os que são obstinados e preferem ficar no erro.

Enfim, pode o doutrinador meditar, apreciar a natureza, a poesia, a beleza que existe em toda a criação. Isso vai “polindo” sua alma, arejando as frestas por onde penetra a intuição, permitindo que bons ventos a tornem mais sensível ao sofrimento humano. Lentamente ele vai entendendo que toda dor procede da ignorância e que o remédio para todos os males é o amor e a instrução.

E assim, quando ele amar de igual maneira uma pedra e um passarinho, um sapo e uma flor, estará a caminho de ser um excelente doutrinador.

O exercício da doutrinação

11. Desenterrando ossos

Sempre que algum Espírito que se comunica mediunicamente afirma ter feito um pacto com alguém, que o busca ou o espera para o cumprimento da palavra empenhada, preparo-me para um diálogo difícil.

A grande maioria dos Espíritos, independente do seu estágio evolutivo, parece levar muito a sério um pacto firmado. “Compromisso assumido deve ser compromisso cumprido”, dizem.

Em determinado momento da reunião, um comunicante visivelmente aborrecido, contorcendo-se e esforçando-se para livrar-se do jugo que o tolhia, toma a palavra para explicar-se.

- Não posso me afastar daqui! Foi uma promessa que eu fiz! Tenho que ficar junto ao meu túmulo para esperar a chegada de alguém. Empenhei a minha palavra e não vou sair daqui!

Aquilo era um ponto de honra. Já enfrentara situações semelhantes. Respirei fundo e pedi a meu instrutor que me auxiliasse com o máximo de clareza possível. A princípio julguei tratar-se, como é comum, de um Espírito que permanecia junto ao cadáver, esperando o retorno de Jesus, para então tomar posse dele novamente. A técnica que uso em tais casos é simples. Consiste em mostrar que seu corpo não existe mais. Os 80% de água foram absorvidos pelas plantas, o cálcio, o carbono, o nitrogênio, os elementos que compunham seu corpo, enfim, já fazem parte das plantas, dos frutos, do ar, sendo impossível juntá-los novamente. Paralelamente, os instrutores espirituais mostram alguns ossos, cabelos, molambos fétidos, que o convencem da veracidade do fato apresentado. É o pó que volta ao pó, ênfase como argamassa final da argumentação. Algumas vezes, tal revelação gera revolta, de outras, alívio por não precisar mais estar de guarda junto a velhos ossos.

Mas o caso não era este. Percebi isto quando ele citou, quase imperceptivelmente, o nome de uma mulher. Quando ele notou a presença do chefe dos lanceiros da nossa casa espírita, Luiz Tibiriçá, que se fazia acompanhar de alguns cães treinados, ficou mais nervoso e começou a gritar.

- Afastem os cães do túmulo! Eu não vou sair! Não adianta me imobilizar, me agredir, eu não vou sair!

- Ninguém vai maltratá-lo. Estamos aqui para ajudá-lo, desde que nos permita.

- Pois afastem os cães! Deixem-me só! Não compreendem que isso é uma questão de honra?

- Não quer mesmo dizer o motivo pelo qual não se afasta desse túmulo há anos?

- Não! Este é um assunto particular. Não pedi nem admito intervenção em minha vida. Vocês são intrusos que estão violando a minha vontade.

Às vezes, para ajudar alguém, temos que contrariá-lo. A vida precisava seguir seu curso, mas aquele Espírito condenara-se a ficar imóvel, cego para o céu, as flores, a lua, o vento que o convidava a sair do cemitério. Então, convencido de que ele não se dobraria aos meus pedidos, disse com voz firme: cachorros, cavem!

- Não! Não! Não faça isso! Você é louco? O túmulo precisa ficar preservado.

- Então diga-me o motivo pelo qual você insiste em não sair daqui.

- Não! Já lhe disse que isso é um problema meu!

- Cachorros, cavem!

Os cachorros começaram a cavar o túmulo e à proporção que os ossos iam surgindo, ele gritava: *esses não são meus ossos! Quem foi enterrado aí junto comigo? Essa corrente era de Isabel! Que significa isso? Como os ossos de Isabel podem estar aqui junto aos meus? Meu Deus, ela cometeu o suicídio, deve estar no inferno!*

Terrivelmente perturbado, ele começou a citar fatos, como se tivesse sido transportado para outras existências suas. Nesse instante, e isso não é comum, uma outra médium permitiu que um Espírito que assistia ao diálogo participasse da conversa.

- Com sua permissão, senhor, chamo-me Isabel e queria auxiliar este amigo muito amado.

- Como ele se chama?

- Mário.

Chamei o Espírito pelo nome, afirmando-lhe que uma pessoa muito amada por ele queria dizer-lhe algo. Ele pareceu voltar de onde estava e a médium que deixara Isabel interferir no diálogo, segurando as mãos da outra que acolhera Mário, fala-lhe suavemente.

- Mário, não estás em nenhum pesadelo. Eu não me suicidei. Aquilo foi um acidente no qual ninguém teve culpa. Acorda, meu amigo! Vem comigo para o descanso que mereces. Esquece esse pacto. Éramos tão jovens quando o fizemos. Eu tinha apenas quinze anos. Dá-me tuas mãos, porque eu não vou sair daqui sem ti. Jesus é o Senhor dos vivos, pois não há morte em nenhum lugar.

Então eu vi o rosto da médium que auxiliava Mário ir transformando suas linhas, mostrando o quanto a verdade e o carinho podem frente à dor e à aflição.

Ele ainda quis agradecer-me, mas não houve tempo. Como borboleta levada por forte lufada de vento, saiu, levado pelos braços de Isabel. Aquilo me lembrou uma velha canção que minha mãe gostava de cantar, se não me engano, interpretada por Silvio Caldas: *Nos braços de Isabel eu sou mais homem; nos braços de Isabel eu sou um Deus; Os braços de Isabel são meu conforto, quando desço o cais do porto, prá viver os sonhos meus.*

E quem foi que disse que a doutrinação não pode ser uma canção?

12. Troféu de caça

As vezes sonhamos com eventos incompreensíveis, fatos bizarros, cenas extravagantes. Sabemos que os sonhos apresentam imagens reais para o Espírito, e não para a vida corporal. O sonho é, portanto, a lembrança daquilo que o Espírito viu enquanto seu corpo dormia. A dificuldade em nos lembrarmos dos sonhos deve-se ao seguinte fato: sendo o corpo físico composto por matéria pesada e grosseira, oferece muita dificuldade em conservar as impressões registradas pelo Espírito em seus passeios noturnos.

Algumas informações ou pressentimentos podem ou não ser confirmados na vida corporal; de outra feita, cumprem-se apenas para o Espírito em suas andanças fora da matéria densa. É necessário lembrar ainda que, em se tratando de médiuns e doutrinadores, o trabalho a ser feito é planejado durante o sono físico e, após a execução deste, segue-se o prosseguimento, a análise, a conclusão, ou qualquer outro encaminhamento necessário, também por ocasião do descanso corporal que faculta a libertação momentânea do Espírito. O bom médium, ou seja, aquele que honra a sua missão, trabalha em vigília e durante o

sono físico. Encaixa-se em seu desempenho o velho ditado popular que diz: *enquanto descansa, carrega pedra*.

Em manhã de novembro de 2001, uma das médiuns do trabalho desobsessivo contou-me um sonho estranho, no qual participara de um resgate a uma criança paraplégica que estava colada a uma parede como se fosse um troféu de caça. Citou também a presença de animais, cachorros que agrediram no rosto o homem que prendera a criança. Fora uma caçada muito movimentada, segundo ela, na qual Tibiriçá e seus lanceiros aprisionaram o Espírito, que lutara bravamente para escapar de seus guardas.

Na reunião de desobsessão, quase em seu final, entrou no recinto sob escolta de Tibiriçá, um Espírito bastante revoltado, fato de fácil comprovação pela posição que os braços da médium assumiram, pulsos cruzados como se estivesse algemada. Aliás, combinamos tal estratégia com os médiuns: quando o Espírito comunicante demonstrar sinais de revolta ou esboçar reações agressivas, o médium deve cruzar braços e pernas, o que dificulta o ato de levantar-se e virar a mesa, por exemplo. Colocamos tal lembrete neste texto, não porque nossos médiuns sejam deseducados a este ponto, mas para auxiliar companheiros que ainda não despertaram para este detalhe.

Suas primeiras palavras me fizeram reconhecê-lo de imediato.

- Eu quero o menino! Ele é meu! Tem que ficar lá exposto entre os outros troféus, porque não passa de um animal.

- Por que você deseja tanto aquela criança indefesa?

- É meu troféu! Ela é minha! Não vou permitir que esses palhaços vestidos de índios a roubem de mim!

- Acho melhor ficar mais calmo. O cão pode atacá-lo novamente, caso queira aproximar-se dela.

- Cachorro miserável! Vou colocar a cabeça dele em minha parede e, se duvidar, a desse índio também.

- Se eu fosse você, pediria desculpas imediatamente. O chicote que ele traz no ombro pesa bastante.

- E quem disse que eu tenho medo de chicote? Sou um caçador, enfrento tudo que tem vida e que se mexe na minha frente.

- Quero lhe informar que a criança está conosco. Vai submeter-se a tratamento médico e ficar curada. Quanto a você, acredito que será encaminhado para algum reformatório para equilibrar-se mentalmente.

- Pensa que eu sou louco? Solte meus braços e lhe mostro quem é louco aqui.

- Não estou interessado em medir forças com você. Se um dia é da caça e outro do caçador, hoje é o dia da caça. Suas atividades de caçador terminaram. Prepare-se para enfrentar a Lei.

Ele saiu resmungando e ameaçando a todos, mas, dentro de si, sabia que seus dias de guerra estavam terminados. Em seu lugar, apresentou-se a criança paraplégica.

- Minhas costas! Doem muito! Não deixe que ele me pregue novamente na parede.

- Vamos providenciar tratamento adequado para você. Dou-lhe minha palavra de que ninguém lhe fará mal algum.

Aplicamos passes no local afetado e o acalmamos com palavras carinhosas. Mais confortado, ele nos confidenciou: *Bil ficou comigo! O índio deixou*.

- Quem é Bil?

- O cachorro. Olha como ele é bonito!

- Bil parecia um cão “São Bernardo”, daqueles que com pequeno barril amarrado ao pescoço vai ao encontro de pessoas perdidas na neve, para salvá-las.

- Quem lhe deu esse nome?

- Fui eu. É o único nome que eu lembro.

- Quer dizer que não sabe qual é o seu nome?

- Não! Mas o índio está dizendo que é Ângelo.

- É um nome muito bonito.

- O índio disse que agora vou visitar um médico e que depois vou para uma escola.

- É verdade! Quando você estiver curado, vamos fazer uma corrida juntos. Você, eu e o Bil.

Ângelo sorriu e disse: o Bil vai ganhar

- É o que você pensa. Corro tão veloz, que meu apelido aqui é pé de vento.

Ângelo sorriu. Aqueles eram os primeiros sorrisos em anos de sofrimento. Agradeceu a todos e se foi auxiliado por Tibiriçá, sem largar a coleira de Bil.

13. Abandonar pai e mãe

A leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo, marcada para a noite, Cap. XXIII, Moral Estranha, nos levou a variados exemplos de dedicação à causa do Cristo, ministrados por personagens famosas e por pessoas comuns.

A essência do pensamento de Jesus quanto a este ensinamento pode ser assim resumido: *Os interesses da vida futura sobrepõem-se aos interesses e a todas as considerações humanas*. Se a vida é eterna, é justo e sábio que nos preparemos para a sua permanência e transcendência, trabalho que deve ser iniciado nas exigentes batalhas travadas no campo material.

Proferida a prece inicial, logo uma mulher começa a fazer críticas ao que havíamos lido e comentado. Os pais, segundo ela, não mereciam tanta consideração assim, pois milhares deles abandonam os filhos à própria sorte. Eles são muito endeusados sobre a terra, continuou comentando. Existe uma mitificação em torno desses heróis, que nada fazem além da sua obrigação, e quando fazem. A sua presença ali era um atestado da desumanidade dos pais, pois fora abandonada por seus familiares em ocasião que mais precisava de ajuda. Quando falássemos de pais, que tivéssemos a honestidade de fazer ressalvas, fazendo justiça aos bons e desmascarando os maus.

Afirmando que ela não estava de todo equivocada, iniciamos o diálogo perguntando se ela não gostaria de contar a sua história de vida. Quem sabe seu drama não viesse a servir de lição, de encorajamento para alguém?

Ela acalmou-se um pouco, principalmente porque não nos identificou como inimigos, e iniciou:

- Como podemos perdoar, amar, respeitar pais que nos abandonam no momento mais crítico de nossas vidas? Eu fiquei grávida de alguém a quem muito amava. Minha família não aprovava o casamento e me expulsou de casa. Até uma irmã que era freira,

nunca teve um momento para me receber. Quando tive meu filho, nem sequer o toquei. Ele foi tirado de mim no exato instante em que saiu do meu ventre, e nunca mais o vi. Não cultivei por ele nem um tipo de sentimento. Como podemos ter sentimento por alguém que nunca vimos? Não criei laços, mas revolta. Foi um tempo muito difícil. Hoje as pessoas conseguem trabalho com mais facilidade. Onde eu vivi, tudo era seco, inclusive o coração das pessoas. A única saída que me restou foi a prostituição. Em algumas pessoas, essa profissão torna-se um vício.

- Você poderia explicar a relação que você fez da prostituição com o vício?

- No meu caso, sentindo-me humilhada a princípio, fui notando que poderia exercer um certo domínio sobre os homens, a depender da vulnerabilidade, da fragilidade, da carência, e até da bondade de alguns deles. Reconhecia que poderia exercer um poder momentâneo sobre alguns, pois sendo um objeto de desejo, fazia esse desejo exacerbar-se, até que cedia ao que eles queriam. Nesse intervalo de tempo, eu os dominava, sem que eles o notassem. Com alguns homens que me tomavam por confidente, tratando-me mais como uma amiga do que como uma prostituta, eu era generosa. Fazia papel de mãe, de filha, de amante, de alguém que se entrega sem reservas, que doa aquilo que lhe é mais íntimo e mais nobre, exercendo uma cumplicidade digna de pessoas que realmente se amam. Acredito que muitas prostitutas têm fantasias que as ajudam a superar o aviltamento de si próprias. Apreciam galanteios, esperam um salvador que nunca chega, vêem em figuras desonestas, amantes perfeitos. Elas precisam disso para suportarem seus dramas. Eu fui um pouco diferente. Procurava ver os sentimentos das pessoas. Quando meu cliente era muito novo, eu o tratava como um filho e realmente tinha carinho por ele. É muito jovem, ainda não teve tempo para fazer maldades, pensava. Quando era velho, julgava que era algum senhor sem afetos verdadeiros e procurava preencher o vazio que ele trazia. Quando notava que não seria tratada como um ser humano e sim como uma mercadoria, eu me tornava indiferente.

- Você me parece alguém que estudou e que tem certo conhecimento da alma humana.

- É verdade. A escola da vida me deu o título de observadora. O mais interessante é que recebi a permissão de seus superiores para acompanhar qualquer pessoa do grupo que eu escolhesse, a fim de, observando-lhe as necessidades, a boa vontade em servir, a maneira como superam suas dificuldades com o auxílio da fé e da perseverança, instruir-me um pouco mais, mas estou indecisa. Vocês me permitem isso?

- Se nossos instrutores lhe deram permissão, nos deixaremos acompanhar sem constrangimentos.

Isso é um procedimento comum nos grupos mediúnicos que trabalham com obsessão/desobsessão. Claro que esse acompanhamento é restrito aos atos comuns do cotidiano, nos quais qualquer aluno pode deles extrair lições, a fim de convencer-se de que não é o único sofredor no mundo, nem seus problemas são os maiores. A intimidade dos médiuns e de seus familiares não é devassável para tais acompanhantes, que se limitam a examinar a sua honestidade, o grau de fidelidade que ele já conquistou na defesa dos postulados que defende e, sobretudo, se não é um farsante, um hipócrita, desses que adotam o desgastado lema “faça o que eu digo mais não faça o que eu faço”

- Poderia acompanhar o senhor em seu trabalho?

- Claro, se não se importar com gritos de alunos e com raciocínios matemáticos.

- E depois de observar seus problemas, o que farei?

- Decidirá se quer ou não mudar de vida. Se ficará conosco para aprender enfermagem, se partirá para ensinar em alguma escola, se esperará que a mágoa que alimenta adormeça e possa então ir ao encontro de seus pais, enfim, traçará um novo roteiro para sua vida ou permanecerá na rotina que a deixa com esses olhos tristes e esse rosto amargo.

- Entendi. Os senhores querem, sem forçar uma decisão da minha parte, que eu mesma, com meu compasso e régua, trace o rumo da minha vida.

- Exato! E tenho certeza de que esse novo rumo terminará em alguma oficina de trabalho, onde poderá exercitar o grande amor que existe em seu coração.

- O senhor está superestimando as minhas virtudes. Sou apenas uma prostituta.

- Era. Era uma mulher magoada. Agora é uma mulher reformada.

Ela se emocionou um pouco. Acho que ficou com aquela expressão que minha mãe fazia quando alguma palavra mexia com suas emoções. Sempre que iniciou uma história sobre ela, escrevo a seguinte frase: *minha mãe era uma mulher muito bonita. Chorava sem botar água e achava graça sem fazer barulho.*

Não sei por quanto tempo ela me seguiu. Sei apenas que trabalhei alguns dias com mais dedicação ao que fazia, com mais emoção na voz, mais amor no giz, mais carinho nas mãos. Sabia que aqueles sentimentos que se apresentavam inflamados recebiam acréscimo de alguém que estava ao meu lado. Meu coração de alguma maneira registrava sua presença pelos efeitos que sentia na alma. Não sei que caminho ela escolheu, mas espero encontrá-la em alguma escola, em meio a contas, livros e sorrisos.

14. O labirinto

A quantidade de jovens que desencarnam vítimas das drogas e que comparecem às reuniões de desobsessão com sinais claros de alienação é imensa. Imploram algo para acalmar o desespero de que são objeto, solicitam lacrimosamente algum tipo de droga para introduzir em suas veias, mostram os antebraços perfurados, esfregam as mãos como ansiosos prestes a atingir a loucura, gemem, choram, maldizem.

Dentre os desastres provocados pelo homem, as guerras, a corrupção, a exploração dos trabalhadores e tantos outros, as drogas ocupam lugar de destaque pelo volume de vidas ceifadas em plena juventude e beleza. Pessoas inexperientes e inseqüentes, abusando do livre arbítrio que Deus lhes concedeu, agredem a si próprias no insano desejo de obter prazer por vias equivocadas.

O “vale dos gemidos” recebe diariamente centenas de alunos rebeldes com o título de suicidas involuntários, que se condenam a colher a áspera sementeira, espinhos e urtigais, que lançaram sobre o nobre terreno de seus templos carnais.

As estatísticas arrasadoras de mortes prematuras provocadas pelas drogas envergonham nações, põem neve severa nos cabelos paternos, arrancam lágrimas de toda a família e cobrem de luto corações e mentes.

Quando esses jovens desencarnam, levam consigo tormentos que os subjagam. Seus perispíritos, alterados quimicamente pelas drogas, exigem reparações dolorosas e, somente

o imenso amor dos bons Espíritos, que se sensibilizam com a miséria humana, é capaz de aliviar a causticante avalanche de sentimentos desordenados e doloridos que eles trazem.

Assim, para ministrar lições práticas aos encarnados e ao mesmo tempo utilizar de seus fluidos vitais como medicamento, de seus conselhos, pois que muitos desencarnados não conseguem ver nem ouvir técnicos e benfeitores que os atendem, necessitando de um contato mais direto e compatível com a grosseria dos seus sentidos, é que tais irmãos deseducados em seus desejos, adentram as reuniões mediúnicas.

E foi dessa maneira que um jovem, cujo desencarne fora provocado por “over dose” de uma droga injetável, sentou-se à mesa para conversar comigo.

- Tenho que fugir! Mas como sair daqui? Quanto mais corro, mais fico confuso e volto sempre ao mesmo lugar de onde saí.

O médium demonstrava sinais de cansaço, falava com dificuldade e suas palavras eram intercaladas por profundas respirações.

- Por que você precisa fugir desse lugar?

- Porque estou cheio dessa prisão. Aqui a disciplina é dura demais. Não deixam fazer nada que a gente quer.

- E o que você quer fazer que não lhe permitem?

- Você sabe! Já estive aqui conversando com você. O que eu quero é pó, mas nesse presídio tudo é controlado. Não se pode nem pensar, que até mesmo o pensamento é registrado.

- Penso que seria melhor parar de correr e voltar para o hospital. Não vai conseguir sair do labirinto.

- Agora você usou a palavra correta. Isso é um labirinto e o minotauro já vem aí para me levar de volta.

- O enfermeiro que está ao seu lado pode ajudá-lo a retornar para os seus aposentos. Sugiro que o atenda.

- Eu? Você deve estar brincando! Não volto nem acorrentado! Prefiro ficar nessa mata.

- Nunca brinco em serviço. Creio que você deveria concentrar suas energias em libertar-se do vício que o oprime. A prisão que o tortura não é o hospital. Ele é a sua libertação.

- Não saio daqui! Nem arrastado como um cachorro, saio daqui!

- Aprecio sua coragem, embora mal orientada. Previno-o de que não suportará ficar nesta mata nem mais cinco minutos. Segundo informações dos enfermeiros, ela está repleta de aranhas, formigas, escorpiões, areias movediças, dentre outros perigos.

- Se existisse tudo isso aqui, eu já teria encontrado.

Iniciamos a prece e o processo de indução que, auxiliado pelos técnicos espirituais, o fez “ver” e “sentir na pele”, picadas de marimbondos, formigas, aranhas e outros insetos que lhe subiam pelo corpo. Não demorou muito, e ele se viu afundando em areias móveis que o sugavam para o interior do terreno. Aos gritos, ele pediu: *Tirem-me daqui! Por favor, não me deixem afundar. Eu quero voltar para lá.*

- Voltar para onde?

- Para lá!

- Voltar para onde?

Vencido pelo cansaço, ele falou baixinho: *Para o hospital*

E se foi para mais uma tentativa de tornar-se amigo da disciplina.

15. Dor superlativa

O Brasil, país onde a impunidade e a injustiça social convivem sossegadamente, tem sofrido inumeráveis perdas de vidas humanas, mães e filhos vitimados pelo aborto. A corrupção, habitando palácios e salões luxuosos, é a eficiente técnica abortiva que, disfarçada sob a capa do direito e da beneficência, cose a mortalha azul dos anjos favelados.

Na verdade, a corrupção, bem nutrida pela impunidade, não permite a gestação da justiça social, que não consegue alojar-se no útero da pátria, por faltar neste as substâncias necessárias à fixação e alimentação do zigoto, que poderia, se concluída a multiplicação celular, libertar toda a nação.

O aborto, no Brasil, é conseqüência da injustiça social, geradora da miséria que esmaga o povo, e não um manifesto contra a vida. O brasileiro é contrário à prática abortiva, mas a utiliza como método sumário de execução, para não ver seus filhos executados a curto prazo pela fome e a desnutrição.

A sociedade, inserida em um mundo que vive de e pelas aparências, tem na marginalização e na exclusão dos mais pobres a sua ferida aberta, a chaga putrecente, mostrando profundo contraste com o Evangelho de Jesus, fonte de vida, ou mesmo com qualquer código de ética, por mais elementar que seja.

Os três milhões de abortos praticados por ano no Brasil são um atestado de crueldade, um ferro em brasa no rosto da sociedade, que assiste passivamente ao infanticídio. Aqueles que deveriam zelar pela vida, fazê-la florescer e frutificar, são justamente seus covetores. Vampiros ao melhor estilo, sugam o mais puro sangue arterial das populações que deveriam servir, deixando anêmicos velhos e crianças, trabalhadores e heróis que se revoltam.

A injustiça social que vige no Brasil é filha diletta do egoísmo dos algozes do povo. Esses “corações farisaicos” criam leis em benefício próprio, alienam a lucidez dos homens, fazem crer que são virtuosos, apontam qualidades que não possuem e roubam até mesmo a água que mataria a sede de embriões indefesos. A tais abutres, Jesus deu o título de “túmulos caiados”, lobos travestidos de ovelhas.

Mas a vida é eterna. Sempre salta mais ágil, depois que alguém tenta barrar-lhe o curso.

Eu havia terminado o diálogo com alguém profundamente deprimido, pois matara o próprio filho, quando uma das médiuns do grupo desdobra-se com a ajuda de instrutores espirituais e vai a um hospital, cuja especialidade era o tratamento de crianças desencarnadas, vítimas do aborto provocado.

Quando ela aproximou-se de um dos berçários onde estava uma criança cujo perispírito apresentava sinais visíveis de desorganização celular, foi tomada de pânico ao ouvir: *Não! Não, mãe! Não me mate! Eu preciso viver! Você prometeu cuidar de mim. Não me mate, por favor! Não faça isso! Meu Deus, eu preciso viver!*

A dor e o pânico eram demasiadamente dolorosos para qualquer ouvido ou qualquer coração. Ao pronunciar tais palavras, as lágrimas da médium banhavam seu rosto, em visível descontrole emocional, que não era seu. Apenas retratava fielmente as emoções

desgovernadas da vítima que ali estava imóvel à sua frente. Pedi que ela se afastasse do berçário para se recompor do impacto emocional que afetara, até mesmo, a sua disciplina frente a casos excepcionais. Mas Kröller, nosso instrutor, a levava para aquele hospital, justamente para que descrevêssemos aquela tragédia, ou, pelo menos, tentássemos traçar um pálido perfil do abortado.

Ele a levou para outro berçário e (quem pode conter as águas de um rio caudaloso quando enfurecido?), novamente, a cena se repetiu, emocionando a todos: *Você está me cortando! Está doendo muito! Mãe, não cometa esse crime! Meu Deus, eu preciso de ajuda!*

Ele ainda a levou para outros berçários que abrigavam perispíritos danificados, retalhados, queimados, perfurados, fazendo a médium estremecer em todo o seu corpo. O que vimos foi esgares, contorções, gritos, lágrimas, dor, muita dor e revolta em grau superlativo. A dramaticidade das comunicações, fazendo a médium registrar dores profundas, rompeu-lhe o dique das lágrimas e a máquina cardíaca acelerou fundo, fazendo o comboio das emoções sair do mundo extra corpóreo e correr livre entre os encarnados.

Aqueles perispíritos pareciam “explodir” a cada momento, disse-nos a médium. Essa realidade pouco conhecida no mundo material puxa para baixo o estado de felicidade que a Terra poderia usufruir, caso respeitasse a vida. A cascata de culpa que se derrama sobre famílias inteiras, começa na injustiça social e alastra-se por todas as camadas sociais, que não conseguem alçar vôos, chumbadas ao indiferentismo para com a dor alheia. Em tal estado de perturbação, ninguém logra a paz. Mesmo o santo, e principalmente ele, sente-se incomodado com a injustiça.

Jesus foi de uma clareza sem jaça quando se referiu aos causadores do infortúnio humano: *Raça de víboras! Fecha os portões do reino dos céus; não entram nem permitem que outros entrem.*

Não lancemos toda a culpa dos abortos sobre os ombros frágeis das abortadeiras. A grande maioria delas criaria seus filhos, se tivesse condições humanas de torná-los bons cidadãos. O amor materno é, salvo raras exceções, o diamante mais puro deste planeta.

Se há abortos, se há dor superlativa, reforçemos o amor. Amar não é somente acariciar faces macilentas e moribundas. É também afiar e manejar o temperado aço da justiça.

16. Carlota Joaquina

Nunca tive nenhum interesse em saber algo sobre a vida de Carlota Joaquina. Apesar de ter sido bom aluno de História, a vida dessa senhora não conseguiu empolgar-me para nenhuma pesquisa sobre sua atuação. Aliás, o tempo em que me debruçava sobre os bancos escolares já está distante em minha memória, razão maior de tê-la esquecido. Mas quem diria que nas voltas do tempo viria eu a dialogar, em uma reunião mediúnica, com tal personagem?

Do doutrinador exige-se também um pouco de psicologia, que ele saiba, sobretudo, ouvir, estimular aqueles que o procuram a sair de seus casulos, e como não lhe é dado escolher ou classificar seus visitantes, precisa estar preparado para qualquer situação.

A doença ou o doente não deve surpreendê-lo ou encurralá-lo. Sua fundamentação e argumentos encontram-se notadamente no Evangelho de Jesus e na obra de Kardec, mas um pouco de conhecimento de História ajuda bastante em certas ocasiões.

Em meio à reunião de desobsessão, uma das médiuns, já acoplada a uma visitante, nos fez o seguinte convite: *Estou aqui para convidá-lo a conhecer os meus domínios. Neles existem castelos, jardins, jóias preciosas, coisas que você nunca viu.*

O convite parecia vir de alguém que permanecia em passado pomposo, ou que enlouquecera por força de desejar demais o que nunca tivera. Deixei que ela falasse para situar-me, sondar aquela alma que estava à minha frente.

- Gosto de visitar e mostrar o meu reino. Ele não é tão lindo como a minha terra, mas um reino, é um reino, não se deve abdicar dele.

- Qual é a sua terra, cuja beleza ultrapassa o seu reino?

- Espanha. Saí de lá menina para casar com um príncipe. Cresci no reino que seria meu. Gosto dele, de seus azulejos, de seus jardins, da corte.

- E como é o seu nome?

- Ora, o que importa o nome? Importa que eu tenho um reino. Mas por que me faz tantas perguntas?

- Você veio convidar-me. Não quero ser indelicado tratando-a apenas por majestade.

- Chame-me de Joaquina. Eu tive muitos filhos. Algumas pessoas dizem que me suicidei, mas isso não é verdade.

- Quer dizer que o seu reino é Portugal.

- Sim. Finalmente você está me reconhecendo.

- Gostaria de falar mais um pouco sobre a sua vida?

- Um pouco só. E isso porque você é meu convidado.

- Portugal tem lindos castelos, bons navegadores, muito ouro.

- Você sabe em que ano estamos?

- E o que é o tempo? Vivo no tempo do meu reinado. Não! Está começando aquela perturbação novamente... Que adianta ter um reino e perder a paz?

- Por que não invertemos a situação entre nós? Eu a convido para ficar como nossa hóspede e conhecer um reino muito mais bonito que Portugal, cheio de paz, cujo príncipe defende o amor e a justiça.

- Não! Não posso afastar-me dos meus domínios. Essas lembranças são tudo que me restou.

- É muito pouco para uma rainha. Se aceitar nosso convite, seu Espírito se encherá de paz, conquistará amigos fiéis, poderá reencontrar seus filhos, verá uma coroa muito mais preciosa que as existentes no seu reino.

- De que coroa você está me falando?

- Da coroa de espinhos de Jesus. O seu reino pertence a todos nós. Ao contrário de outros príncipes que querem reter seus domínios, Jesus quer dividir seus tesouros conosco.

Contei-lhe histórias do reino de Jesus, que ela não chegou a ouvir completamente, porque foi adormecendo devagar. Para mim, não importava se era realmente Carlota Joaquina, a rainha portuguesa, ou algum Espírito alienado vivendo fantasias e loucuras. O que queria mesmo era minorar sua dor e convidá-lo para um reino imperecível, o reino da paz eterna, onde Jesus acolhe a todos os aflitos.

17. Baile de máscaras

Por mais estudo e esforço que um médium proporcione a si próprio em favor da sua mediunidade, determinados aspectos de sua atuação, em alguns casos, demoram a se harmonizar, desafiando sua vontade e seu esquema disciplinar. Todavia, essas nuances são superáveis com a perseverança nas pesquisas, aprofundamento na disciplina e vivência evangélica.

Um médium não pode ser moldado, tomando-se como referencial um outro. Indivíduos diferentes, histórias de vidas diferentes, mediunidades diferentes, estágios evolutivos diferentes... como pretender igualar suas atuações? As diretrizes são sempre as mesmas, os indivíduos as executam conforme suas potencialidades e o desejo de se aperfeiçoarem.

Um médium é semelhante a um ator que precisa estar representando a história de centenas de personagens. Só que, ao emprestar o corpo ao personagem, ele igualmente vive o drama, sofre, ri, é tomado de cólera, de depressão, falta-lhe o ar, entra-lhe em combustão a pele, seus tecidos são cortados pelo aço, necrosados pela hanseníase, há contorções pelo chicote, agonias, ameaças, dor sob variadas expressões.

Exigir do médium um comportamento padrão diante de tanta variedade dolente é tolher a manifestação naquilo que lhe caracteriza. Por outro lado, o médium deve conter os gritos, evitar esmurrar a mesa, levantar-se, praticar qualquer encenação agressiva, comportando-se como dirigente do processo mediúnico em todos os seus estágios. A verdade deve prevalecer sempre, pois o doutrinador necessita de referenciais seguros para seus diálogos. Se o comunicante traz a taça transbordando de ódio, o dialoguista precisa de uma taça transbordante de amor para promover no campo do sentimento um clima mais ameno. Para ondas de ódio, ondas de amor que as neutralize. Se ao doutrinador cabe a difícil tarefa de convencer pelo diálogo amoroso, ao médium resta-lhe funcionar como o enfermeiro imediato, o confeitiro, recobrando com sucessivas camadas de amor o sentimento avinagrado daquele enfermo. Lógico que ele selecionará o texto, censurando toda a agressividade, sem contudo descaracterizar o drama, pois tudo pode ser dito e entendido sem ameaças e constrangimentos.

Um drama que emocionou a todos nós pela emoção e sofrimento com que foi narrado, foi o de um jovem que se atirara pela janela, após dançar com alguém em um baile de máscaras. Seus sentimentos estavam desordenados e alternavam entre a angústia, o desespero e o ódio a si mesmo. Ele fora a um baile de máscaras devidamente disfarçado e lá dançara com uma mulher igualmente mascarada. Abraçaram-se, beijaram-se e fizeram sexo sem retirar seus disfarces. Falaram pouco, representaram, pois a tônica da festa era não se deixar reconhecer. Mas quando ele ia retirar-se do recanto onde se entregaram um ao outro, a máscara da mulher caiu e ele, estupefocado, identificou a sua mãe.

Gritou desesperado: Mãe! E atirou-se pela janela.

- Não se culpe tanto! Deus julga mais a intenção de que o fato em si. Você não tinha a intenção de prejudicar ninguém.

- Você não sabe o que tenho passado. Ela era minha mãe! Minha mãe! Deus não perdoa isso! Sei que vou direto para o inferno!

O inferno mitológico que tanto mal fez e faz às almas frágeis, continua promovendo cristalizações nas mentes culpadas. No caso, o jovem superestimava sua culpa, pois apenas queria um pouco de diversão. Sua mãe, mulher casada e adúltera, caso ainda convivesse com o marido, tinha maior parcela de culpa, mas o jovem, “travado” no instante do drama, não admitia isso.

- Nunca vou esquecer aquele instante! Por que fui fazer aquilo?

- Você precisa de um médico. Vai ficar conosco e nossos psicólogos irão curar a sua alma. O que aconteceu foi uma fatalidade. As pessoas estavam ali à procura de diversão. Acidentalmente, você e sua mãe se encontraram. Talvez até atraídos pela própria vibração de amor que os unem. Vocês são dois Espíritos que momentaneamente se encontram na posição de mãe e filho. Podem ter tido outros relacionamentos antes, em outras vidas. Pense no acontecido como uma demonstração de amor de alma para alma, embora veiculada no momento errado. Lembre-se de que Deus é Pai de misericórdia, que todos somos falhos e estamos aqui para tentar o burilamento dos nossos Espíritos. Jesus veio ao mundo por nós, doentes e equivocados. Aceite o convite que Ele faz, de ir até Ele, quando aflito e sobrecarregado, e com certeza o alívio não lhe faltará.

O jovem ainda chorou um pouco e, sob o efeito dos passes e das preces do grupo, foi adormecendo devagar.

Não tive mais nenhuma notícia dele, mas ainda oramos por seu restabelecimento, lembrando daqueles gestos desesperados. Você sabe quem era a pessoa com a qual eu fiz sexo, perguntou-me angustiado: era a minha mãe! Ao responder ele mesmo a pergunta que fizera, deu tremendo murro na mesa, acertando a minha mão, deixando lá um coágulo na unha.

Creio que o médium não conseguiu evitar aquela corrente de emoção que lhe enchera de remorso. Que Deus, o grande apaziguador de males e dores, nos dê forças para administrar corretamente as nossas emoções.

18. Visita de amigo

Pela terceira vez, ostensivamente, meu velho amigo e poeta Manuel Bandeira me apareceu no apartamento para uma visita.

Isso ocorreu na noite de 26 de dezembro de 2001, enquanto eu me preparava para a chegada de amigos espirituais que me fariam um curativo na garganta, por conta de uma cirurgia que o médico espiritual Homero dos Santos me fizera nas cordas vocais. Pela atividade de professor, formara-se uma pequena fenda nesse órgão, deixando-me constantemente rouco após as aulas, de modo que a cirurgia tornara-se uma necessidade. Já se aproximava o horário marcado pelos operadores espirituais, vinte e duas horas, quando o pernambucano já desencarnado entrou em meu quarto e disse para Romélia: *estou aqui para visitar o poeta.*

A presença de Bandeira estava ligada ao lançamento do meu livro “Espiritismo e Justiça Social”, marcado para alguns dias adiante. Escrevendo versos desde os dez anos de

idade, sabendo executar ao piano apenas dois prelúdios de Chopin, respondendo cartas que lhe enviavam, danado da vida, pertencente ao Partido Socialista Brasileiro, detestando fila de qualquer coisa e esperar por retardatários, com tantos pontos de contato com a minha personalidade, Bandeira tinha que estar no livro. Este foi o trabalho que mais rapidamente escrevi. Acordava pela madrugada com os textos já prontos na memória, como se os tivesse escutado de amigos, discutido seus detalhes com instrutores ou anotado seu conteúdo nas próprias mãos. Os amigos que me auxiliaram nesta obra, e que nunca se identificaram, tinham personalidades fortes, vontades firmes, embora de doçura a toda prova.

No dia 27 de dezembro, ao final da tarde, Bandeira tomou a mão de Romélia e escreveu o seu recado para o lançamento do livro.

Viera apenas para dizer que um velho amigo, ele próprio, estaria presente em dia tão importante na minha vida e em mensagem tão urgente e necessária para os dias atuais. Teria ele participado da sua elaboração? Não quis dizer. O abraço de amigo era mais importante, enfatizou.

Como fui posto a dormir e ao acordar de nada lembrei, entendi que não queriam divulgação de nossos diálogos. São coisas íntimas, afetos e afagos gráficos, gestos e sentimentos que não têm valor senão para nós próprios, de tão específicos que são. Mesmo assim, transcrevo a mensagem de Bandeira para seus admiradores:

Não quero mais ouvir o brado solitário dos que se escondem por trás dos muros. Quero ouvir o grito solidário, jorrando como cascata, ampliado e afinado pelo diapasão da coragem. O berro de homens que perderam suas infâncias nas carvoarias, de favelados que se enterram nos becos, de cortadores de cana e de poetas.

Quero ouvir a canção dos homens que se embriagam com seus sonhos de liberdade, de bravos guerreiros que têm na sobrevivência a sua arte, de mães com seus filhos, ávidas de saúde e de trabalho.

Quero ver a construção dos desejos, erguida tijolo a tijolo, mão a mão, o suor vertendo gota a gota, formando o lago da igualdade.

Quero que todos clamem por justiça. Que carreguem consigo esta palavra como se fosse um escudo, um argumento, uma inspiração, uma aquarela para desenhar a rebeldia. Que confeccionem uma bandeira com o linho da indignação e a carreguem com dignidade e destreza, colocando-a ao final do dia no lugar mais alto, sempre na vertical.

Quero que arem o solo da justiça que ora parece estéril, para que ele se torne grávido. Que não almejem apenas terra fértil, mas que levem a fertilidade ao solo mais seco, o mais difícil de plantar, onde nascem apenas corrupção e ervas daninhas.

Reneguem os hipócritas, os falsos profetas que se julgam onipotentes. Eles terão seu dia de ajustes de contas. Construam o edifício da fraternidade, somos responsáveis por cada ser vivente desse planeta.

Juntemos as mãos, mãos calosas, mãos postas, mãos que escrevem, que ajudam, que plantam flores, que constróem ninhos, que tecem amores, que fazem luzir em terreno escuro a estrela da vida inteira.

Amem a justiça! Está escrito: Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor à justiça, pois deles é o reino dos céus.

Que não haja medo do dragão que aprisiona ou da besta feroz que não permite sonhar. Cantemos o hino da liberdade!

*Vai, andorinha, voa livre, como o pensamento dos poetas
 Vai, andorinha, leva contigo a mensagem da fé, da esperança e da caridade
 Vai, andorinha, ensinar aos homens liberdade.
 Voa, andorinha, voa.*

Do humilde amigo e aprendiz de poeta, Manuel Bandeira.

O doutrinador tem esses instantes de rara beleza, que todo o ouro do planeta não poderia produzir. São amigos que o visitam para compartilhar de sua alegria e de suas dores. E como ensina a linguagem dos simples, um amigo é uma dádiva. Quem encontrou um, tem um tesouro.

19. Apelo do Natal

Ninguém consegue explicar com a profundidade exigida a mágica do Natal. Nessa época, ondas de compreensão, de carinho, de tristeza, de piedade... invadem a Terra, mudando um pouco a fisionomia de todos.

A alguns o Natal entenece, a outros, entristece. Aqui, promove a esperança e a alegria. Ali, instala a depressão e faz da solidão, antes superável, um algoz de convivência insuportável. Faz Marias esperançosas e Josés religiosos.

A realidade é que a parte negativa do mundo recua um pouco e os corações humanos se deixam penetrar por sentimentos nobres.

Estávamos próximos ao Natal, quando recebemos em nossa reunião de desobsessão um homem terrivelmente perturbado, com a idéia fixa de tirar a vida de um outro que lhe prejudicara no passado. Contou sua história, a meu pedido, sempre me advertindo de que não toleraria qualquer interferência da minha parte no sentido de livrar o seu oponente da sorte que o aguardava. Resumida, a sua tragédia fora esta: seu inimigo, hoje reencarnado, um militar, violentara sexualmente sua filha, que falecera vítima dessa violência. O que ele estava tentando fazer, enfatizou, era justiça, embora o doutrinador insistisse em caracterizar como vingança.

- Você considera que Deus seja justo ou injusto?

- Penso que Deus é justo, mas que Ele, neste caso, puniu minha filha que era inocente.

- Se você admite que Deus é justo, talvez haja uma outra explicação para o que aconteceu com a sua filha.

- Mas que outra explicação, homem? Minha filha era uma menina pura.

- Não estou colocando em dúvida a pureza da sua filha. Penso que talvez em uma outra existência, ela não tenha observado corretamente as leis da vida.

- Mas de que você está falando? A gente só vive uma vez e já é o bastante.

- Engano seu. A vida é eterna. Visitamos a terra em diferentes épocas e corpos. Para entrar no reino dos céus é necessário nascer de novo, disse Jesus. Se você me permitir

averiguar o passado de sua filha, o seu passado, talvez saibamos como teve início esta triste história.

- Nunca fui homem de ter medo de nada. Se existe uma parte da história que eu não conheço, quero saber.

Iniciamos a magnetização, que se fez acompanhar por preces e vibrações amorosas do grupo. Em instantes, ele recuou para o tempo da verdade. Existia um triângulo amoroso entre ele, a que posteriormente nasceu como sua filha, e aquele que a violentara. Nesta época, o futuro pai era o amante que se infiltrara na intimidade do lar de um jovem casal, destruindo a paz que ali reinara. As relações se desfizeram quando o marido traído, cheio de ódio, tentou matar a mulher que antes adorava. Consciências culpadas para um lado e alma em alienação para o outro, encerrou-se o fim da história naquela existência, que teve o seu reinício e desfecho em outra existência, cujo drama conhecemos.

- Grave bem os detalhes dessa história e retorne para o momento presente.

- Ora, mas isso não justifica o que ele fez, aquele maldito!

- E o que justificaria o que você fez? Aquele era um lar honesto. Você levou a traição e o ódio para dentro dele.

- Hoje eu quase consegui fazê-lo suicidar-se. Ele estava limpando as armas. Passei-lhe pensamentos depressivos, disse-lhe que a vida não valia a pena. Que não existem mais pessoas boas, todas são traidoras, tudo é ambição e interesse. Ele registrou minha mensagem e ficou lembrando ocasiões em que fora humilhado. Acabe com isso de uma vez, disse. Se não fosse aquela música que o tirou do meu domínio, teria conseguido.

- A que música você se refere?

- A música do Natal.

- Se o Natal o tocou, por que você também não se entrega a ele? Não seria bom passar um Natal com a sua filha?

- Sim. Há muito tempo não a vejo. Mas só quero encontrá-la quando ajustar minhas contas com ele.

- Ajusta-se contas com a vida. Vocês já sofreram o suficiente por causa dos erros que cometeram. Vamos fazer uma grande festa no Natal. Se quiser ficar conosco, tentaremos saber notícias de sua filha. O coral das crianças vai cantar Noite Feliz, e de noites felizes é tudo quanto precisamos.

- Preciso ficar longe dele, senão cometo uma loucura. Ele estará aqui no Natal?

- Para falar a verdade, nem sei quem é ele. Estou interessado em sua amizade e no seu reencontro com a sua filha. Por isso estou insistindo em tê-lo como hóspede.

- E depois? Você sabe que não se larga o ódio de um dia para outro.

- Depois do Natal, renovaremos o convite para o Ano Novo, e depois para uma vida nova, na qual você poderá reconstruir seu lar junto com sua filha.

Eu falava constantemente, “com sua filha”, porque este era o seu ponto vulnerável. O amor pela filha deveria superar o ódio pelo desafeto. Essa era a minha estratégia e o meu desejo.

- Está bem. Mas não pense que foi por causa da sua conversa melosa que eu cedi. Estou renunciando, não sei se temporariamente ou em definitivo, ao meu ajuste de contas com ele, por causa do Natal.

Tomei aquelas palavras como realmente verdadeiras, em nome da mágica do Natal. Sei que somente uma causa iluminada como o Natal é capaz de transformar o ódio em perdão e o perdão em amor. Agradei intimamente ao espírito do Natal e continuei a reunião.

20. Esforço e reforma

Esforço e reforma formam um dueto inseparável na vida de qualquer pessoa. Não há reformas sem esforço nem esforço sem suor. Todos aqueles que ensinam ou professam doutrinas dissonantes com este ensinamento cometem adultério, ou seja, tentam adulterar a ordem natural da evolução.

Doutrinas que prometem recompensas sem trabalho renovador espalham-se atualmente como a erva no campo. Pessoas ávidas por privilégios sem contribuir com o trabalho compatível apegam-se aos mais bizarros cultos e credências, esquecidas de que somente o exercício continuado nas tentativas de renovação moral pode proporcionar uma paz fecunda.

Cristais, cartas, anjos, búzios, simpatias, gurus, semideuses e deuses, incapazes de salvarem a si próprios, desfilam pelas vidas invigilantes dos que acreditam em profecias que nunca se realizam e destinos sob encomenda.

Quase todas essas pessoas apontam Jesus como mestre divino, mas esquivam-se de seus ensinamentos por serem rigorosos demais para seus braços lânguidos e cansados. O tomar a cruz e segui-lo parece um desafio impraticável, coisa de masoquista, novela carregada de amargura para quem aprecia o doce dos confeitados, no lugar do pão dos enfeitados.

A procição dos sonhadores, que coloca o suor à margem do desempenho e flutua por onde passa, é infinitamente maior que aquela composta pelos que transpiram sob a poeira e erguem catedrais com granito. O menor esforço, embora aético, é preferido ao trabalho árduo, mas seguro. As sandálias de pescador deixam poucos rastros sobre a areia.

Aproveitando a sandice de uns e a ingenuidade de outros, charlatões se apresentam com suas promessas de cura e amuletos mágicos que afastam todo tipo de sofrimento. Alguns até, num processo de auto-hipnose, chegam a acreditar que fazem bem às pessoas, pois as deixam felizes por alguns instantes. Esse foi o caso de Damásia.

- Mandaram-me conversar com o senhor. O que devo dizer?

- A sua história de vida. Da vida de todos nós podemos extrair inúmeras lições que nos permitem profundas reflexões, seguidas de mudanças para melhor.

- Fui cigana. Lia mãos, cartas, fazia previsões...

- E o que previa?

- Coisas boas. Somente coisas boas. Isso fazia as pessoas se sentirem bem e recompensar-me com generosidade.

- Essas coisas boas eram verdadeiras?

- Eu queria que fossem. Mas o destino das pessoas não pode ser moldado por cartas ou por seus desejos. Depende da vida passada e da vontade de mudar esse passado.

- E por que não dizia isso para elas?

- Porque as libertaria. Não acontece o mesmo com as confissões, a extrema-unção, batizados, casamentos, contratos... tudo isso não visa a alimentar uma dependência a fim de que as pessoas não se libertem?

- Você poderia aprofundar um pouco este raciocínio?

- As pessoas conscientes sabem que ninguém salva ninguém. Se alguém faz o mal, terá que reparar o seu erro. Se a pessoa é do bem, sua palavra é lei. Ela promete e cumpre. Ela faz e desfaz. Não é esta a Lei?

- E sabendo a Lei, por que mentia para as pessoas?

- São muitas as respostas para a sua pergunta. Meu ofício de cigana, falta de coragem de enfrentar a verdade, o sorriso de felicidade das pessoas, o desejo de que aquilo que eu dizia realmente acontecesse. Mas eu não sou Deus para mudar destinos.

- Por que você não continua seu ofício de conversar com as pessoas, agora sem cobrar por isso e dizendo que os destinos mudam com trabalho, esforço e renovação?

- Onde posso fazer isso? Será que as pessoas gostam deste discurso?

- A verdade é apreciada em qualquer praça. Mas se o problema é um local e uma clientela, acho que pode encontrá-los aqui.

- Para isso tenho que mudar meus hábitos. É o que o frade que está ao seu lado está dizendo.

- É verdade. Tem que começar por você mesma. Vai observar nossos trabalhadores por algum tempo. O exemplo continua sendo a melhor maneira de ensinar e de aprender.

- Dizem que Gandhi foi o maior exemplo de esforço e de reforma para a Índia. Se me permitirem, quero começar pela história de sua vida.

- O programa de estudos, os bons Espíritos traçarão para você. Mas por que quer começar por ele?

- Minha mãe dizia que ele mudou para melhor por causa de sua mulher.

- Bom estudo, Damásia. Quem sabe você não venha a fazer a pré-doutrinação nos Espíritos enviados ao nosso Centro Espírita?

Algumas vezes, os Espíritos destinados ao diálogo da noite, pelo menos os mais lúcidos, já têm passado por uma conversa prévia. Isso ajuda bastante o trabalho do doutrinador.

Fiquei curioso com aquela história de Gandhi ter mudado por causa de sua mulher. Um dia, lendo velhos artigos sobre Martin Luther King Jr., encontrei sem querer a explicação: *Aprendi a lição da não-violência com a minha mulher, quando tentei curvá-la à minha vontade. A sua resistência determinada à minha vontade, de um lado, e a sua quieta submissão ao sofrimento que a minha estupidez lhe causava, de outro, acabaram me deixando envergonhado de mim mesmo e me curaram da minha estupidez de pensar que eu nascera para dominá-la.* Esta fora a resposta de Gandhi a uma pergunta que lhe haviam feito. Creio que não preciso repetir aqui a pergunta.

Onde Damásia estiver, quero que escute a resposta de Gandhi, logicamente lembrando-lhe o esforço de ambos, marido e mulher, para as reformas que empreenderam na Índia.

21. Mensagem para sempre

Se há uma condição necessária para um doutrinador atuar em sua função, creio que a mais urgente e necessária, excetuando-se o estudo, a reforma interior e a disciplina, é a sintonia com seus auxiliares desencarnados. A sintonia é uma coisa mágica, um tipo de comunicação que independe de local, distância ou tempo. Como alguém liga uma estação

de rádio e esta responde com uma mensagem, o doutrinador, ao vibrar na faixa, ou melhor, na frequência dos amigos que lhe auxiliam, estes lhe respondem com a palavra conselheira e o ensinamento correto.

E existe uma diferença entre faixa e frequência? Claro que existe. A faixa corresponde a um intervalo de diferentes frequências. Na faixa entre 90 a 100 megahertz, por exemplo, existem as estações de rádio que operam em frequências 91, 93, 95, 99.1 ..., ou seja, muitas delas, cada uma funcionando de maneira autônoma e independente. Uma faixa tem, teoricamente, infinitas frequências.

Assim como funciona a estação de rádio, opera a mente. Somos estações receptoras e transmissoras de pensamentos que interferem nas demais, através da sintonia. Se uma estação usa uma frequência muito próxima de outra, provoca ruídos, intercessões, que na prática se traduzem em interferências que podem alterar o teor da mensagem. Se eu penso e vibro em determinada frequência, recebo e transmito mensagens inteiras e intactas para quem está na mesma frequência. Ao mesmo tempo, posso interferir e sofrer interferência de mentes que vibram bem próximas à minha frequência, enviando e recebendo “pedaços” de mensagens que se infiltram, trazendo palavras, frases, pensamentos que não são meus, mas que aparecem compondo a minha mensagem.

Na mensagem mediúnica, podemos ter a interferência do próprio médium, bem como a de uma ou mais mentes estranhas ao comunicante e ao médium, via sintonia semelhante ou próxima. Esta é a razão pela qual a vigilância sobre o que foi dito ou escrito em uma reunião mediúnica ser ponto capital nas mensagens dos desencarnados.

Comecei o primeiro dia do ano de 2002 tentando escrever uma mensagem para meus amigos e amigas, e passei a lembrar de pessoas importantes na minha vida, pelo muito que fizeram com suas mãos de jardineiro e seus olhos de fontes cristalinas. Existem pessoas que causam revoluções em nossa vida e por isso são especiais. Algumas o são pelo que nos dizem. Outras pelo que nunca disseram, e ainda outras pela simples presença. Estas não necessitam dizer nada, apenas ficar perto, pois a vibração que delas emana nos acalma e aquieta o Espírito.

Antigamente tinha vergonha de dizer ou escrever esse tipo de declaração de carinho para as pessoas. Hoje não me importo mais com o que pensem a respeito deste fato. Que digam que estou obsidiado, na idade do lobo, ficando velho e gaiato, ou coisa semelhante, isso já não me afeta mais. Já não espero ocasiões especiais, pois todos os dias são especiais; não guardo aquele abraço apenas para o dia de aniversário, pois todos os dias são de abraçar; não espero a inspiração chegar para escrever uma poesia, porque todos os instantes pertencem à poesia. Hoje estou mais leve, sem os lastros enormes que as pessoas preconceituosas colocam em nossos ombros e nos fazem sentir culpa por coisas que nunca fizemos. Já consigo dizer a uma amiga que a amo e, um pouco encabulado, tecer um verso amigo: *Eu te encontrei! No meio de milhões de pessoas, eu te reconheci! Eu te encontrei!*

Acho que isso foi a melhor coisa que já me aconteceu nos últimos anos. Quebrar o reservatório em que guardava culpas ou remorsos imputados por pessoas, sem eu nada ter feito intencionalmente para feri-las.

Pois bem, queria escrever algo especial para duas grandes amigas: Socorro Melo e Vera França. Cada uma delas é especial à sua maneira, e ambas me provocaram revoluções na vida. São coisas inexplicáveis para o senso comum e que eu não ousaria traduzir, porque não saberia. Todavia, sei registrar no mais secreto compartimento da alma essas emoções e revoluções, ciente de que todas são benéficas, pois alimentam os meus versos e robustecem a minha caminhada rumo à simplicidade.

Lembrei-me do esforço que Carl Sagan fez, quando a NASA o convidou para criar uma comissão a fim de selecionar o conteúdo de um registro fonográfico que seria afixado em cada uma das naves espaciais *Voyager 1 e 2*. Essas naves fariam o reconhecimento dos planetas do sistema solar e depois seriam expelidas, viajando por séculos, infinito afora, levando a nossa mensagem de paz.

A mensagem gravada em placa de ouro levava saudações em sessenta línguas humanas e uma em língua das baleias, 116 imagens da vida sobre a Terra, noventa minutos de música escolhida dentre as mais diferentes culturas do mundo e um enorme desejo de fazer amigos. A vida útil projetada para a placa foi de 1 bilhão de anos.

Acredito que minhas amigas citadas merecem essa placa. Não porque sejam perfeitas. Todas as minhas amigas têm seus defeitos e muitos deles apenas nos aproximam. Mas porque são amigas de verdade, nunca falsearam seus sentimentos, nunca aviltaram a condição de amizade, não mercantilizaram seu trabalho nem suas emoções.

Mas não tenho a placa. Que dizer para elas, pessoas especiais e de tanto significado em minha vida, em um mundo competitivo e que trata o amor como hóspede comum?

Fiz esta pergunta a mim mesmo, mas a resposta não foi minha. Veio pela sintonia com Francisco, cuja presença aprendi a registrar pelas ondas de carinho que me invadem a alma. *Sem querer me introduzir no seu monólogo, e já transformando-o em diálogo, diria apenas que as amo. Que esse amor não traz a vulgaridade das tempestades humanas nem a transitoriedade das ilusões passageiras. É o amor que une as almas, que diz “estou aqui” no cochilo da alegria e no parto do contentamento; que ajuda a carregar o fardo, que divide pão e água na abundância e na solidão. É daquele tipo de amor que se alegra em amar, que é barco na correnteza e sentinela no descanso. Que é vigia na guerra e guerreiro na paz. Tem cheiro de pomar na fome e de lã no inverno. É luz na sombra e mais luz na claridade. É simplesmente amor, o mesmo que faz milagres, que tem sons tão doces quanto a chuva fina quando cai em folhas de hortelã.*

Esperei que ele falasse mais, mas ele estava emocionado e com os olhos brilhando, cercados por arcos de luzes transparentes. Como encaixar isso em um livro sobre doutrinação?, perguntei. O amor cabe em qualquer livro e em qualquer lugar. Qualquer mensagem de amor é para sempre, pois ele é o sentimento próprio das almas que nunca morrem, foi a sua resposta. E saiu para cuidar das crianças que trazia.

E fiquei para dizer isso às amigas, de cujo coração já decifrara alguns compartimentos.

22. Inadaptação

Algumas pessoas são inadaptables com a vida que levam. Não se sentem confortáveis onde estão, nem alegres fazendo o que fazem. Por isso tentam a fuga através do álcool, de drogas outras, do perigo, do suicídio.

No século XIX, muitos suicídios eram atribuídos à leitura de romances sentimentais, qual *Sorrows of Wether*, de Goethe. Passada essa fase ou essa tese um pouco ingênua, lançou-se a culpa dos suicídios nas deturpações do sistema educacional, que não incutia nas cabeças dos alunos os reais valores da vida. Durante a década de 1930, um blue, *Gloomy*

Sunday, teve sua execução proibida, devido à constatação de que vários suicídios ocorriam sempre que ele tocava. Seguiram-se na busca de causas do suicídio os fatores constitucionais e hereditários, desaguando todo este amontoado de teorias, na atualidade, nos campos psicológico e sociológico.

A depressão, quando acompanhada do sentimento de culpa, de perda do valor pessoal, do desespero, do desejo de punição, do isolamento, da infelicidade, da agitação e da ansiedade severa, da perda dos quatro apetites, fome, sono, sexo e atividade, roubam mais vidas através do suicídio que qualquer outra causa real ou imaginária. Todavia, não é necessária a instalação deste horripilante quadro, com todo o cortejo de mazelas expostas acima, juntas ou isoladas, para transportar um encarnado ao mundo espiritual.

As vezes, basta a inadaptação com a vida para tentar-se fugir dela. Quando fixamos o olhar demoradamente sobre paisagens tristonhas, ignorando a beleza existente nas laterais do caminho, vamos perdendo o sentido do belo. Passamos a não mais enxergar a harmonia, a simetria, o colorido, como se alguém os tivessem seqüestrado do mundo, deixando em troca a fuligem, o lodo e a corrupção.

Ernest Hemingway, escritor americano, parecia não ter o devido cuidado para com a preservação da vida. Ele sempre procurou o perigo e este parecia nunca satisfazê-lo. Na Itália, feriu-se enquanto trabalhava como motorista de ambulância na Primeira Grande Guerra. Na Segunda, estava no “front”, desafiando o desastre. Quando deixou a guerra, foi para a África como caçador desportista. Cansado de um perigo, buscava outro, variando suas alternativas entre tourear na Espanha e caçar sob o mar de Cuba. Neste país ele passou grande parte da sua vida, batido por doenças e banhado por depressões. Escritor consagrado internacionalmente por seus romances, *Adeus às armas*, *Por quem os sinos dobram*, *O sol nasce para todos*, *Morte na tarde*, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1954 com o romance *O Velho e o Mar*, Hemingway suicidou-se em 1961, fazendo ele próprio o que o seu estilo de vida não conseguira.

O que incomodava a este escritor para que ele tivesse o olhar fixo em sua inadaptação, recusando a glória de escritor, a fama, os amigos, a alegria de escrever?

Alegria de escrever? Espere um pouco! Para alguns, escrever é uma fuga. Uma tentativa de adaptação ao entrave que lhe perturba. A arte é uma janela salvadora para aqueles que se deixam hipnotizar diante de uma porta fechada. Quantos não utilizaram esta âncora de salvação? Não fizeram assim Tchaïkovsky, Chopin, Byron, Nietzsche, Musset e tantos outros? A arte, sob qualquer face, é a janela generosa que Deus abre para afugentar a tristeza da vida.

E foi sobre essa janela que um jovem pintor veio falar durante a reunião de desobsessão, realizada na véspera de Natal.

- Estou aqui para agradecer ao senhor a gentileza de lembrar dos suicidas nas reuniões, dedicando-lhes um minuto de oração.

- Não precisa agradecer. Fazemos isso com o mais desvelado carinho. Sabemos que uma pessoa que comete suicídio enfrenta bastante sofrimento, e todo sofrimento é digno de compaixão.

- Sei. Mas fiz questão de vir. Talvez meu exemplo possa ajudar alguém.

- Realmente, as pessoas têm necessidade de bons exemplos. Sinta-se à vontade para descrevê-lo.

- Eu era um inadaptado com a vida. Se uma maçã tinha pequeno ponto negro, eu me fixava nele e não via a sua cor avermelhada nem seu odor calmante. Se a chuva me molhava, eu não percebia que ela também alimentava os riachos, os pomares, as roseiras.

Imaginava apenas que podia ficar com pneumonia. Diante da injustiça no mundo, eu desconhecia, porque não me importava em perceber as centenas de exemplos nobres no bairro em que nasci, de cidadãos honestos que saíam para o trabalho, de velhos que ajudavam os mais novos, de avós que teciam lã para o frio dos netos. Lia apenas o lado trágico, o crime, a fome e a miséria do cotidiano. Só encontrava alívio em minha pintura e, sempre que a depressão me apanhava, eu tentava refugiar-me nas telas como um pássaro faz, buscando a folhagem diante da ameaça de um caçador. Meus quadros eram admirados, minhas paisagens, apesar de sombrias, pois algumas retratavam meu estado de espírito, agradavam as pessoas. Um dia, consegui ver em alguém o amor que eu perseguia. O amor, que teimava em esconder-se das minhas manhãs, mostrou-se a mim com toda a sua luz, afugentando a penumbra em que eu vivia. Passei meses doces e ensolarados, até que esse alguém me deixou só, com todo o peso da saudade. Eu, que não aprendera a distribuir a vida em fatias, uma parte do tempo para os amigos, uma parte para os livros, uma parte para a música, uma outra para o trabalho, mais uma para Deus..., eu, que fiz da vida um bolo cuja receita tinha como componente apenas o amor por aquela mulher, não resisti. Armei o laço em uma árvore, despedi-me do mundo e fui morar com o sofrimento. Isso foi há trinta anos. Se o senhor quer saber a causa da minha angústia existencial, digo-lhe que foi uma insatisfação motivada pela cobrança da consciência culpada, por um ato tresloucado que eu cometi em existência passada. Qual? Um suicídio. Sou reincidente. Vou reencarnar com deficiências na área respiratória e, provavelmente, com uma velha companheira, a depressão. Mas estou preparado. Levo a minha arte e ela será a minha salvação. O senhor pode ficar certo de que eu não vou mais ficar imóvel diante de uma porta fechada sem enxergar noventa e nove outras que a vida me abrirá. Acho que o senhor está reconhecendo a frase que disse em sua conversa comigo.

- Fico feliz pela resolução e pela disposição de enfrentar com coragem o desafio. Já que guardou esta frase de nossa conversa, grave esta outra em sua memória: *Se Deus nos tem ajudado até hoje, não nos deixará amanhã.*

- Está gravada. Até um dia, professor.

Fiquei pensando na inadaptação. As vezes, também, sinto-me inadaptado a certas situações da vida. Imediatamente busco a luz para me servir de guia.

23. Amor pelo avesso

O amor, no presente estágio do planeta, é confundido por muitas pessoas com posse, paixão, interesse, sexo, dentre outros sentimentos. É comum dialogarmos em reuniões de desobsessão com Espíritos que perseguem pessoas e as maltratam, simplesmente porque se sentiram rejeitados e tudo dariam para reconquistá-las.

Na realidade, quem diz amar e aprisiona, age de maneira equivocada, pois o amor que oferece não procura a satisfação do ser amado, mas a sua própria. Importa-se em saciar seus desejos e instintos e não tem a sensibilidade de notar a lágrima oculta nem a cor opaca que se esconde por trás do sorriso de quem diz amar.

Amar é, dentre outras coisas, domar a si próprio, oferecendo-se mais afável para o outro. Há amores para todos os gostos no mundo. Os que querem moldar o outro, os que

vampirizam, os que agridem, os que se fazem de objeto, os que exploram... e todos juram amar pelos séculos sem fim, amém.

Tolstoi foi em sua juventude um jovem ocioso e viciado em jogatinas. Homem de rara inteligência, alma inquieta e em guerra consigo mesma, cedo cansou-se do estilo de vida que levava e resolveu canalizar suas energias para os estudos. Frequentou a Universidade de Kazan a fim de estudar línguas orientais, ele que já falava fluentemente o francês. Em três meses dominou o grego clássico, aprendendo em seguida o alemão, o italiano e o inglês, mas sua alma ansiosa não suportou a metodologia monótona nem a rotina, sempre previsível, da Universidade. Buscou a jurisprudência, mas depois de algum tempo a considerou insípida e sobretudo sem afinidade com a justiça moral. Fugindo de dívidas de jogo, alistou-se em um regimento que lutava contra guerrilheiros tártaros na fronteira do Cáucaso.

Quando a guerra da Criméia teve início, em 1853, Tolstoi solicitou, e foi atendido, que o enviassem para a frente de batalha. Nesse período, durante quatro anos e meio arriscando a vida na guerra, escreveu as crônicas de Sebastopol, voltando à corte já consagrado como escritor, com a idade de 27 anos.

Após viajar pela França, Suíça, e Alemanha, o escritor começou a fincar suas raízes na terra que amava, a sua fazenda Yasnaia Poliana. Fez vir à tona a sua humildade, criou uma escola para educar os filhos dos trabalhadores e começou a dar liberdade a seus servos.

Com um pouco de paz na alma, passou a frequentar assiduamente a casa dos Behrs, chefiada por um médico da corte, de cuja filha se enamorou. Um dia pôs nas mãos dessa jovem de apenas dezoito anos, uma carta propondo casamento. Aos 34 anos de idade, iniciou a sua vida amorosa com Sônia, antes entregando-lhe os diários da sua vida contendo todas as aventuras com jogos e mulheres. Não queria começar um relacionamento em cima de mentiras. Dali até a morte, 48 anos depois, a vida oscilava entre alegria e tormento. Sônia era extremamente prática; Tolstoi um incorrigível sonhador. Ela adorava o brilho da corte, ele, a solidão dos campos. O escritor desapregava-se cada vez mais dos bens materiais, a esposa queria conservá-los para os filhos. Tolstoi conseguiu inimizades com meio mundo, Sônia detestava aquela mania de consertar o mundo que seu marido cultivava. Para desespero da mulher, Tolstoi iniciou árdua batalha pela liberdade de expressão em seu país, o que lhe valeu a censura sobre suas obras na Rússia. Ao defender o imposto único, ele teve contra si o Czar e a sua própria classe; ao declarar que muitos sacerdotes escondiam sob o seu aspecto digno uma crassa ignorância, passou a suportar a ira da religião; ao rejeitar em sua escola textos russos e europeus por serem antiquados e desmotivantes, bateu de frente com o sistema educacional, que o rotulou de prepotente e fechou sua escola.

Quanto mais se adentrava nos anos, mais procurava viver os ensinamentos de Jesus, desprezando a comodidade, a saúde e a riqueza. Sua mulher, em sentido inverso, teimava em preservar o que tinham. Já velho, dividiu suas propriedades com a família e doou grande parte dos direitos autorais à beneficência pública.

Deveriam separar-se esses dois seres que se amavam mas que tinham métodos diferentes de conduzir a vida? Sônia deu treze filhos a Tolstoi e cuidou de seus negócios com a disciplina de um banqueiro. A obra *Guerra e Paz*, com suas quinhentas personagens desfilando na gelada Rússia durante a invasão de Napoleão, levou sete anos para ser concluída, o mesmo número de vezes que Sônia copiou à mão toda a obra após cada revisão.

Contei parte dessa história a Adalberto, perseguidor da ex-mulher por ele abandonada devido a maneira diferente como ela se portava. Aqui a situação era inversa. A mulher era mais espiritualizada e ele colado às coisas do mundo. Ele a deixou, mas não admitia que ela recomeçasse a vida com outro alguém. Pessoas espiritualizadas possuem uma aura sadia que atrai, uma vibração que cativa, uma água pura que acalma os sedentos, desde que eles procurem eliminar a causa da sede que os atormentam. Adalberto ansiava por aquela água, mas não sabia como retê-la. Sempre magoando a mulher e magoando-se pelo sofrimento que lhe causava, ficou louco de ciúmes e acabou por assassiná-la, indo após o crime sofrer longos anos na cadeia, de onde libertou-se através de um ataque cardíaco. Foi então que passou a perseguir a mulher agora encarnada.

- Se você odeia essa mulher, por que insiste em ficar junto a ela?

- Para me vingar do que ela me fez.

- Responda se quiser a minha pergunta. Será que você não ama, embora de maneira deseducada a essa pessoa, e ainda tem desejo de reconquistá-la? Não estaria você agredindo para dizer: estou aqui! Olha para mim! Dá-me uma esperança!

- Diabo de homem! Parece que lê a cabeça da gente!

- Já que você ainda gosta dela, não seria mais lógico tentar um encontro para fazer as pazes?

- E como seria isto?

- Durante o sono. Quando ela dormir, nossos instrutores poderão encaminhá-la para um encontro com você.

- E o que eu digo a ela?

- O que se diz a uma pessoa a quem se ama?

- Não sei! Acho que não vou ter coragem de fazer isso.

- Sei que é difícil. Agredir é fácil, mais fácil que construir. Mas o seu problema não é fazer o fácil, e sim, o certo.

- O senhor me ajudaria com alguma frase de reconciliação?

- Que tal: *Perdoe-me por ter amado pelo avesso.*

- Só isso?

- Você pode dizer também: *Ajude-me a consertar o meu amor.*

- Não tem mais uma?

- Não se preocupe tanto com isso. Fale o que o seu coração mandar. Sempre há palavras doces escondidas no coração de qualquer pessoa. O problema é que só são liberadas quando ele se convence de que não serão pronunciadas em vão.

Então eu vi o rosto da médium iluminar-se um pouco e me despedi dele ciente de que o amor tudo pode.

24. O amor distante

Algumas pessoas têm a alegria de conviver com quem ama, compartilhando com ele o oxigênio e o sentimento. Outras o encontram, ou pelo menos o identificam, mas jamais

conseguem tocar-lhes os cabelos ou deitar-se no colo desse ser amado, local onde sonham dormir, viver e morrer, de preferência, bem velhinhas.

O amor por uma mulher já fez muitos escritores, poetas, compositores. Na realidade, as artes, de uma maneira geral, devem muito a essa face do amor, o amor a dois, vivido na cama, na sala de estar, culminando às vezes nos escritórios de advogados.

Penso que pode existir, quando uma pessoa encontra outra e se apaixona de imediato, um componente espiritual envolvido. Talvez algum relacionamento de vidas passadas que deixou saudade, gratidão, simpatia. Claro que há homens e mulheres que se envolvem porque o objeto do seu desejo lembra sua mãe, é parecido com algum modelo de perfeição que fazem, pelo corpo bonito, pela alma nobre, pela delicadeza, pela segurança, enfim, por uma infinidade de argumentos justificáveis para quem diz amar, embora incoerentes para todo o restante da população planetária.

Não estou defendendo, porque não acredito, a existência de almas gêmeas. Aquelas metades que só se encaixam em outras metades feitas exclusivamente para elas. A lei de evolução vai nos tornando amorosos e responsáveis para com todos, de modo que as pessoas se sentirão plenas com companhias distintas, ou seja, amar-se-ão com o verdadeiro amor, reconhecendo a beleza e sentindo bem-estar diante de todos.

Quando Dante Alighieri tinha nove anos de idade, em uma festa familiar, conheceu uma menina, também de nove anos, chamada Beatriz. Bela e muito tímida, a jovem acendeu nele uma chama que não mais se apagaria, até a sua morte aos 56 anos.

Adorando-a a distância, vendo-a raramente, o poeta fez para ela seus melhores versos. Beatriz parecia ser filha de um deus, não de um homem mortal, dizia Dante. Infelizmente sua musa casou-se com um banqueiro e morreu aos 25 anos de idade.

Apesar de ter casado e de ter tido quatro filhos, o poeta sempre afirmou que o seu amor espiritual por Beatriz era a inspiração de sua vida. É ela que o guia na visita ao paraíso, descrito na “*Divina Comédia*”, obra que o imortalizou. Com o poema *Mulher que sabeis amar*, dedicado a sua amada, ele ficou famoso em toda a Itália.

Seus dois amores, Beatriz, seu sonho de felicidade, e Florença, sua cidade, não lhe privaram da intimidade. Aos 25 anos sofreu o duro golpe de ver o primeiro ceifado pela morte, e aos 36 teve que fugir do segundo, porque havia sido condenado à fogueira pelos partidários do papa Bonifácio VIII, homem parcial e ambicioso que teimava em cercear a liberdade de Florença e que agora a dominava. Dante era um homem livre que amava a liberdade; portanto, não havia mais lugar para ele em uma Florença algemada.

Através de brilhante folheto intitulado *Da Monarquia*, ele criticou o duelo entre o imperador e o papa, fato que tolhia o progresso da Europa. Defendia uma Europa unida, com o papa exercendo o poder espiritual e o imperador o poder temporal. Este desejo, muitos o têm na atualidade. Talvez a união da Europa nos moldes que o poeta queria esteja em andamento, tendo como primeiro passo concreto já percorrido a criação de uma moeda única.

A importância da *Divina Comédia* deve-se ao fato de ter sido a obra moral e religiosa mais importante da época, levando aos leitores a certeza de que a alma vai para um local compatível com seus méritos ou com a ausência deles, e de que o homem é senhor do seu destino, tecendo-o conforme sua vontade em vida.

Um fato digno de destaque é que a terceira parte da *Divina Comédia*, a visita que ele faz ao paraíso, guiado por seu grande amor, Beatriz, foi introduzida na obra depois de sua morte. Seu filho sonha com ele, que o orienta: a terceira parte da “*Comédia*” está na casa

onde morri, escondida em um nicho atrás de uma peça de tapeçaria”. Feita a busca, o material foi facilmente encontrado e adicionado à obra em edição posterior.

Um doutrinador precisa saber, para bem argumentar em seus diálogos, um pouco da história universal, da vida de homens e mulheres que aqui viveram e sofreram, deixando exemplos luminosos e sofridos. Todos somos aprendizes e professores. Ensinamos e aprendemos tangidos pelas circunstâncias e orientados pelos exemplos. Por isso a vida de Dante foi importante para o convencimento de Maurício, pelo menos para que ele entendesse que não foi o único a sofrer a ausência do ser amado.

- Quer dizer que você apaixonou-se por ela no exato momento em que a viu?

- É verdade. Como meu pai era militar, mudamos de Estado e nunca mais a vi. Voltei, quando tive condições, para procurá-la, e não mais encontrei Beatriz. Eu conseguira um emprego, queria casar-me, mas tive que conviver com a tristeza provocada pela ausência.

- Mas, você nunca teve chance de dizer que a amava?

- Não. Era muito criança, temia confessar meus sentimentos a meus pais, julgando que eles não entenderiam o drama. Esse amor infiltrou-se em meus estudos, meus pensamentos, meu sono, e só aos poucos fui aprendendo a conviver com a saudade.

(A saudade é o pior tormento, é pior do que o esquecimento, é pior do que se entrevar. A saudade dói como um barco, que aos poucos descreve um arco e evita atracar no cais. A saudade é o revés de um parto, a saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu. A saudade dói latejada, é assim como uma fígada no membro que já perdi. – Chico Buarque)

- Entendo que a saudade dói. Mas quem sabe não esteja próximo o instante de encontrar sua amada? Aprendi uma lição bastante simples mas proveitosa, aqui nesta casa espírita: é mais fácil sermos encontrados, ou encontrarmos os bons Espíritos, nos campos de trabalho do que em qualquer outro local. Se quiser trabalhar conosco no atendimento e amparo ao sofrimento, acredito que sua Beatriz aparecerá para guiá-lo a algum paraíso. Como não há paraíso sem trabalho, julgo que será melhor exercitar-se conosco, para que possamos recepcioná-la quando ela chegar.

- Você está encarando o problema como se ele fosse fácil demais. E se durar um século?

- Mas o que é um século para quem ama? Deus é o que mais ama e nos espera há milênios.

Então Maurício tomou do arado, ou seja, perguntou a Tibiriçá, chefe dos lanceiros da casa, como poderia ser útil e este lhe deu uma caixa de primeiros socorros para que assistisse uma enfermeira em seus rotineiros trabalhos.

Será que essa enfermeira era Beatriz?

25. Os donos da verdade

Meu velho amigo Falcão, companheiro de muitos anos de trabalho na doutrinação de Espíritos, no Centro Espírita Grão de Mostarda, em Fortaleza, pediu licença para se

afastar do grupo durante um mês. Precisava ser padrinho do neto que nascera e, para isso, seria obrigado a assistir, sem dizer que era espírita, do contrário não seria aceito no grupo, a uma série de palestras, todas contrárias ao seu modo de pensar.

Lamentei a sorte do amigo, pois para qualquer pessoa, assistir ataques aos seus valores e ficar calado, exige estômago de avestruz, e minha anatomia jamais me permitiria engolir tantos sapos sem cuspi-los de volta. Meu amigo, paciente e gozador, a tudo enfrentou com seu costumeiro bom humor. O que não se faz por amor a um neto?

Quando retornou à reunião, deu-nos ciência de alguns tópicos lá elucidados, que de tão folclóricos, nos fez dar boas risadas: *A única coisa que pode tirar o pecado de quem nasce é o batismo, feito por um sacerdote. Este é o representante de Deus, legítimo, na Terra. Mesmo que ele seja o pior criminoso, um homossexual, quando põe as vestes sacerdotais, tem a autoridade de representar Deus em qualquer evento terrestre. Na literatura eclesiástica, há somente um caso de um sacerdote que foi para o inferno, mas mesmo lá, de suas mãos estendidas brotavam luzes.* Eis ligeiro resumo do que foi obrigado a ouvir.

E o que você disse? Perguntei com um sorriso mais crítico que piedoso. Nada! Sorri antecipadamente, pensando na risada de vocês quando contasse o fato.

Em pleno século da razão e do bom senso, ouve-se criancices como esta. Certas pessoas parecem ter perdido o senso do ridículo e julgam que outras sofrem de retardo mental. A história do mundo está repleta de donos da verdade que demoram a descobrir que tudo quanto defendem são mentiras.

Voltaire nasceu numa época em que o fanatismo dormia e acordava com a maioria dos franceses, e tudo fez para instalar o reinado da razão em sua pátria. Aos dezessete anos decidiu ser escritor, sonho desaprovado por seu pai, que tratou de fazê-lo trabalhar no escritório de um advogado. O sonho de ser escritor é algo duro de ser vencido, precioso demais para ser largado, indomável para ser vencido. Voltaire não se adaptou no emprego. Mandaram-no em uma missão diplomática para a Holanda e ele aproveitou a ocasião para levar consigo uma jovem por quem julgava estar apaixonado. Mandado para casa, recebeu o desprezo do pai, que tratou de deserdá-lo, deixando-o na miséria. Mas o sonho de ser escritor é algo consistente demais para ser quebrado, e no espaço de uma década ele ficou famoso por seu talento e por sua crítica mordaz.

Como seus livros eram proibidos e suas peças retiradas de cena após algumas apresentações, a sua fama crescia no meio do povo e nos países vizinhos. Neste particular, ele deve a seus algozes ter feito fama tão depressa. Seus livros circulavam às escondidas, como se fossem programas de partidos marginalizados, pela audácia de defender a liberdade. Acusaram-no de perverter a moral do povo, como fizeram a Sócrates. Este não teve medo da morte e tomou sereno o copo de sicuta (não confundir com suquita) que lhe empurraram goela abaixo. Voltaire era mais sutil. Fazia suas fogueiras verbais e, quando o procuravam para prendê-lo fugia rápido como um coelho. Sua correspondência estava sempre atrasada, pois poucas pessoas sabiam seus esconderijos. A perversão da moral que ele promovia era pôr em dúvida a autoridade vigente, cujo ofício era parasitar o povo. Políticos e religiosos viviam nababescamente como se fossem deuses intocáveis.

Quando a atriz francesa Adrienne Lecouvreur, agonizante, precisou de um padre para lhe ministrar a extrema-unção, este exigiu que ela renunciasse à sua arte, rotulando-a de demoníaca. Como Adrienne recusou-se a abdicar daquilo que lhe constituía em vida o celeiro de alegrias, o padre negou-lhe o encaminhamento para o plano espiritual. Voltaire, que a tudo assistira, abriu fogo cerrado contra aquela hipocrisia, iniciando por dizer: *O*

homem que me diz: crê como eu, ou Deus te condenará, em breve me dirá: crê como eu ou te matarei.

Por frases como esta, que mais se assemelhavam a um sabre cortante, ele foi preso na Bastilha. Libertaram-no, com a condição de deixar o solo francês imediatamente, o que o fez, indo alojar-se na Inglaterra. Aos 35 anos de idade, foi autorizado a voltar para a França, onde passou o restante da vida a tirar o sono dos governantes e dos sacerdotes. Atacou a crueldade, a intolerância, o fanatismo e a prepotência dos monarcas, sempre fugindo e se escondendo. O seu arsenal de guerra, muitas vezes queimado em praça pública, está registrado em noventa e nove volumes de obras de teatro, poemas, novelas, e artigos. A pena lúcida tangida por sua mão denunciava sem medo e sem constrangimento as arbitrariedades dos militares, as falsas curas milagrosas da Igreja, o direito divino dos reis e a brutalidade do Santo Ofício.

Dele dizia-se que com uma só frase podia aniquilar um homem, como fez com o Cardeal Mazarino: *O senhor é culpado por todo o bem que não fez.*

Quando Frederico, o Grande, o convidou para honrar-lhe a corte com sua presença, trouxe para sua casa um severo crítico do seu militarismo. Suportou pouco tempo a sinceridade do hóspede, expulsando-o e perseguindo-o. Já envelhecido, Voltaire comprou vasta propriedade, onde amparava vítimas de perseguições religiosas, construindo-lhes casas e dando-lhes trabalho. Ao seu redor, ergueu-se um aldeia de oprimidos, tornados homens livres por sua coragem. Seus últimos anos foram os mais duros de sua vida. Um dia, um jovem foi encontrado enforcado numa loja. O jovem, diziam, queria converter-se ao catolicismo e o pai o havia enforcado. Depois de torturado, sem nada ter confessado, o pai do jovem foi executado. Por causa deste fato, Voltaire pôs em constante reboliço por mais de três anos toda a Europa, escreveu mais de oito mil cartas, incomodou a dezenas de advogados, reis, escritores, a exigir que o caso fosse reaberto. Com a sua luta, as leis, empregadas ao sabor da interpretação de cada um, foram modificadas. A farsa que eram os julgamentos promovidos por autoridades religiosas e que invariavelmente culminavam em tortura e execução, fatos que o deixavam furioso, teve que retroceder. Graças à sua luta, promoveu-se uma reforma penal, adormecida há oitocentos anos. Como queria ver Paris uma última vez antes de morrer, foi ao seu encontro escondido em uma carroça. Ao ser reconhecido, foi saudado por multidões que o adoravam, sendo reverenciado e festejado em toda cidade. Tantas homenagens minaram-lhe o restante de fluidos vitais e um padre foi chamado para lhe encaminhar a “passagem”. Vindes da parte de quem, perguntou Voltaire ao padre. De Deus, foi a resposta, em tom meloso. Vossas credenciais, ainda teve forças para indagar ao sacerdote. Este recusou-lhe o enterro religioso, mesmo havendo o escritor deixado no testamento a seguinte frase: *Morro admirando a Deus, amando os meus amigos, sem odiar os meus inimigos e detestando a superstição.*

Em 1791, em pleno apogeu da Revolução Francesa, seu corpo, que fora enterrado fora da cidade pela recusa da Igreja em acolhê-lo, é trazido pela multidão e colocado nas ruínas da Bastilha, onde ele estivera preso por duas vezes. Quando o transportaram para o Pantéon, local dos grandes heróis da França, um estandarte dançando ao vento anunciava o caráter do Espírito que habitara e animara aqueles despojos: *Deu asas ao Espírito humano. Preparou-nos para sermos livres.*

Contei parte dessa história a judeu que sofrera intensa perseguição da Igreja, através da Inquisição. Agora era a sua vez, dizia ele, de fazer valer a lei de Moisés, *olho por olho e dente por dente*, cobrando devagar como se sorve um bom vinho, as torturas recebidas.

- Mas a lei de Moisés não foi substituída pela regra de ouro que Jesus nos veio ensinar?

- E que regra seria esta, e que líder seria maior que Moisés?

- A regra é a seguinte: Ama ao teu próximo como a ti mesmo, e o líder é Jesus. Segundo definição Sua, é o Caminho, da Verdade e da Vida.

- Não devo obediência a outra lei que não a de Moisés e dos profetas de Israel.

- E que afirmam todos eles senão o amor e a justiça? Algum deles concorda com a perseguição e a morte dos oponentes? Autorizou que se fizesse justiça com as próprias mãos? Que desconfiasse de Deus, adiantando-se a Ele no julgamento de infiéis? Sacramentou Moisés a vingança e a morte dos equivocados que nos prejudicam?

- Acho que a Lei de Talião responde as suas perguntas.

- A Lei de Talião responde às agressões que fazemos. O que você sofreu foi fruto de sua aplicação.

- Como assim?

- Nascemos e morremos muitas vezes. Antes daquela existência em que você foi perseguido pela Inquisição, deve ter tido outras em que, certamente, perseguiu a seus irmãos.

- Provas! Eu quero provas. Se eu feri alguém e isto ficar provado, rendo-me a seus argumentos.

Procedemos à magnetização, ao mesmo tempo em que orávamos para que nossos instrutores pudessem atuar com a precisão de sempre. Não tardou a que ele voltasse ao tempo em que usara a espada injustamente, apropriando-se de valores que não lhe pertenciam. Ao final da regressão, pedi-lhe que gravasse com bastante lucidez ao que revivera, de modo a que não restassem dúvidas a respeito de sua atuação desonesta. Ele foi voltando aos poucos, como quem desperta de um sonho agitado e revelador. Parecendo decepcionado consigo próprio, disse-me: quer dizer que aquela história de um homem passar a vida inteira combatendo as idéias erradas praticadas pelos de sua raça, que você foi aos poucos contando, é, na prática, o que eu devo fazer, no lugar de perseguir e castigar o meu inimigo?

- Pode ser. Você agora sabe a verdade, e quem conhece a verdade tem a obrigação de praticá-la.

- Não lhe garanto agir assim, mas vou pensar nessa outra visão da Lei que me foi mostrada.

- Estude. Se a necessidade é esta, temos ao seu dispor bons professores.

- Você não acha lógico que eu, nascendo sempre entre os da minha raça, tenha pensamentos iguais aos deles?

- Lógico até demais. Talvez fosse útil reencarnar em outras culturas. E talvez seja mais útil reencarnar entre os seus, com o pensamento mais compatível com a realidade da evolução do Espírito. Acho que você vai ter que fazer essa escolha.

Pensativo, ele despediu-se, levando aquele dilema na alma.

Espero que a nova interpretação da lei mosaica, o que para nós é lei de causa e efeito, o tenha tornado, realmente, um homem livre. Voltaire ficaria satisfeito com essa conversão.

26. Aprendiz de escritor

Costumava dizer quando criança que queria ser escritor. Desses que amanhece o dia com vontade de escrever e adormece pensando no que vai escrever no dia seguinte. Esse meu entusiasmo pela escrita acabou atraindo para junto de mim Espíritos que gostariam de contar seus dramas, escrever suas criações, adquirir fama através de livros, coisa que, absolutamente, não faz parte do meu interesse.

Ocasionalmente, meus instrutores espirituais trazem à doutrinação Espíritos que cultivam o ideal da escrita. Geralmente são jovens que se deixaram impressionar por alguma obra lida no plano espiritual e que sonham provocar o mesmo impacto nas pessoas. Ocorre que nem todo sonho encontra lugar na realidade. Composto de inspiração e transpiração, muito mais esta que aquela, o sonho necessita de alimento constante, fé e boa possibilidade de encaixe em nossas aptidões. Às vezes nossos sonhos e nossas aptidões são opostos. Neste caso, o esforço terá que ser redobrado e a perseverança bem mais acalentada.

Miguel de Cervantes passou a alimentar-se com regularidade, pois antes curtiu muita fome, aos 25 anos, quando alistou-se no Exército, na Itália, onde a Espanha tinha guarnições de destaque. Nessa época, os turcos haviam invadido a Europa e avançavam através do Mediterrâneo, sob o comando do Sultão Salomão II. A Espanha enviou uma esquadra chefiada por D. João da Áustria, que deveria unir-se à de Veneza e a dos Estados Pontifícios, organizada pelo Papa Pio V. Conta-se que, após algum tempo de lutas, iniciada a batalha decisiva, em determinado momento, o Papa, a cerca de mil milhas de distância, no Vaticano, levanta-se, olha para o Oeste e diz: *Vejo uma batalha na qual D. João de Áustria acaba de derrotar os mouros. As nossas forças foram vitoriosas!* E sai correndo, a gritar: *Badalem os sinos, queimem o incenso, Aleluia! Aleluia! Agradeçamos a Deus, pois vencemos!* Alguns dias depois chegam notícias confirmatórias de que D. João de Áustria destroçara as tropas mouras, libertara 13 mil escravos, fizera 10 mil prisioneiros, destruíra 130 embarcações, sendo absolutamente fiel a “visão a distância” do Papa.

Fatos importantes passaram despercebidos nessa peleja, mesmo porque o dia da vitória para Miguel de Cervantes ainda não havia chegado. Quando essa batalha foi iniciada, uma das mais cruéis da História, Cervantes agonizava no porão de um dos navios, atacado por paludismo. Ao ouvir os estampidos, correu para a coberta, a fim de participar da peleja, ocasião em que recebeu dois tiros no peito e um terceiro que lhe provocou um rombo no braço.

Três anos depois, Cervantes voltou à Espanha, levando uma carta de recomendação escrita por D. João de Áustria, endereçada ao rei Felipe, relatando sua bravura e solicitando tratamento especial para tão invulgar coragem. A meio do caminho ele foi feito prisioneiro por piratas que o levaram para Argel. Lá não foi aproveitado nas galés devido ao braço deficiente, passando a ser escravo de um pirata chamado Dali Mami. Este, ao ler a carta endereçada ao Rei, julgando que Cervantes era uma figura importante da corte, pediu um resgate pela sua liberdade. Durante os cinco anos de cativeiro, o futuro escritor assistiu a seus companheiros nas lutas do dia e nas agruras da morte, tendo chefiado vários motins, visando obter sua liberdade e a dos amigos ou amenizar os maus tratos de que eram vítimas. Tantas fez, que acabou sendo condenado à morte. No momento da execução, confessou-se o único culpado das tentativas de fuga e essa coragem lhe valeu o perdão.

Quando sua família finalmente enviou o dinheiro do resgate, libertaram-no com mais um documento elogioso, assinado por mouros e cristãos: *Nunca cativo algum manteve comportamento tão indomável quanto este guerreiro*, registrava o documento.

Na Espanha, cansado de esperar pelo reconhecimento real, que nunca veio, mesmo porque na corte a bajulação parece ter mais valor que a bravura, resolveu escrever. Escreveu muito, coisas comuns, sem atrativos, que nada lhe renderam em dinheiro. Como nutria simpatia pelo teatro, escreveu cerca de vinte obras para este gênero, sem êxito em nenhuma delas. Abandonou a escrita e saiu a esmolar emprego de qualquer espécie. Mandaram-no reunir provisões para a *Armada Invencível* que o rei enviaria contra a Inglaterra, e que resultaria em clamoroso fracasso posteriormente. Por causa das contas referentes às arrecadações de trigo, azeite, vinho e carne de porco mostrarem-se confusas, mandaram-no para a cadeia sem nenhum respeito ao seu patriotismo, muito menos à sua bravura.

Na cadeia, Cervantes começa a gestação de D. Quixote de la Mancha. Surge um velho, só pele e ossos, auxiliado pelo seu fiel escudeiro, Sancho Pança, montado em um jumento, acreditando ser o último cavaleiro andante da Cristandade, cuja missão é sair pelo mundo desfazendo desagradados, resgatando donzelas e matando gigantes. Para este herói, qualquer fato, por mais trivial que fosse, era elevado à categoria de romance. Uma serva velha e sem atrativos físicos era tida como uma donzela pura e bela, um barraco, reconhecido como um castelo, um rebanho de ovelhas transformava-se em sua ótica em um exército sarraceno e um moinho de ventos em um monstro.

Aos 58 anos de idade, precocemente envelhecido, com apenas seis dentes, em petição de miséria, iniciou sua obra, querendo apenas mostrar o ridículo exposto nos romances de cavalaria, cuja leitura era abundante em toda a Espanha. Quando a concluiu, em 1605, ela logo se espalhou pelo país, fazendo dele uma pessoa famosa, mas sem nenhuma riqueza material. Em 1616 a morte veio buscar-lhe, encontrando-o velho, andando com dificuldade, sem dinheiro, em um antigo sítio esquecido.

Como se nota, cada escritor tem sua história, seus sofrimentos, suas decepções, e muitos deles não conseguem o reconhecimento de seus méritos. Outros são perseguidos e presos pela audácia de tornar público seus sonhos de justiça e sua genialidade.

Frederico era um jovem que queria ser escritor e Francisco o trouxe para conversar comigo nos últimos instantes da reunião de desobsessão.

- Professor, sei que é escritor, e esta é a razão do meu pedido para falar com o senhor. Talvez possa dar-me alguns conselhos sobre como agir, por onde começar, que estilo escolher, em que especializar-me, romances, contos, poesias, crônicas...

- Não me sinto em condições de aconselhar quem quer que seja em assunto tão importante. Mas posso contar algumas coisas que observei escrevendo e lendo muitos livros. Em primeiro lugar, cada escritor encontra o seu próprio estilo. Ninguém poderá dizer-lhe o que escrever, pois esta é uma decisão pessoal apontada pela sua paixão. Observe a vida, a natureza, os costumes, os dramas, a poesia do povo, esta é a matéria prima de todos os escritores. Não escreva secamente. Use a poesia misturada à prosa, construa suas próprias metáforas, escreva com o coração e com a razão, assim atingirá tanto os racionalistas quanto os românticos. Leia bastante, assim terá subsídios para seus temas e referenciais para traçar paralelos entre bons e maus textos. Use a simplicidade e evite a vulgaridade. O senso comum não se sobressai, por isso imprima sua marca em tudo quanto faça. Se quiser ser um escritor espírita, tenha em Kardec e em Jesus suas fontes de inspiração e pesquisa, e tente fazer de seus ensinamentos um roteiro de vida. Nunca espere

a inspiração chegar para escrever algo. Não seja um escravo dela. Aprisione-a em você. Escreva um texto tantas vezes seja preciso, até que esteja satisfeito com ele. Deixe seu coração e sua mente sempre receptivos às idéias, e assim, naturalmente, elas convergirão para dentro de você. Se conseguir seguir esta receita, talvez adquira o que eu considero o mais importante dom de um escritor: *o poder de evocação*.

- Mas o que o senhor chama de poder de evocação?

- Pegar na caneta a qualquer instante e ligar-se ao mundo das idéias, à fonte de palavras que se encaixam nas frases como luvas.

- O senhor contou-me parte da vida de Cervantes para que eu esteja preparado para o sofrimento, o não reconhecimento da minha obra?

- Isso mesmo. A glória do escritor é escrever. Como um músico é feliz tocando o seu instrumento, um escritor deve satisfazer-se com seus escritos. Se houver a gratidão do povo pelo que ele escreveu, muito bem; caso contrário, que sejamos Cervantes, sem guardarmos mágoas ou ressentimentos.

- Muito obrigado pelos seus conselhos, professor. O senhor pode ficar certo de que ajudou bastante e de que não esquecerei nossa conversa na hora de produzir meus escritos.

- Não precisa agradecer. Foi um prazer conversar com um jovem de ideal tão bonito e nobre. Espero que me convide para o lançamento do seu primeiro livro.

Ele sorriu satisfeito e afastou-se, ficando em respeitoso silêncio ao proferirmos a prece final.

Gostei do rapaz. Ele me levou de volta à minha juventude. Espero encontrá-lo um dia, plenamente realizado.

27. Uma regra para se conduzir bem

Veza por outra, surge em meio à reunião, um tipo que quer nos testar através do intelecto e, mais fortemente, da moral. A técnica aqui empregada é evitar a discussão, justamente o que o visitante não quer, pois a ele interessa ganhar tempo e tornar a reunião improdutiva. O melhor a fazer em ocasiões tais é chamar o comunicante à objetividade, dizendo-lhe com humildade que pouco sabe, mas que está convicto de que o pouco com Deus é muito, e que Este tem sempre meios de suprir deficiências naqueles que procuram servir-LO com sinceridade.

Na verdade, assim procedendo, o doutrinador não está se acovardando nem mentindo, pois nesse campo, a obsessão, ele pouco sabe acerca dos avançados métodos empregados pela sombra no combate ao bem que os bons Espíritos procuram realizar.

O que ele não deve fazer jamais é fugir do seu trabalho, temendo ser vencido ou subjugado pelo obsessivo. O doutrinador leal a seu ofício está sempre com Deus a seu favor, receptivo aos conselhos dos bons Espíritos, ao lado de dezenas de amigos que tudo fazem para protegê-lo. É verdade que Deus está com todos nós, mas, às vezes, nós é que não estamos com Ele. Esta é a diferença básica entre quem faz o bem e quem deseja o mal.

A firmeza de propósitos de um doutrinador, a vontade firme de renovar-se, de fazer um bom trabalho, o põe em sintonia com os mentores da casa, e isso, se não é tudo, é um elo inquebrantável com a luz.

O leitura do Evangelho naquela noite fora extraída do Capítulo XI, “Amar ao próximo como a si mesmo”, ao que se seguiu rica discussão sobre esta regra máxima de virtude moral a ser utilizada por toda a humanidade em séculos futuros. Concluída a prece inicial, logo alguém nos abordou com a seguinte pergunta: *Estou aqui para perguntar ao dirigente desta reunião qual a regra de se conduzir bem.*

Perguntas assim sempre me deixam de sobreaviso, pois quando as respondemos, segue-se quase que invariavelmente uma outra: *E o senhor a cumpre?*

O objetivo da pergunta é, portanto, iniciar um diálogo do qual o doutrinador saia desmoralizado. Macaco velho no ofício, entendi que tinha de safar-me da emboscada. Aliás, já sabia de memória que *a regra para se conduzir bem* é a definição de moral, dada pelos Espíritos à pergunta 629 de “O Livro dos Espíritos”. E isso era um bom começo.

- Muito me alegra saber que você está estudando “O Livro dos Espíritos”, pois não há caminho melhor para quem quer percorrer mais rapidamente a longa estrada da evolução.

- Não estou estudando livro nenhum. Quero apenas uma resposta à pergunta que lhe fiz.

O homem era apressado, e aquilo também era ponto a meu favor, pois poderia cansar a sua impaciência, fazendo-o revelar as suas verdadeiras intenções. Havia lido um livro de Carl Sagan, “Bilhões e Bilhões”, e ainda estava gravado em minha mente um estudo que ele fizera sobre regras de se conduzir, destacando a regra de ouro, a de prata e a de bronze. Foi por este caminho que resolvi perturbá-lo, invertendo assim as posições no jogo.

- Meu amigo, posso citar três maneiras distintas para que um homem conduza o seu destino. A primeira é a regra de ouro, atribuída a Jesus de Nazaré: *Faz aos outros o que desejas que te façam.* A segunda é a regra de prata: *Não faças aos outros o que não desejas que te façam.* E a terceira é a regra de bronze, ensinada por Confúcio: *Pague a bondade com a bondade, mas o mal com a justiça.*

- Espere aí! Você pode dizer qual a real distinção entre elas? Ditas assim ligeiramente elas me parecem semelhantes.

- Claro que não são! A primeira imprime no ser uma atitude positiva, de estar sempre desejando e fazendo o bem, independente de ser tratado com justiça ou com opressão. Essa é a regra mais difícil de ser vivenciada. Como só um louco pode desejar para si o mal, o seguidor desta regra, obrigatoriamente estará sempre fazendo o bem. A regra de prata foi recentemente aplicada na Índia e nos Estados Unidos por Gandhi e Luther King Jr, respectivamente. Eles aconselhavam a não violência, mas insistiam na desobediência civil, ou seja, não queriam que seus seguidores fossem submissos nem obedientes nos pontos onde a justiça fora desrespeitada. Os seguidores desta regra colocavam o pescoço na guilhotina para mostrar com seus gestos desafiantes às leis parciais a injustiça que os atingiam, conseguindo assim, muitas vezes, mudar o pensamento de seus inimigos e conquistar aqueles que não se envolviam com a problemática em questão. A regra de bronze, que pode ser resumida em *faz aos outros o que te fazem*, é a mesma lei de Moisés, mais conhecida como “olho por olho e dente por dente”. Aqui, repartimos os homens em amigos e inimigos. Se me tratam com cortesia sou cortês, se me tratam mal, viro lobo mau. Isso não é bom, porque a violência, uma vez gerada, se expande em mais violência, até que

encontre o perdão, contido na regra de ouro. Ocorre que este encontro pode demorar séculos.

Esperava, como é peculiar neste tipo de diálogo, que ele me interrompesse, forçando-me a uma resposta objetiva, o que não ocorreu. Ele parecia estar realmente interessado naquela conversa das regras. Notando isso, continuei.

- E ainda existe uma quarta regra, que poderíamos chamar de regra de ferro: *Faz aos outros o que quiseres, antes que te façam o mesmo*, ou, em estilo mais simples, *aquele que tem ouro cria as regras*. A humanidade parece, em sua maior porção, adotar esta regra, de natureza inferior às demais.

- Você esqueceu duas outras regras existentes no livro de onde retirou as quatro que citou. Eu o estava observando enquanto lia. Na verdade, gostei do texto e queria discuti-lo, caso tivéssemos tempo para isso. Deixe-me lembrá-lo das outras duas regras: *Puxa o saco dos teus superiores e maltrata os teus inferiores*. A outra, obra-prima da malandragem, é a seguinte: *Favorece sempre os parentes próximos e faz o que quiseres aos outros*.

Fiquei surpreso com o desfecho da conversa. Ele não estava ali para colocar-me em situação vexatória. Queria apenas conversar sobre um tema do seu interesse. Eu havia julgado mal, ou melhor, prejudicado, e nesse particular, fui eu a receber a lição. Desculpei-me meio sem jeito, mesmo porque ele notara a minha disposição íntima de colocar-me em guarda, mas com sorriso irônico ele concluiu: *Não se apoquente, professor. Podemos utilizar a nossa conversa como um exemplo para a regra de prata*.

Ainda conversamos um pouco. Ele realmente se impressionara com o texto e queria saber o significado exato daquelas regras, cujas três primeiras, em sua interpretação, lhe pareciam boas como normas de conduta. Sugerí que me visitasse em um sábado qualquer em que estivesse livre. Eu o reconheceria pelo desejo inesperado de ler novamente o artigo. Quem sabe, pensando juntos, poderíamos entender a real profundidade daquelas regras tão preciosas para o Espírito. Ele concordou e ainda espero a sua visita.

28. A prisão de Mariane

Em uma reunião de desobsessão surge, às vezes, histórias tão estranhas que somente depois de concluída é que, pensando no ocorrido, conseguimos entender na totalidade o seu desfecho. Mas, como todos que comparecem a ela e conseguem comunicar-se têm a permissão dos mentores da casa para fazê-lo, o doutrinador deve estar preparado para qualquer eventualidade. Foi assim que, de repente, um homem indagou-me se eu podia ajudá-lo a libertar Mariane, pois ela era a única que poderia expulsar a injustiça do seu país.

- A qual país o senhor se refere?

- A França. Lutei muito por ela, mas fui feito prisioneiro. Disseram que Mariane também caiu em desgraça, por isso quero libertá-la para que, novamente, ela nos conduza à vitória.

- Em que ano o senhor pensa que estamos?

- Como, em que ano?! Estamos em 1833. A liberdade de imprensa foi violada. Calaram-me a boca, algemaram-me as mãos, quero a liberdade de volta.

Passei a pensar que o amigo com o qual dialogava, participara da revolução de 1830 e, fanático pela causa, ainda não saíra dela, deixando-se cristalizar em suas idéias utópicas.

O Iluminismo, ao colocar suas luzes sobre o pensamento moderno, procurando a tudo aprofundar pela liberdade de expressão, possibilitou a que se pensasse o “novo”, aquilo só visto em sonho, a utopia que não se afasta a cada passo dado em sua direção. Alimentado pelos ideais de justiça, contagiou com sua poesia o pensamento dos homens, deixando-os apaixonados pela revolução. Antes, manipulados por fortes cabrestos, deixavam-se agora embriagar de liberdade e procuravam arrancar as mordanças que os incomodavam. A eles não bastaria reformar a sociedade, era necessário erradicar o “velho” e fazer nascer o “novo”. Em momentos assim, a sociedade é movida pela paixão. As paixões reprimidas, quando afloradas, não escutam argumentos, fazem seus próprios argumentos através da violência e partem derrubando tudo à sua frente em nome do interesse popular. Os revolucionários utopistas franceses de 1789 sonhavam com a redenção da humanidade e com o reino da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade. Voltados para o progresso social, cientes de que poderiam construir uma sociedade perfeita, capaz de administrar suas carências e erradicar toda a injustiça, estes homens corajosos não levaram em conta a inexistência da reforma moral, princípio básico para uma mudança de hábitos. A razão necessitava de reformas, mas a paixão só podia dar-lhe a revolução.

Aquele homem era um apaixonado pela revolução; merecia, portanto, o meu maior respeito, mesmo entendendo que a reforma moral deveria vir primeiro e que só em ocasiões excepcionais a guerra é justificada. Pensei em tudo isso naquele instante de silêncio que se interpôs entre nós. E em tom respeitoso, perguntei-lhe:

- O que o senhor quer que façamos mais urgentemente?

- Que me dê condições de lutar pela liberdade de imprensa. Quero armas, homens, meios para formar um exército e libertar Mariane.

- Sinto não poder atendê-lo quanto às armas e aos homens. No entanto, podemos ajudá-lo na liberdade de expressão.

- E como farão isso a não ser pela força das armas?

- Levando-o a locais e épocas em que a liberdade de imprensa há muito foi estabelecida.

- Você disse épocas? Por acaso pensa em levar-me ao futuro como se fosse um mágico?

- Sim, embora não seja mágico. Se nos permitir ajudá-lo, podemos fazer uma pequena demonstração agora, e mais tarde ampliaremos seus conhecimentos a respeito da França Livre.

- Livre? Quer dizer que meus companheiros venceram?

- Não fique tão ansioso. Observe a paisagem do quadro que está na parede (um lago sereno com arvoredos ao redor), enquanto oramos por você.

Ele foi revendo as cenas cristalizadas em sua mente, seu desencarne, sua perturbação após a morte, seguindo-se cenas da França moderna, que ele assistia maravilhado.

- Eu quero ir lá! Deixe-me ver a minha pátria! Lutei tanto para vê-la assim, livre, iluminada como está.

- Você terá bastante tempo para visitá-la. Agora sugiro que descanse em nossa casa. Teremos o maior prazer em hospedar um homem que muito lutou pela justiça em seu país.

- Obrigado! Estou mesmo cansado. Mas estou feliz. Finalmente Mariane está liberta.

Ele pareceu adormecer. A cristalização mental se desfizera e as imagens agora desfilavam em sua mente, livre do coágulo que a subjugara. No outro dia, voltou-me à mente a palavra Mariane, mulher cuja prisão tanto preocupara o nosso visitante. Tomei o livro de História Geral e procurei entre os vultos da Revolução de 1830, na França, alguém com este nome, nada encontrando. Já ia fechando o livro, quando li, ao lado de um quadro do pintor francês Delacroix, intitulado *A Liberdade Conduzindo os Povos*, a seguinte nota: *Esta é Mariane, a deusa da liberdade, símbolo da Revolução Francesa, conduzindo os povos sobre uma barricada.*

Sorri satisfeito do meu achado e por descobrir tanta riqueza de detalhes em uma comunicação espírita. O quadro é exageradamente lindo e o seu título mais ainda. Tinha razão o amigo, e eu nem sei o seu nome, em defender tão ilustre dama. Fechei o livro com aquela satisfação típica de alguém que encontra um momento feliz e que tem a certeza de que o guardará para sempre.

29. Definição de amor

Definir qualquer coisa requer, antes de tudo, conhecimento aprofundado daquilo que se quer definir, e o que se conhece das coisas é apenas uma pálida face que se deixa observar no obscuro cenário construído por nossas interações com elas.

Definir a si próprio deve ser uma tarefa ingrata para qualquer mortal, devido ao desconhecimento que temos de nós mesmos. Não dominamos sequer as informações da presente existência, imagine-se as de centenas de experiências passadas. No presente estágio que atravessamos, conhecemos um pouco da nossa personalidade e quase nada da nossa individualidade. Esta parece ser a realidade que nos acompanha.

Havia concluído o diálogo com um pobre louco que se dizia um ilustre cientista, quando um jovem com ares de filósofo veio fazer-me a seguinte pergunta: *O que é o amor?*

Apesar de acostumado a situações estranhas, senti-me um pouco desconfortável diante de tão singular pergunta. Não tive vergonha de dizer que não tinha uma definição formada quanto a este sentimento. Dizer o que? Que ele é o requinte dos sentimentos? A virtude que mais caracteriza o próprio Deus? O manto que cobre uma multidão de pecados? Não! Ele que me desculpasse, mas eu não tinha, pelo menos no momento, uma definição formada para tão nobre sentimento.

- Isso é uma falha sua. O senhor não é doutrinador? O amor não é uma disciplina obrigatória no seu ofício? O senhor não vive dizendo que o Espiritismo é uma doutrina de cultura, que o doutrinador deve estar preparado para qualquer situação, que o visitante não deve sair sem atendimento satisfatório?

- É verdade. Vivo dizendo estas coisas, mas não tenho uma definição que possa passar para as pessoas a correta essência do amor. Poderia lhe dar um conceito qualquer que deixasse transparecer uma pálida idéia desse sentimento, mas acredito que não seja este o seu desejo.

- Não é! Queria uma definição que pelo menos não sendo definitiva, se aproximasse da verdade. Como o senhor é escritor e doutrinador, julguei que seria a pessoa mais indicada para esta consulta.

- Penso que superestimou a minha competência. Na verdade, escrevo sobre idéias que me visitam a mente e que não me obrigam a pesquisas profundas. Bem que gostaria de ter tempo para adentrar compêndios de filosofia, mas preciso cuidar de meus alunos e dos trabalhos do Centro Espírita.

- Aceito as desculpas, mas continuo querendo uma definição.

- Lamento, e me desculpo por não poder ajudá-lo. Sinto sinceramente pela minha incompetência neste caso.

- Eu é que lhe devo desculpas pela insistência. Sou um aluno de filosofia e minha tarefa no momento é tentar descrever, definir o amor com o máximo de aproximação possível da sua essência. O senhor não teria um tempo em casa para ler algo sobre o amor? Certamente isso traria subsídios para a minha exposição.

Combinamos para sábado pela manhã. Busquei velhos livros de filosofia e marquei as páginas com referências ao amor. O que mais se aproximava do que ele queria era o *Banquete*, escrito por Platão. Tentei na hora marcada iniciar um resumo do diálogo de Sócrates com cinco amigos presentes em uma festa, oferecida a um poeta que ganhara um prêmio por sua poesia. O tema da conversa era justamente tentar definir a essência do amor. Cada um deles deveria fazer uma homenagem a Eros, deus do amor, definindo a seu modo o que é o amor. *O amor é o mais bondoso dos deuses, porque induz a quem ama a sacrificar-se pelo ser amado, inspirando-o devotamento e desejo de fazer o bem; há dois tipos de amor: o amor sexual e grosseiro que satisfaz os corpos e que logo se desfaz e o amor espiritual entre as almas, que é eterno; o amor orienta, organiza e disciplina o mundo, pois é justamente ele que aproxima os semelhantes e afasta os desiguais, sendo portanto a força cósmica que organiza e harmoniza o universo; o amor é o encontro com a outra metade nossa (espécie de alga gêmea); O amor é o mais belo e o melhor dos deuses. O mais belo porque sempre jovem e sutil, penetra imperceptivelmente nas almas, e o melhor porque odeia a violência e a desfaz quando a encontra. É o amor que inspira os artistas e poetas, trazendo a beleza ao mundo.* Assim falaram os cinco amigos.

Sócrates previne a todos que falará a seu modo, e o faz através de um mito: *Quando a deusa Afrodite nasceu, houve uma grande festa para os deuses, mas esqueceram-se de convidar a deusa Penúria. Miserável e faminta esta esperou o final da festa, esgueirou-se pelo jardim e comeu os restos, enquanto os demais deuses dormiam. Num canto do jardim, viu Engenho Astuto e desejou ter um filho dele, deitando-se ao seu lado. Desse ato sexual nasceu Eros, o amor. Como sua mãe, Eros está sempre faminta, carente, miserável; como seu pai, Eros é astuto, sabe criar expedientes engenhosos para conseguir o que quer.*

E qual seria a interpretação deste mito? O amor é carência e astúcia, desejo de saciar a fome e a sede de preenchimento, de completar-se, de encontrar a plenitude. Amar é desejar o ser amado como se estivesse incompleto e somente ele o completasse, o satisfizesse, o plenificasse. Amar é desejar fundir-se na plenitude do amado e ser um só com ele. Como desdobramento do mito, Marilena Chaui faz a seguinte indagação: O que pode completar e dar plenitude a um ser carente? O que é em si mesmo completo e pleno, isto é, o que é perfeito? O amor é o desejo de perfeição. E o que é a perfeição? Prossegue indagando a autora, respondendo ela mesma a esta questão: *A harmonia, a proporção, a integridade ou inteireza da forma. Desejamos as formas perfeitas. A forma perfeita, acabada, plena, inteiramente realizada, sem falhas, sem faltas, sem defeitos, sem*

necessidade de transformar-se, isto é, sem necessidade de mudar de forma. A forma perfeita é o que chamamos de beleza. O amor é o desejo de beleza. Onde está a beleza nas coisas corporais? Nos corpos belos, cuja união engendra uma beleza: a imortalidade dos pais através dos filhos. Onde está a beleza nas coisas incorporais? Nas almas belas, cuja beleza está na perfeição de seus pensamentos e ações, isto é, na inteligência.

Que amamos quando amamos corpos belos? O que há de inteligência, ou seja, as idéias. O amor pelos corpos belos é uma imagem ou uma sombra do amor pelo imperecível, mas o amor pelas almas belas é o amor por algo que é em si mesmo e por si mesmo imperecível e absolutamente perfeito.

Se o amor é o desejo de identificar-se com o amado, de fundir-se nele tornando-se como ele, então a qualidade ou a natureza do ser amado determina se um amor é plenamente verdadeiro ou uma aparência de amor. Amar o perecível é tornar-se perecível também. Amar o mutável é tornar-se mutável também. O perecível e o mutável são sombras, cópias imperfeitas do ser verdadeiro, imperecível e imutável. As formas corporais belas são sombras ou imagens da verdadeira beleza, amamos não esta ou aquela coisa bela, mas a idéia ou a essência da beleza, o belo em si mesmo, único, real.

As almas belas são belas porque nelas há a presença, ainda que invisível à primeira vista, de algo imperecível: o intelecto, parte imortal de nossa alma. Que ama o intelecto? Um outro intelecto que seja mais belo e mais perfeito do que ele e que, ao ser amado, torna perfeito e belo quem o ama. O que é um intelecto verdadeiramente belo e perfeito? O que ama a beleza perfeita. Onde se encontra a tal beleza? Nas idéias.

*Finalmente, o que é a essência ou a idéia do amor? O amor é o desejo da perfeição imperecível das formas belas, daquilo que pode ser contemplado plenamente pela inteligência. O amor é o desejo de saber: **philosophia**.*

Não sei o que o jovem estudante achou do resumo. A opinião de Sócrates sobre o amor pareceu-me, além de sintonizada com o pensamento espírita, o que de mais refinado se estruturou sobre esse sentimento próprio das almas nobres. Ele não voltou para novas perguntas, o que é um forte indício de que ficou satisfeito. Para mim, foi uma oportunidade de rever velhos conceitos e aumentar ainda mais, o que sempre ocorre quando o consulto, a minha admiração por este grande filósofo.

Pensei com meus botões. Professor de alunos encarnados, durante o sono físico, e agora atendendo desencarnados em domicílio, será que agüento isso? Tapei os ouvidos para o caso de algum instrutor espiritual ter escutado a minha pergunta e querer dar uma resposta.

30. As alegrias do ofício

Nem tudo é suor e sacrifício no exercício mediúnico. Além da alegria de servir, da fraternidade que reina no grupo mediúnico, da convivência com os amigos espirituais, há também as surpresas que eles nos preparam fazendo-se de pais amorosos e disciplinados.

Não nos tratam como bebês chorões, atendendo-nos os caprichos a cada lágrima nossa. Deixam-nos sofrer as dificuldades inerentes ao nosso progresso, aconselham, consolam, mas não tiram a cruz que nos compete carregar.

Mas, de vez em quando, sem que peçamos, ou até sem que mereçamos, nos preparam surpresas, deixando-nos felizes e motivados para mais trabalho. Ora é uma mensagem de estímulo, um aviso, uma ajuda explícita. De outra feita, pode ser uma conversa amigável durante o sono físico, um passeio a um lugar que amamos, uma música.

Lembro-me de que certa feita, durante o sono físico, quando penetrava em um salão para fazer algo que agora faz parte do esquecimento, Kröller, sentado ao piano, disse: **surpresa!** E começou a tocar uma melodia que gosto muito. Quando faço aniversário, não raramente, as crianças da escola que freqüento durante o sono físico fazem uma verdadeira algazarra, a qual chamam de festa de aniversário para o professor. Converso com instrutores sobre o que escrever nos livros, com leigos que querem aprofundamento nos textos que escrevo e, em casa, enquanto escrevo, é comum ter companhia para aprender comigo ou para ensinar-me algo.

Havia escrito o livro *Espiritismo e Justiça Social*, obra que trata através de textos claros, motivantes e bem fundamentados a relação existente entre política e religião, enfatizando a necessidade da união de ambas nas batalhas inadiáveis que se avizinham visando a conquista da cidadania, quando minha velha amiga, já desencarnada, Ednir, veio fazer-me uma pergunta: Luiz, tenho todos os seus livros em minha estante. Eles aparecem lá, certamente colocados por nossos amigos. Mas, se não aparecessem, com certeza eu cobraria isso. Hoje, encontrei o seu último livro, com dedicatória, sobre a minha mesa de estudos. Estou aqui para saber se você o autografou para mim.

- Claro! Queria que você lesse, antes do lançamento, o seu artigo sobre política.

Apressada como sempre, Ednir disse-me algumas palavras de carinho e se foi para o seu ofício. Comentamos após a reunião essa convivência em dois planos, essa duplicidade de ações que às vezes nos confunde, pois há ocasião em que paramos para pensar: será que ouvi isso trabalhando durante o sono físico ou foi aqui no Centro Espírita em meio aos encarnados?

São dois lançamentos do mesmo livro, dois grupos de amigos, dois trabalhos semelhantes, duas faces da mesma existência, sendo uma delas desconhecida para a maioria dos mortais comuns.

Tomei nas mãos o livro que nem sequer havia sido lançado. Ali estava registrado em ricos detalhes os motivos pelos quais o cidadão comum não gosta de “política”, o quanto essa alergia ao termo prejudica e atrasa a instalação da justiça social e ao mesmo tempo fortalece a corrupção nos meios políticos. Registro ali: os debates e as lutas a serem implantados no campo social, notadamente nos setores da saúde, educação e moradia, só terão efervescência com o engajamento político das massas, fato que não interessa aos maus políticos.

Os temas polêmicos nele abordados, preciosos demais para ficarem no esquecimento, desenvolvem com elegância e bom senso o complexo tema “justiça social”, utilizando argumentos e justificativas embasados na ciência acadêmica, na codificação kardeciana e no Evangelho de Jesus, o que torna sua leitura obrigatória para espíritas e não espíritas.

Ednir veio dizer-me que a parceria estava firme e forte, que para trabalhadores espíritas essa diferença de planos não é obstáculo ao trabalho, antes o fortalece. Ela está presente na reunião que eu dirijo. Eu estou presente nos trabalhos que ela realiza. Eu lhe entrego o livro que escrevi. Ela se faz presente no lançamento. Eu estou aqui e vivo lá. Ela vive lá e está aqui.

Essas são as alegrias do ofício, disse-me ela. Esse é o ofício das alegrias, disse-lhe eu.

Reunião de desobsessão não é somente o desfile interminável de choros, ameaças e perseguições. É também a sala de estar, onde amigos se abraçam e solidificam a fidelidade ao ideal que os unem.

31. A solidão de Deus

A amizade é algo raríssimo neste planeta. O colegüismo, o companheirismo, as ligações matrimoniais, paternais, bem como outros tipos de relacionamento não implicam na obrigatoriedade da existência da genuína amizade. Amigo, diz o poeta popular, *é coisa para se guardar, no lado esquerdo do peito, dentro do coração*. Em virtude dessa raridade, costuma-se mencionar com propriedade que aquele que encontra um amigo, encontra um tesouro.

É realmente nos momentos de dor ou de dificuldade que o amigo é identificado. Aquele que fica para auxiliar, que procura com sinceridade e esforço retirar o outro da situação aflitiva em que se encontra, mesmo que para isso tenha que perder o emprego, um bem material, ficar antipatizado por terceiros, este é o amigo.

Aquele que está ao nosso lado na doença, na miséria, que não se importa com a nossa mesquinhez, embora nunca tenha agido como tal, que diz palavras sinceras, mesmo duras, que mete o pé na lama para nos tirar de lá, que não ridiculariza nossos sonhos nem tira proveito de nossa fraqueza, este é o amigo.

“Como jamais tive alguém assim na vida, fui uma pessoa sem amigos. Preferia ser solitário, que suportar a hipocrisia daqueles que se diziam amigos e em minhas costas agiam como estranhos, incapazes de dar um testemunho a meu favor”.

O homem começou a comunicação com este desabafo. Parecia amargurado, e a amargura é um vulcão ativo que não cessa de derramar lavas quando nos deixamos dominar por ela. Iniciei a doutrinação, intimamente dando-lhe um pouco de razão quanto às qualidades de um verdadeiro amigo, por ele traçadas.

- Será que a sua dificuldade em conseguir um amigo não está no seu perfeccionismo? A perfeição ainda não reside entre nós. Lembre-se de que a maioria das pessoas passam pelo mundo sofrendo algum tipo de abandono. Se não são os amigos que as deixam, podem ser as leis que as desamparam. Quando não é a ingratidão, a traição ou o escárnio, pode ser mesmo a solidão a dois, a três, a muitos. Neste planeta, não é raridade constatar que as maiores dores que atingem um homem podem ser causadas por aqueles que convivem com ele, dentro do próprio lar. Em todas as ocasiões, devemos procurar agir conforme o modelo que nos foi enviado por Deus para nos servir de guia que é Jesus. Por acaso, não passou Ele por todos esses incômodos, infelizmente comuns ao nosso estágio evolutivo?

- Sei! Mas ele é um santo, eu sou um pecador.

- Nós somos pecadores, por isso devemos fazer um esforço para entender a fragilidade do outro. Se o outro tivesse todas as virtudes que almejamos em uma pessoa, provavelmente já teria deixado o planeta.

- Entendo o seu ponto de vista, mas penso que uma pessoa é amiga, ou não. A amizade é algo que não admite manchas. Um amigo remove montanhas para salvar o outro. Os que encontrei, desistiam com alguns grãos.

- Se você espera conviver com alguém que tenha atingido esse estágio de perfeição que diz ter com relação à amizade, vai ficar na solidão por mais tempo, pois desconheço almas assim. Se consegui evoluir tanto e sente-se em condições de oferecer uma amizade tão bela qual a que exige dos outros, acredito que seja capaz de perdoar as eventuais falhas dos companheiros de jornada.

- Dos companheiros de jornada, sim, de amigos, não.

- Não lhe parece uma contradição o que você está dizendo? Deus é perfeito. Se ele exigisse que seus amigos tivessem as Suas qualidades, seria um eterno solitário.

- E não é? Não podemos falar da solidão de Deus, já que ninguém O iguala?

- Se Ele fosse egoísta, sim. Mas Deus é generosidade, compreensão, amor. Entende a fraqueza humana e incentiva a sua superação. Aquele que mais sabe deve ser o que mais ensina. Não foi esta a lição primordial de Jesus: *Aquele que quiser ser o maior que seja o que mais serve?* Por que não ensina através do seu exemplo a verdadeira amizade? Certamente muitos seriam os percalços, mas compensadoras as alegrias.

- Como resumo, o senhor diria que o meu egoísmo impede que eu tenha amigos e que um pouco de humildade me tiraria a solidão que me acompanha.

- Não! Você é que chegou a esta sábia conclusão. Se quiser começar por um amigo com muitas falhas, aqui está minha mão de pecador.

Ele sorriu um pouco sem graça e apertou a minha mão por alguns segundos. Quando já ia retirar-se, disse: mas certas coisas eu não tolero!

- O que, por exemplo?

- Que me peçam livros emprestados. Geralmente, nunca devolvem.

Pelo menos aquela recente amizade tinha uma intercessão. Pela teoria dele, menos um motivo de discordâncias. E isso é um bom começo.

32. Narciso

A primeira comunicação da noite foi marcada por forte tom de desespero. Quando um Espírito comunica-se, em pânico constante, como se estivesse enfrentando a morte sem chance de vencê-la, sempre existe dificuldade em se manter um diálogo racional. O médium, teleguiado pelo comunicante, apontava para determinado local da mesa, passava a mão no rosto como a retirar o suor que lhe embaçava a visão, dava gritos de dor e parecia nada ver nem ouvir, a não ser o seu próprio sofrimento.

- Tire! Tire esse torrão dali! Eu não quero continuar vendo esse carvão!

Percebi que ele havia desencarnado em um incêndio e, sem demora, procurei chamar-lhe a atenção para o esforço dos enfermeiros ao seu redor, que tentavam passar uma espécie de gel em sua pele, a fim de amenizar a sensação de ser queimado vivo, segundo sua própria descrição. Mas, na perturbação em que ele se encontrava, não fazia uma correta análise dos fatos, pois sua linguagem era contraditória e confusa, não conseguindo entender como alguém poderia prestar-lhe atendimento, se o seu corpo era aquele carvão que tanto o perturbava.

Quando decidi afastar o “carvão” para longe de sua visão, ele protestou de imediato: *Não faça isso, por favor. Esse é o meu corpo! Eu estou ligado a ele. Se você levá-lo, como vou viver?*

- Você não precisa mais desses restos mortais. Eles já devem ter sido enterrados em algum cemitério. Procure perceber que tem agora um outro corpo, o corpo espiritual, mais perfeito que o anterior, e com o qual você pode fazer tudo quanto fazia, voltando à normalidade de sua vida.

- Não! Estou ligado a esse corpo queimado. Se você destruí-lo, não vou ter como sobreviver.

Quando quis afastar um pouco o “torrão” da presença dele, seu desespero foi ao auge, chegando mesmo a segurar-me as mãos para não fazê-lo. Como ele havia segurado em minhas mãos, desvencilhei-me e recoloquei seus braços sobre a mesa.

- Não me toque! Não vê que minhas carnes estão se decompondo? Olhe! Este é o osso do meu braço!

A perturbação espiritual às vezes “cega” o Espírito para coisas que saltam aos olhos, eventos impossíveis de serem negados, mas que para ele são inexistentes. Ele não percebia seu corpo espiritual, sua voz, seus movimentos, pois deixara cristalizar suas idéias no instante do incêndio, ocorrido no prédio em que morava e no qual desencarnara. Tentei iniciar um diálogo, utilizando um pouco de energia na voz.

- Espere um instante, amigo! Dessa maneira não chegaremos a lugar nenhum e não poderemos ajudá-lo. Você vai ficar calado, quieto, apenas escutando o que eu digo!

Ele pareceu despertar um pouco para a realidade circundante e, apesar de esfregar uma mão na outra em atitude altamente ansiosa, escutou-me: *Toda pessoa tem um corpo e uma alma. Por ocasião da morte, seja ela por queimaduras, tiros, velhice ou uma doença qualquer, o corpo, e apenas ele, morre. O Espírito, que é imortal, e que tem o seu próprio corpo, passa a ser livre, tomando o lugar que ocupa como cidadão universal que é, no mundo dos Espíritos. Você não necessita mais desse corpo que observa. Ele existe apenas em sua mente, pois já foi enterrado há trinta anos. Afaste-se um pouco e mire-se no espelho que está na parede ao lado. Certamente vai ver que tem um corpo semelhante ao que tinha.*

O doutrinador, sempre em sintonia com a equipe que o auxilia, não deve temer dar este tipo de ordem, pois de alguma maneira a equipe fará o que foi citado surgir, tal como exige a situação.

- Estão me entregando um espelho. É verdade, tenho um corpo...

Ele começou a apalpar-se, iniciando pelos malares, passando aos olhos, as mãos, os braços... até que devolveu o espelho, entrando novamente na sua insegurança.

- Vi que tinha um corpo, mas agora que não tenho mais o espelho, voltou a incerteza. Sinto-me novamente no torrão.

Foi então, e isso é bastante comum, que entrou em cena a mãe do jovem, já desencarnada, e disse para uma das médiuns presentes que o doutrinador abordasse o desencarne que o jovem assistira em sua juventude, ou seja, o dela própria. Discretamente, a médium me passou a mensagem.

- Você lembra da morte da sua mãe? O corpo dela foi cremado, mas ela está agora à sua frente. Quantas pessoas morrem todos os dias, são enterradas, cremadas, e surgem com seus corpos intactos no plano espiritual?

Ele viu a mãe, animou-se um pouco e confidenciou-me, baixinho.

- Eu amava o meu corpo. Era bonito, cuidava dele com uma paixão obsessiva. Sei que vou levar algum tempo para desvencilhar-me desse apego. Por agora, tudo que eu quero é não pensar em nada. Consiga isso, traga-me um medicamento que me possibilite não pensar em nada. Assim irei aos poucos conquistando a minha liberdade.

- Tenho certeza de que logo será livre. O segredo está em não pensar mais no passado. O corpo queimado que você vê é uma criação mental sua. Quando deixar de pensar nele, ele não mais existirá.

Com um tímido obrigado, ele se foi, deixando-me pensativo quanto a inúmeros fãz de si próprio, que cultuam o corpo sem alimentar a alma. A relação corpo-alma, na qual, geralmente, apenas o primeiro é valorizado, continuará fazendo Narcisos que invadem o plano espiritual perturbados e decepcionados. A beleza física é transitória e fugaz, a beleza do Espírito é eterna. Rugas, flacidez, celulite e toda a gama de desgaste físico deve ser combatida. Mas as mazelas do Espírito, as que realmente tornam feias e refratárias as pessoas, não devem ficar no esquecimento. Se as primeiras exigem urgência, as segundas clamam por emergência. É a vida rolando com seus inumeráveis exemplos.

33. Pessimismo

O cenário atual do mundo não oferece muitas oportunidades para cultivar o otimismo. Não podemos dizer que tudo está pior que antes, pois isto seria negar a lei de evolução que a tudo empurra para a frente e para o alto. Como a evolução, pelo menos na sua face moral, é muito lenta, no curto espaço de uma geração não se percebe o avanço praticado.

É preciso lançar sobre o mundo uma visão global, de conjunto, para notar os milimétricos avanços na escala do progresso.

O ser humano, nascido em determinada região onde predomina a violência, vivendo sob a sua pressão, tem todos os motivos para considerar o mundo um lugar desagradável e de cultivar a depressão e o pessimismo a cada dia.

O mundo, ou boa parte dele, parece passar por períodos violentos, onde o pessimismo dificulta até mesmo o exercício da fé em Deus e da esperança na bondade humana. Tais períodos contaminam toda a cultura de uma nação. Desvirtuam a Ciência, entristecem a Filosofia, desacreditam a Religião e desarmonizam a Arte.

A primeira metade do século XIX foi leito aconchegante para o pessimismo. A poesia, alavanca que move o sentimento e fortalece a razão, deixou-se adoecer sob a melancolia e a desesperança de Byron, na Inglaterra, de Musset, na França, de Heine, na Alemanha, de Leopardi, na Itália, de Pushkin e Lermontof, na Rússia. A música, enlevo da alma, revestiu-se com a tristeza e o negativismo de Schubert, Schumann e Chopin. Schopenhauer, com o seu livro *O Mundo como Vontade e Representação*, apresentou o infortúnio como gerenciador do mundo. As esperanças, antes brilhantes nos olhos do povo, instaladas pela Revolução Francesa, apagaram-se com a batalha de Waterloo, na qual Napoleão foi vencido e obrigado a curtir sua tristeza na ilha de Santa Helena. Paris, a Cidade Luz, reconduzia os Bourbons ao poder, tornando-se menos luminosa. A Europa estava arruinada com milhões de vidas ceifadas pela guerra, a terra arruinada para a

lavoura, Moscou destruída pelo fogo, os fazendeiros ingleses na penúria. O próprio Goethe desabafou: *dou graças a Deus por não ser jovem num mundo tão inteiramente acabado.*

É necessário uma fé inquebrantável para vislumbrar a bondade de Deus em meio à incompreensão e à estupidez humanas.

Foi em um cenário assim que nossa visitante viveu e morreu. Antecedeu-lhe a comunicação a sensação de tristeza na médium, vontade de morrer, sensação de abandono, a depressão típica de quem nada espera ou deseja da vida.

- Por que Deus não me permite desaparecer para sempre? O que é a vida sem motivos para conservá-la? Por que o livre arbítrio não funciona em questões como o desejo de morrer?

- Deus fez a vida imortal. Jesus disse: *Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância.* Toda a poesia divina tem como motivação a vida. Nem o túmulo, nem a tristeza, nem o desejo de morte são capazes de empanar a vida. Ela sempre se revitaliza, de qualquer situação emerge vitoriosa. A tristeza da vida é o desejo de morte e a tristeza da morte é a plenitude da vida. Só conseguiremos ser felizes valorizando a vida, mesmo porque a morte, como fato concreto, não existe. Quem entra no túmulo, sai pela porta da vida. Se pudesse resumir para você o que é a vida, diria que ela é o maior investimento de Deus em todo o universo. Tudo o mais que Ele fez foi para servir como instrumento de ascensão e de valorização para ela.

- Não adianta ouvir discursos. Tudo quanto sinto é vontade de chorar e de desaparecer. O que se faz quando só se tem tristeza ao seu redor? Por que viver em um mundo de tanta hostilidade e ser por ele sufocada? Conhece, por acaso, o senhor, algum elixir para a alegria?

- Conheço. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Veja, aqui dentro estão todos os segredos de uma vida com felicidade. Não se conhece ninguém que o tenha seguido, que haja caído em desgraça. É um guia perfeito para quem está triste, pois lhe devolve a alegria, e para quem está alegre, pois além de manter, centuplica as alegrias.

- Não estaria o senhor apenas fazendo o papel de um mercador, ávido por desvencilhar-se de sua mercadoria ?

- Imagina! Eu não o venderia por todos os tesouros da Terra. Todavia, posso ofertá-lo de presente a alguém que dele necessite. Felicidade não é produto que se vende, é bem que se conquista. O livro a fará uma pessoa forte e apta a conquistar a alegria que merece.

- Mas essa tristeza precisa urgentemente de algo que a destrua, de uma alegria que a desterre.

- Você não lembra de um único momento feliz que tenha lhe deixado paz e tranqüilidade na vida? Quando era criança, não teve momentos mágicos que guarda no coração como uma jóia rara?

- Tive poucos. Enquanto brincava com a minha bruxinha. Era uma boneca de pano que eu não largava. Ela me fazia companhia e parecia me proteger da tristeza.

- É esta?

Vibrei fortemente, na esperança de que os amigos espirituais que me auxiliavam fizesse surgir à frente da comunicante a sua tão amada boneca.

- É ! Como vocês a encontraram? É a minha bruxinha! Onde você estava?

Ela pareceu voltar aos tempos em que fora criança. Chorava e sorria. Estava triste e alegre. Confessou-me que não sabia explicar o que estava acontecendo com ela.

- Isso não importa. O importante é que você reencontrou sua boneca. Disseram-me que ela dá sorte. Daqui a alguns dias, quero visitá-las e dar boas risadas com as histórias que você vai viver com ela.

- E o livro, posso levá-lo de presente?

- Claro! Eu o estava guardando para você.

Segurando a boneca como se segura um troféu, ou um filho, ela se afastou para novas interpretações sobre a arte de viver. Se os amigos que nos auxiliavam fizeram-na recuar através de regressão de memória até a sua idade infantil, ou se a boneca lhe trouxe um pouco de alegria, tornando a sua tristeza confusa e ilógica, sendo esta a razão das lágrimas e risos, não sei, nem perguntei. Não estava ali para isso. Queria vê-la alegre e feliz, preparar um pomposo funeral para a tristeza, por à lona o pessimismo, e aquele primeiro passo fora firme e seguro. Os outros serão mais ainda, fiquei pensando.

34. O dever

O dever, de acordo com “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, é a obrigação moral, primeiro para consigo mesmo, e em seguida para com os outros. *Começa precisamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou o repouso de vosso próximo; termina no limite em que não quereis ver ultrapassar a vossa felicidade e vosso repouso.*

Todos temos direitos e deveres, dizem, mas é inegável que a grande maioria dos seres humanos se prende mais aos primeiros que aos segundos.

A religião, procurando preservar o homem para algum paraíso cujo ingresso subordina-se ao dever retamente cumprido, o induz a fortalecer a vontade, geralmente vacilante entre o bem e o mal. Ocorre que o indivíduo moralizado, ou seja, aquele que é guiado pela consciência desperta, desde que há ingênuas, vive, na maioria das vezes, em constante conflito com o meio externo onde atua, pois este é guiado por regras que podem obrigá-lo a agir em desacordo com a sua consciência.

Pode surgir daí um conflito em seu Espírito, gerado pelo duplo comando que lhe é imposto: a voz da consciência que procura direcionar-lhe a vontade, a razão e as emoções, e as regras da sociedade que o orientam a seguir códigos que, segundo a sua consciência, são inadequados à moral.

Ora, a ética prima pela autonomia do homem na regência dos atos de sua vida, mas o dever, representado por leis sociais, sendo um poder externo à consciência, pode fazê-lo rebelar-se, tornando-o um marginal na interpretação deste e um fiel seguidor segundo aquela.

Rousseau, filósofo francês, procurou explicar esta contradição dizendo ser inatos no homem a consciência moral e o sentimento do dever. O homem nasce puro, generoso, benevolente. Se o dever apresenta-se como uma imposição externa de Deus para as criaturas é porque a nossa bondade natural foi pervertida pela sociedade, quando esta criou os interesses privados. Daí surgiu a corrupção, a mentira, o egoísmo e seus afins. O dever, continua Rousseau, leva-nos à recordação da nossa natureza originária, sendo uma imposição apenas em aparência. Obedecendo ao dever, obedecemos a nós próprios, em

sentimento e emoção. A razão, responsável pelo desvirtuamento do dever, fez a sociedade egoísta e perversa.

Kant, discordando enfaticamente de Rousseau, que ingenuamente, através da “moral do coração”, tentou inocentar o homem de suas maldades, escreve: *Não existe bondade natural. Por natureza, os homens são egoístas, ambiciosos, destrutivos, agressivos, cruéis, ávidos de prazeres que nunca os saciam e pelos quais matam, mentem e roubam. É justamente por isso que eles precisam do dever, para que se tornem seres morais.*

Como a sociedade, em sua origem, poderia ter pervertido o homem, se esta é composta por homens? Se todos eles fossem bons, generosos, fraternos, ao fazerem suas leis imprimiram nelas não a corrupção e o egoísmo, mas suas virtudes inatas. Ao imaginar seres puros que se deixam perverter tornando-se egoístas, admite-se um retrocesso na lei de evolução, algo inconcebível nas leis divinas.

Entre Rousseau, que afirma que o homem nasce bom e é pervertido pela sociedade, e Kant, que diz que o homem nasce mau, há o meio termo, o equilíbrio, o livre arbítrio, a reencarnação. O homem é senhor do seu destino e nasce bom ou mau segundo seu estágio evolutivo. Dentro de uma sociedade justa ou injusta, ele é livre para agir conforme seus valores, as virtudes já conquistadas, e pode passar pelo mundo fazendo todo o bem que puder ou todo o mal que quiser.

A Doutrina Espírita, em sua filosofia luminosa, veio em auxílio a ambos, esclarecendo os problemas do ser, a construção do destino, a razão das dores, a essência da felicidade. Não há como negar a sua excelência nem suprimir a sua utilidade.

O homem iniciou seu diálogo comigo dizendo-se vítima da sociedade, pois quisera viver segundo sua consciência e as circunstâncias o obrigaram a ser um lobo, impondo-lhe um condicionamento de lobo. Citou como argumento a seu favor, que o homem, vivendo entre feras, sente a necessidade de também ser fera, e justificou seus atos predatórios com a seleção natural, na qual os mais fortes vencem, não por serem maus, mas predestinados à vitória.

A consciência culpada é ágil e esquiva diante da inexorável cobrança da lei. Acuada, começa a arquitetar saídas, justificativas, argumentos para tentar burlar o incorruptível e subornar o imutável. Incorruptíveis e imutáveis são as faces das leis divinas. Nessa tentativa, alguns conseguem se auto-hipnotizar, chegando a acreditar na versão fantasiosa que criam para seus desatinos. Assim parecia ser aquele homem em seu início de conversa.

- Fui comerciante. Um comerciante vive de lucros. Para ter lucros, precisamos enfrentar concorrências. E aí, quem é mais lento que se salve.

- O que quer dizer com “quem é mais lento”? Por acaso, seria quem é mais honesto?

- Eu não disse isso. Mais lento é aquele que vacila em fazer um negócio que pode prejudicar alguém. Se existe lucro à vista, o bom comerciante não se detém com fantasias criadas pela religião, tais como caridade e amor aos pobres. Se existem pobres é porque Deus quer. Não é Ele que dirige o mundo?

- Por que você está citando os mais pobres? Por acaso subtraí as últimas moedas de alguém que lhe pedia a caridade de um adiamento da dívida?

- Feiticeiro! Parece que lê na mente da gente! É isso mesmo! Eles me compravam a prazo. Cobrava juros por isso e alguns deles não conseguiam saldar suas dívidas. Era justo que lhes tomasse os bens, mesmo sob choros e promessas de pagamento que, sabia, jamais se cumpririam. Quem faz dívidas tem o dever de pagar.

- Alguém suicidou-se por causa de suas cobranças?

- Por que você me força a lembrar essas coisas? Aquele miserável balançando em uma corda era uma lembrança adormecida em minha mente. Poderia tê-lo salvo. Sua dívida era pequena. Eu lhe propus que sua filha passasse alguns dias comigo. Quando ela voltou para casa, foi entristecendo e acabou morrendo. Ele não suportou a dor da perda e suicidou-se.

- E o que fez com o dinheiro que ganhou?

- Nunca fui feliz com ele. A lembrança dela, quase uma criança a suplicar que a levasse de volta, a imagem dele, preferindo morrer a vingar-se de mim, arruinaram-me a vida. A consciência endurecida, por algum tempo preservou-me dos pesadelos. Depois veio o remorso cobrando reparação. Acabei suicidando-me na mesma árvore que o infeliz utilizou para tirar a vida. Passei anos no “inferno”, sendo acusado por minhas vítimas. Quando saí, para justificar minha própria indignidade, procurei esquecer a tragédia que criara para mim mesmo, recuando a mente para um tempo longínquo, onde me via febril, utilizando os argumentos que moldaram a minha falsa moral de comerciante. A verdade é que, tendo vergonha de confessar meus crimes, procurei apagar as páginas indignas da minha história, construindo uma vida que não me pertencia. Por uns tempos, refugiei-me nesta fantasia, até que ela me tomou pela mão e me trouxe aqui.

- A quem você se refere quando disse ela?

- À filha dele, a jovem que passou alguns dias comigo. Somente agora a reconheci. Acho que ela queria que eu ouvisse a página que vocês leram sobre o dever. As palavras que escutei foram tão contundentes, que fizeram derreter a camada de gelo na qual me escondia. Ela agora é um anjo, e isso mais me envergonha.

- Aos anjos não interessa o passado de ninguém. Importa-lhes o bem que podem fazer, o amor que precisam executar.

- Mas onde está ela? Queria que soubesse que, mesmo sendo desprezível, sempre lembrei dela com carinho. Se existia algo de puro em mim, sempre dediquei a ela.

- Tenho certeza de que ela sabe disso. Foi justamente este o motivo pelo qual ela o resgatou de si mesmo. Agradeça a Deus a liberdade. Caminhe de cabeça erguida! É um homem livre.

Ele me olhou um pouco emocionado, fez questão de apertar-me a mão e despediu-se prometendo ser outro homem.

Acreditei. Tenho essa mania: acreditar nas lágrimas das pessoas.

35. Visita inesperada

Ainda não sei como os mentores dos grupos espíritas fazem coincidir um texto evangélico, escolhido “aleatoriamente”, com determinado caso a ser atendido em uma reunião de desobsessão. No entanto, este acontecimento é muito freqüente e, pode-se dizer, faz parte de uma metodologia de trabalho com alto índice de sucesso.

A página da noite tinha como título *Guardar-se da Avareza*, e trazia em realce uma parábola contada por Jesus, sobre um homem rico que, diante do acúmulo de bens

materiais, refletia: *Que farei, pois não tenho onde guardar toda minha colheita? Eis o que farei: Derrubarei meus celeiros e irei construí-los maiores, e lá colocarei toda a minha colheita, e todos os meus bens. E direi a minha alma: Minha alma, tens muitos bens em reserva para vários anos; repousa, come, bebe, regala-te.* Complementa a parábola a seguinte sentença: *Insensato! Nesta noite tua alma será reclamada. Então, de que servirá o que acumulaste?*

O homem, salvo raras exceções, ainda não aprendeu a educar-se para a morte. Convive com ela, sabe da sua visita, que não conseguirá furta-se ao seu abraço, mas evita preparar-se para tal ocasião, como se fosse viver na matéria eternamente. Quando o assunto é morte, logo surge alguém que bate na madeira, se benze, se arrepia, solicita mudança de assunto, abafando o “agourento” tema.

Mas a morte não pede licença nem necessita de passaporte para adentrar qualquer lar ou país. É persistente e previsível, democrática e fiel, não abandona ninguém. Para ela, tanto faz entrar em um palácio como em uma choupana. Não modifica a sua função por conta de celebridades ou de nulidades.

Lembro-me de ter lido que o astrofísico e escritor americano Carl Sagan, durante anos guardou perto do seu espelho de barbear, de modo a ver todas as manhãs, um cartão-postal emoldurado, onde se lia: *Caro amigo! Apenas uma linha para dizer que estou vivo e levando a vida que pedi a Deus. É uma festa. Seu, William John Rogers.* O cartão havia sido enviado para James Day, residente no País de Gales. A marca do correio foi impressa um dia antes do grande naufrágio do Titanic, que mandou para o plano espiritual mais de 1500 pessoas, inclusive o próprio William Rogers. Suponho que Carl deve ter olhado demoradamente este cartão quando o médico lhe disse: *O senhor está com mielodisplasia. Se não fizer algo urgentemente, não terá nenhuma chance. Restam-lhe, provavelmente, seis meses de vida.* Digno de registro foi a resposta de Cari, irmã de Carl, quando este lhe telefonou sem saber como pedir auxílio para um transplante de medula, caso houvesse compatibilidade. Antes mesmo que ele fizesse o pedido ou explicasse com detalhes o que estava ocorrendo, Cari, sentindo intuitivamente a gravidade da questão, disse: *É seu! Seja o que for... fígado, pulmão... é seu!* Sempre que recordava este fato, Carl engasgava com um nó na garganta e enchia os olhos de pequeninas pérolas transparentes, lembrando da generosidade de Cari.

O escritor passou a perceber mais profundamente o quanto *a vida que se pede a Deus* pode ser breve, e como, de repente, uma festa pode transformar-se em funeral. Passou, em outras palavras, a lamentar o seu despreparo para enfrentar tão certa visitante, dizendo para consigo mesmo: *deveria ter dito mais vezes a meus filhos que os amava, abraçado mais minha mulher, reverenciado mais a vida.*

A morte parece ser tão atordoante em suas visitas, que mesmo sendo esperada a determinada hora, todos tremem à sua chegada. É natural, disse um amigo, a tristeza daqueles que a recepcionam, pois ninguém dá um adeus com felicidade. Adeus? E quem disse que a morte é um adeus? Não é justamente este tipo de raciocínio que a faz tão temida? Eduquemo-nos em vida, para que a morte não nos encontre desesperados demais para entendê-la.

Este foi o problema de Inácio, homem cuja filosofia de vida resumia-se em curtir a vida, pois, segundo ele, só se vive uma vez.

- Por que o senhor considera que viver a vida é gastar o tempo disponível em bebedeiras e jogatinas, se existem tantos prazeres mais consistentes e saudáveis que alegram o Espírito e fortalecem o corpo?

- O mundo exige obrigações demais. Basta a escravidão do trabalho, de criar filhos, de obedecer a tantas leis injustas. O tempo que resta não deve ser desperdiçado em ladainhas, mas em diversão.

- Não seria sábio cultivar amigos, filiar-se a uma religião, estudar, escrever uma poesia, olhar uma estrela, cantar uma canção com os filhos?

- Coisa de poeta. Deve-se viver a vida saboreando-a, como se cada dia fosse o último. Preferi aproveitar o tempo naquilo que me dava prazer: jogos, mulheres, bebidas.

- O prazer que obteve com a sua maneira de gastar o tempo ainda permanece com você?

- Olhando por esse lado, não. A morte me pegou de supetão, sem dar avisos nem comover-se com meus filhos pequenos.

- Como exigir comoção da morte se você não a tinha para com seus filhos? Não eram eles que ficavam sós enquanto você bebia?

- Também não precisa humilhar! Pensava em parar mais em casa quando estivesse mais velho, aposentado.

- Desculpe, se sentiu-se humilhado. Não foi esta a minha intenção. Voltando ao prazer que nos acompanha, posso garantir que quando fazemos o bem a alguém, o retiramos de uma situação aflitiva, matamos sua sede ou fome, o visitamos na doença, isso nos dá uma felicidade sem máculas que, passados vinte ou mais anos, ainda a sentimos em toda a sua inteireza cada vez que a recordamos. Isso já não ocorre com o prazer obtido com a bebida ou com o sexo desregrado.

- Realmente, olhando para trás, tudo que posso resgatar é o vazio. Devia ter aproveitado o tempo de outra maneira. Fui imaturo. Mas muito contribuiu para o meu fracasso as más companhias.

- Concordo quanto à imaturidade, que atinge a maioria de nós quando se trata de aproveitar bem o tempo. O aproveitar o dia como se fosse o último nunca é produtivo longe do trabalho a favor do bem geral. Quanto às companhias, nós as elegemos e as convidamos a participar da nossa intimidade através dos hábitos e atitudes que cultivamos, sem contar que podemos despedi-las a qualquer hora por força da nossa vontade firme em mudar esses mesmos hábitos.

- O senhor está muito bem armado de argumentos. Aliás, repetiu a mesma coisa que me disseram quando cheguei aqui. O que devo fazer, então?

- Aceitar o tratamento para desintoxicação que lhe estamos oferecendo. Depois, se quiser realmente aproveitar bem o tempo, engaje-se como voluntário em um trabalho de ajuda ao próximo. Certamente, isso o tornará útil e amado.

Ele aceitou silenciosamente o conselho. Era um desses cidadãos comuns que encurtam o tempo de vida na matéria, por ignorância ou descaso para com as leis de evolução. Atormentado com o tempo desperdiçado, com o rótulo de suicida involuntário, sentiu-se humilhado com a verdade que o desnudou. Mas, como aprendemos mais com os erros que com os acertos, tenho esperança de encontrá-lo em breve entre os trabalhadores de algum hospital para tratamento de alcoólatras.

36. Enterrado vivo

O homem (Descrevo o fato algum tempo depois de acontecido. Por isso, afirmo que era um homem, o que não seria possível saber no início do atendimento) acoplou-se à médium e o fez gritando, debatendo-se sobre a mesa, empurrando uma barreira imaginária para nós, mas de toneladas para ele. O seu estado de sufocação assemelhava-se ao de um suicida, cujo ar fora subtraído por uma corda impiedosa que lhe triturara os generosos canais que abastecem os pulmões. O desespero, os esgares, as tentativas de agarrar-se a algo que o sugasse do fosso onde se encontrava, faziam a médium sofrer toda a emoção descontrolada que a alucinação deixara vazar. Impossível para qualquer pessoa que não tenha passado por situação semelhante, descrever com aproximada fidelidade cena tão brutal.

Quando um comunicante apresenta-se com estas características, imagino que seja um suicida por enforcamento ou vítimas de desmoronamento, afogamento, ocasião em que encaminho o diálogo prometendo-lhe afrouxar o nó, fornecer-lhe ar puro, no primeiro caso, e retirá-la do local onde julga estar, devolvendo-lhe o ar, no segundo.

O ar está à nossa disposição em todos os segundos da longa jornada terrena. Na maioria das vezes, nem nos preocupamos com a sua existência, pois ele sempre está onde estamos, em generosa doação, permitindo-nos cumprir a árdua tarefa que impomos a nós próprios, por força dos nossos desregramentos. Só imploramos por ele quando dele somos privados.

Depois de segurar os braços da médium, evitando que sofresse contusões ao chocar-se com a mesa, bati levemente em seu rosto (para que o comunicante sentisse tal efeito, pois no estado de desespero em que se encontrava não escutava a minha voz) e falei com bastante energia: Já escutamos seu pedido! Vamos colocar uma máscara de oxigênio em seu nariz! Tudo vai ficar bem! Estamos fazendo o possível para aliviar sua dor!

O homem continuou a debater-se como alguém que se afoga. Segurei firme com a mão direita seu maxilar (da médium), e com a esquerda o alto da sua cabeça e dei a ordem: Prepare-se! Vamos sair daqui! Em seguida, fiz um movimento para cima, o que esticou um pouco o seu pescoço e, passados dois ou três segundos, voltei a cabeça da médium para a posição inicial.

- Pronto! Saímos de lá!

O homem finalmente pôde gritar o que queria: Ar! Eu quero ar! Pelo amor de Deus, tire-me daqui! Eu não suporto a escuridão e a falta de ar!

- Nós já estamos fora. Você está em nossa casa, sentado à nossa mesa. Veja! São nossos livros. (Mostrei o Evangelho Segundo o Espiritismo e um livro de mensagens que havia sobre a mesa)

Ele ainda respirava com dificuldade e estava perturbado pela cristalização mental que o dominava. Paralisara o pensamento nos instantes dramáticos em que, ao ser enterrado, acordara dentro do caixão, morrendo por asfixia lenta. Apesar de ter morrido (seu corpo), não entendia que sobrevivera a morte, e toda sua energia estava concentrada no esforço de não mais voltar para o cemitério. Prometemos que ele seria nosso hóspede, que tudo faríamos para livrá-lo do trauma pelo qual passara, que sua vida voltaria à rotina benéfica de antes: estudo, trabalho e alegrias. Ele ficou mais calmo e se foi com Chico Lopes, velho amigo e professor de doutrinação, agora desencarnado.

Fiquei pensando o quanto aquele trauma o afetaria em futuro próximo, na reencarnação vindoura. Teria medo do escuro, de lugares fechados, de cemitérios, de

caixões de defunto? Seria portador de fobias relacionadas com o escuro e com a falta de ar? Não há como negar que certas pessoas entram em pânico diante de situações comuns, tal como subir em elevadores, adentrar um quarto escuro, atravessar uma multidão.

Edgar Allan Pöe, o celebrado autor de *O Corvo*, sofria de violento pavor de ser enterrado vivo. Para livrar-se dessa fobia, ele mergulhava no álcool, passando as noites envolto em pesadelos e terrores noturnos. Era portador de um medo irracional de ficar sozinho e a idéia de um dia acordar e estar debaixo da terra o fazia enlouquecer. Casou, mas sendo impotente, viveu a solidão do não compartilhamento de energias psicofísicas que o sexo com amor proporciona aos que dele fazem uso. Chegou mesmo a dizer em seus escritos: *Tudo que amei, amei sozinho*. Com o passar do tempo, é acometido do “delirium tremens”, ocasião em que as alucinações ficam mais terríveis e mais freqüentes. Pensa em suicidar-se, mas o medo de não morrer e ser sepultado vivo o faz desistir. Pouco antes de morrer, era encontrado nas sarjetas, embriagado e esgotado pelo sofrimento.

Pöe teve um destino sofrido, cheio de frustrações e amarguras. O que lhe teria acontecido no passado para nascer com trauma tão marcante? Espero que os amigos espirituais, quais médicos da alma, façam desaparecer da mente do homem que trouxeram para atendimento, qualquer resquício de medo e de desespero frente a situações vinculadas a este tema. Que nunca lhe faltem a luz e o ar.

37. Brincando com bonecos

O Espírito iniciou sua comunicação com uma pergunta: É aqui que as pessoas se reúnem para fazer o mal?

- Não! Aqui as pessoas se reúnem para desfazer o mal.

- Se é assim, eu fui enganado! Aquele maldito mentiu! Mandou-me aqui para que eu pudesse reunir-me com pessoas interessadas no mal.

- Analisando bem o que lhe disseram, não vejo nenhuma mentira. Realmente, somos interessados no mal, mas para combatê-lo.

- Não tente limpar a barra dele. Quando sair daqui, vou acabar com a raça daquele traidor. E agora, deixe-me sair, pois aqui não é o meu lugar.

- Pode não ser o seu lugar, mas é o lugar certo para que possa desfazer o trabalho que aprontou para alguém. Se assim não fosse, não haveria necessidade de sua presença aqui.

Esse trabalho de espionagem, de resgates, de agentes infiltrados nas hostes inimigas, de se fazer passar por um deles com a intenção de descobrir seus planos e de atraí-los aos seus objetivos é comum entre os trabalhadores do bem. No lugar de trazê-lo à força, como ocorre as vezes, nossos amigos o fizeram vir com seus próprios pés, inspirado no desejo de fazer o mal.

Onde está o pensamento do homem, aí está a sua alma, diz sábio lembrete evangélico. Aquele que vibra no mal, está sempre à procura de satisfazer sua paixão doentia, seja sozinho ou aliando-se a outros que o sintonizam, cego para os convites e conselhos que o bem lhe faculta cotidianamente. Insensíveis para com a dor alheia, pois não cultivam ainda bons sentimentos, esses teimosos companheiros atraem e se deixam atrair

por pensamentos malévolos, tratando a todos, incluindo os seus iguais, com desprezo e crueldade. Tipos assim são vigiados e constantemente tolhidos em seus trabalhos nocivos, pois Deus não deixa a mercê do mal aqueles que praticam o bem, alvos freqüentes das hostes das sombras.

- Não! Eu não fiz nada! Fui enganado por um traidor e exijo que me libertem!

- Você está vendo esse índio à sua frente?

- Esse grandalhão? E para que é esse chicote no ombro dele?

- Esse mesmo! Ele é o responsável por sua presença aqui. Faça exatamente o que ele disser. Isso evitará que ele use o chicote.

- Violência, é? E onde está a bondade de vocês? Não são os caridosos do papai? Não vivem por aí com o Evangelho debaixo do braço como se fosse desodorante? Não vou desfazer nada. O traidor que venha, se tiver “peito”, destruir o que fiz.

- Meu amigo, isso não é coragem! É imprudência! Você não agüenta uma chicotada no lombo. Não vale a pena pagar para ver. Tem dois segundos para dizer o motivo pelo qual está aqui. No terceiro, o chicote assobia no ar.

Tibiriçá, o índio chefe dos nossos milicianos, tirou o chicote do ombro, e o homem que arrotava valentia transformou-se em bebê chorão.

- Está bem! Está bem! Diga a ele para guardar o chicote que eu desfaço tudo! Foi só uma brincadeira que eu fiz com alguns bonecos.

- Pode descrever essa brincadeira para nós?

- Eu fiz bonecos representando vocês. Nas costas de cada um está gravado o nome e, colado, uma fotografia. Espetei cada boneco na parte correspondente ao corpo de vocês mais sensível a doenças. Um técnico me passou essas informações. O seu boneco, por exemplo, tem um espinho carinhosamente cravado na coluna.

- Você já sabe o que fazer! Queime tudo! A ordem é que tudo seja transformado em pó.

- E o meu trabalho? Foi muito suor para fazer tudo isso! Vocês não têm respeito pelo meu trabalho? E se eu retirar o espinho e deixar só o boneco? Eu exagerei. Esse espinho não influi nada em meu trabalho.

- Dê-me um boneco. (Fiz um gesto como se pegasse um deles de cima da mesa). Digamos que este boneco seja você. Vou cravar o espinho nas costas dele; se você não sentir nada, prometo reconsiderar a ordem.

Quando fiz o que dissera, ele deu tremendo grito de dor.

- Você é louco! Quer me aleijar? Esse não é o seu trabalho! É o meu! Aprende depressa, não é? Está bem! Vou destruir tudo.

Ele fez gestos como se estivesse destruindo o seu material, sob as vistas severas de Tibiriçá. Ao terminar, disse-me: Pronto! Agora, deixe-me ir!

- Tem certeza de que destruiu todos eles? Não haverá mais algum escondido?

- O que há com você, homem! Tem visão de raios-x, é? Tem só mais um! Foi esse frade que lhe disse. Escutei quando ele falou ao seu ouvido.

Ele se referia à sintonia que eu mantinha com meu instrutor durante o diálogo. Estava tão perfeita, que eu procedia como se ele falasse aos meus ouvidos, mesmo sem “nada” escutar. O homem dos bonecos voltou a comentar:

- Se não fosse esse índio! Sabe, eu pensei...

- Não, não chame a atenção para o que pensou, pois ele lê pensamentos. Se for algo ruim, você estará em encrenca.

- Ele já leu! Que idiota que sou, ele já leu, pois mostrou o chicote. Eu tinha pensado em fazer um boneco bem grande para ele, mas não vale a pena. Um índio desse tamanho não se derruba com um boneco. E agora, o que eu faço?

- Tudo que ele disser. Afaste-se devagar, respirando suavemente, e espere o final da conversa, que será com ele. E nem pense em correr, pois o que ele tem de grande e de valente, tem de veloz.

Ele se afastou com gestos delicados, em câmara lenta, e foi encostar-se na parede, esperando que Tibiriçá lhe ordenasse a retirada, não sem antes proferir seus costumeiros avisos de jamais repetir aquele malogrado gesto.

38. Ataque terrorista

O ataque terrorista praticado contra os Estados Unidos da América do Norte no dia 11 de setembro, fazendo ruir as torres gêmeas do World Trade Center, marcaram uma nova etapa na maneira de protestar.

Sempre que ocorre um acidente dessas proporções, ou seja, um desencarne coletivo, no caso citado envolvendo mais de três mil pessoas, o plano espiritual prepara-se antecipadamente para o resgate das vítimas, cujo estado de perturbação varia de horas a dezenas de anos.

Os centros espíritas colaboram com sua parcela de ajuda nesses dramas, conscientizando as vítimas através de diálogos nas reuniões de desobsessão, local para onde converge muitos desses Espíritos trazidos por benfeitores espirituais. Como o Espiritismo tem sua prática generosamente instalada em terras brasileiras, contribuindo os outros países com insignificante parcela neste tipo de atendimento; como os Espíritos que trabalham para o bem e para a evolução da Terra não têm preferência por países; como a dor é entendida por qualquer linguagem e o amor não discrimina ninguém, natural que alguns Espíritos desencarnados e necessitados de atendimento venham a ser atendidos no Brasil.

De alguns que atendemos, chamou-me a atenção pelo estado de revolta em que se encontrava, alguém que estava trabalhando em uma das torres na hora do atentado e que perdera com ele, além do corpo físico, a riqueza, intransferível para o além túmulo, onde somente méritos e deméritos são credenciais para uma boa ou má acolhida.

- Terroristas malditos! Soterraram a minha alma! Como pode alguém invadir um país e tirar a vida de inocentes que trabalham?

Antes que o homem continuasse a emitir em sua revolta longos e cáusticos discursos, procurei lembrar que a calma e a moderação seriam excelentes auxiliares para obter maiores benefícios no atendimento que lhe prestaríamos.

- Infames! Como podem reduzir a fortuna de alguém a cinzas? Como podem soterrar a alma de um ser humano?

- Sua alma não está embaixo dos escombros. Nós a retiramos de lá. Você está em nossa casa, sendo tratado como nosso amigo, e ficará conosco, até que possa percorrer com lucidez os caminhos da fé e da esperança.

- Bonitas palavras! Mas eu quero minha vida de volta. Eu estava trabalhando. É certo que eu sou capitalista, mas criei empregos, pessoas alimentavam seus sonhos com os empregos que eu gerei. Quero minhas ações! Uma riqueza não pode ser transformada em fumaça por uns loucos que se acham prejudicados com a nossa política.

- Onde está, não necessita mais de riquezas materiais. Nada no mundo nos pertence, nem mesmo o corpo, que nos pode ser tirado a qualquer instante. Quem ficou na Terra, dará prosseguimento ao seu trabalho. Sua missão foi cumprida. Agora é tirar dela as lições necessárias para uma melhor harmonização com as leis universais.

- Fomos educados para sermos invencíveis. Sempre nos disseram que éramos invulneráveis, a maior potência econômica e bélica do planeta, e vem um miserável e nos rouba a honra, a riqueza, a vida.

- O seu país sofre de um complexo de superioridade muito exacerbado. Lembra-nos o Evangelho que, aquele que pretende ser o maior, que seja o que mais serve a seus irmãos. O seu país também invade outros, promove fome e o desemprego em vastas populações. Quem age assim, invariavelmente cria inimigos e alimenta ódios, que um dia se volta contra si mesmo. Quanto ao destaque pelo título de potência bélica, desagrada a Deus, que quer a paz entre seus irmãos.

- Você ainda dá razão a eles? Mesmo diante de toda injustiça que eu sofri? Sou um cidadão americano! Qual é a sua cidadania? Seu país está à altura de nos enfrentar?

- Você não é mais um cidadão americano. Suas ações e dólares não estão mais ao seu alcance. Não esqueça que o Espírito é um cidadão universal e em qualquer lugar que ele esteja, é o seu país.

- Mas, e a injustiça que eu sofri?

- Não há injustiça na lei de Deus. Quem me garante que você não fez pior em existências passadas?

- Você está querendo dizer que os hindus têm razão quando se referem à reencarnação?

- Sim. Sua última nacionalidade foi americana, mas você pode ter tido outras mais humildes.

- Tinha um amigo hindu. Para mim, ele sempre pareceu um sonhador, com seus mantras e orações. Agora estou percebendo que devia tê-lo escutado mais. Aliás, sempre tive simpatia pela Índia, embora não adotasse seu estilo de vida.

- Pode aproveitar o tempo agora para estudar um pouco de sua filosofia. A Índia é o berço das religiões. Você esteve mergulhado no capitalismo. Deixe-se banhar um pouco no espiritualismo, acredito que isso lhe trará um pouco de paz.

- Talvez aceite seu conselho, mas ainda estou muito perturbado em perder tudo quanto tinha em alguns minutos.

- Você não perdeu nada. Tem sua vida, seus amigos, sua capacidade de trabalho. Isso é o bastante para construir a paz que precisa. Lembra-se de Thomas Carlyle?

- Sim. Ele escreveu uma grande obra sobre a Revolução Francesa e a sua governanta, pensando tratar-se de papel velho, lançou na lareira todos os seus escritos. Ele não desanimou e escreveu tudo novamente. Lembro até de uma frase dele: *Nenhum grande homem vive em vão. A história da Humanidade não é mais do que a biografia dos grandes homens.* As vezes, pensava em ser um grande homem, talvez por isso trabalhasse tanto.

- O seu país tem homens admiráveis. Um pouco mais de espiritualidade e ele estaria apto a ser exemplo para o planeta.

A revolta do homem foi se diluindo aos poucos, enquanto ele lembrava de frases do amigo hindu e de outros grandes vultos da sua terra. Ao terminar nosso diálogo, despediu-se, dizendo: *Vou construir tudo novamente! Desta vez, em outras moedas.*

E se foi com mil planos de soergüimento.

39. A bailarina

Algumas pessoas são duramente atingidas em sua caminhada evolutiva naquilo que lhes é mais caro. Assim foi Beethoven, torturado pela surdez, João do Pulo, vitimado por um acidente automobilístico, Maradona, derrotado pela droga, e tantos outros.

Não pode haver castigo maior que aquele que nos tira o hálito vital da existência, a beleza de caminhar, a razão de prosseguir, de sentir o mundo suportável e menos angustiante.

Diz o bom senso que não se deve concentrar todas as expectativas de vida em um único ponto, tornando-se cativo dele. Não parece ser boa política jogar tudo que se tem em uma só cartada, pois ela pode falhar. Assim procedem o homem e a mulher que fazem um do outro o foco da “felicidade”. Quando são surpreendidos pela separação, ficam desnorteados, inadaptados, incapacitados de se organizarem para prosseguir vivendo. Assim faz o homem ou a mulher que dedica a sua vida à vingança, que se prende ao pessimismo, a uma doença, à sua beleza.

Representando a vida por um círculo de trezentos e sessenta graus, devemos reparti-lo em fatias e derramar o olhar e o carinho sobre todos eles. Amigos, trabalho, estudos, religião, músicas, poesias, amor..., assim, quando uma fatia não vai bem, pode ser substituída por outras que se alargam. A vida é multiplicidade, plural, enciclopédica, jamais poderá ser aprisionada em um quarto de janela única.

Lord Byron, um dos maiores poetas da Inglaterra, não gostava dos homens e desprezava o mundo. Para ele, seu único amigo era um cão, imortalizado por versos em sua homenagem e lembrado em um monumento que lhe serviu de abrigo na morte: *Aqui jazem os restos mortais de um ser que possui a beleza sem vaidade, a força sem a insolência, o valor sem a ferocidade e todas as virtudes dos homens sem os seus vícios. Aqui estão os restos mortais de um amigo. Eu não conheci mais nenhum, senão este que aqui repousa e dorme o sono eterno.*

Narcisismo clínico, ou seja, sentir vaidade por sua beleza, era a doença do poeta, segundo seus biógrafos. Era um homem belo, mas tinha um pequeno defeito na perna, causado por uma torção no tornozelo quando nascera. Byron amava a sua beleza, mas revoltava-se contra ela por considerá-la maculada pelo defeito que o deprimia. A cada passo que dava, era obrigado a mancar, quase imperceptivelmente, mas o bastante para torná-lo infeliz.

Homem contraditório em suas atitudes, trazia na alma um misto de tristeza, de cólera, de misantropia, de bondade, de pessimismo, de timidez, de valentia... era mesmo um paradoxo ambulante. Sua bondade o obrigava a socorrer todos os infelizes que encontrava. Um quarto do que tinha, dedicava ao amparo dos infelizes. Sua valentia lhe dava um certo

ar de prepotência, amparada por duas pistolas que carregava nos bolsos. Herói de guerra, boxeador, excelente nadador, tinha na água uma aliada para esconder o seu defeito físico.

Apesar de nenhuma das mulheres que com ele conviveu saber dizer exatamente qual dos dois pés era o defeituoso, aquilo era o seu suplício. Ainda hoje discute-se qual o pé que o infelicitou. Haveria uma razão prática para tanto estardalhaço?

Quando criança, uma colega lhe disse: *Como você seria belo, se não tivesse semelhante perna!* Ele começou a chorar e saiu gritando: *Não diga isso! Não diga isso!* Essa ferida aberta jamais sarou.

A partir de então, diante de um evento feliz, ele logo lembrava o defeito da perna, fechando-se em sua revolta. Jamais se deu o direito de ter paz. Chegou mesmo a tentar o suicídio, pois considerava impossível suportar a vida sem prazer e o mundo sem interesse. Como era um sofredor sem tréguas, não chegou a amar verdadeiramente a ninguém. Quando era elogiado por seus versos, lamentava: *A poesia me coloca acima de todos os homens, mas o meu defeito me põe abaixo de todos eles.* Byron tinha tanto medo que falassem do seu defeito, que ele mesmo se antecipava e o divulgava, mesmo sabendo que aquilo lhe trazia revolta.

Por que uma pessoa cristaliza a mente em apenas um ângulo da existência, justamente o mais doloroso? Por que alguém faz de algo pequeno, imperceptível, vulgar, uma guerra interminável? Dizem os biógrafos de Byron que ele era um narcisista atormentado por um profundo complexo de inferioridade. Todas as suas qualidades superiores não conseguiram sobrepor-se a um insignificante defeito físico. Em outras palavras, ele era portador de uma auto-obsessão, ou seja, perseguia a si próprio, não se permitindo ser feliz, mesmo com bastante méritos para isso.

Conversamos um pouco sobre tal poeta, eu e uma bailarina que sofrera um acidente que lhe deformara o pé. A cristalização mental fizera transportar para o perispírito o defeito carnal, sendo esta a razão de sua infelicidade. Na verdade, abrindo um parêntese para falar sobre mediunidade, a grande maioria das cristalizações mentais com gênese no passado externam-se em forma de animismo em comunicações mediúnicas, no presente.

As cristalizações geram fobias, traumas, pânicos inexplicáveis, complexos aparentemente irracionais para quem não conhece suas causas anteriores.

- Tudo quanto quero é voltar a dançar como antes. O medo de não realizar esse desejo é o meu tormento diário e a minha mágoa constante.

- Quantas pessoas já lhe disseram que você precisa de um tratamento mental e não de uma operação nos dedos amputados?

- Não sou uma doente mental. O senhor deve ter recebido a ficha errada. O meu caso é de implante dos dedos do pé.

- Isso mesmo. Mas o implante precisa ser feito pela nossa mente, a sua e a minha.

- Não é o senhor, desculpe a observação, que está precisando de um tratamento mental?

- Talvez. Mas não por este problema. Para que você entenda o meu ponto de vista, vamos fazer um pequeno teste. Vou pensar fortemente em uma flor e ela vai surgir em cima da mesa. Se isto ocorrer, poderemos generalizar, dizendo que a mente “constrói” o que imaginamos. Concorda com este raciocínio?

- Se ele funcionar, sim. Mas o que tem ele a ver com o meu problema?

- Se conseguir, eu e você, pois pensaremos juntos na flor, faremos a mesma coisa com relação a seus dedos.

Dei instruções sobre o tamanho, a cor, o número de pétalas da flor e tentamos a empreitada. Ela ficou maravilhada quando a pequenina flor surgiu diante dos seus olhos. Vibrando como uma criança ao descobrir um brinquedo, quis logo partir para a modelação dos dedos.

- Espere um instante! Vamos treinar uma outra vez. Acho que ainda não estamos prontos.

A segunda tentativa foi com uma boneca. Não lhe dei instruções nem mentalizei nada, ficando em oração. A boneca que se formou foi exclusivamente criação dela. Levaria muito tempo para tecer comentários sobre olhos, roupas, cabelos e outros detalhes, podendo surgir como resultado final uma boneca com deformações provocadas por nossos desencontros.

Estando ela mais confiante, expliquei que sua única função seria lembrar, e que fizesse isso com segurança e otimismo, de como era o seu pé antes do acidente, quando deslizava feliz pelos palcos e salões.

Procedemos aos passes e oramos a Jesus, o divino modelador de nossas almas, para que nos concedesse, com o auxílio dos técnicos espirituais ali presentes, a graça de tornar aquela dançarina feliz, restituindo-lhe os dedos. Passados alguns instantes em que a música enchia o ar de notas calmantes, vimos a médium sorrir e fazer gestos como quem dançava.

- Meu Deus! Meu pé está perfeito! Posso dançar! A música, não pare a música! Quero dançar!

Não ousei quebrar o encanto daquele momento. Deixei que ela falasse e dançasse o quanto quisesse. Encerrei a comunicação com um emocionado “Deus lhe acompanhe”, e dei espaço para um outro visitante, que iniciou a conversa zombando da felicidade da bailarina.

40. Especializações

Somos acostumados, e já não causa espanto, a ouvir comentários e opiniões sobre os mais diversificados ramos de estudos e especializações existentes no mundo das ciências, artes, filosofias e religiões. Mas quanto aos desencarnados detratores do Espiritismo, aquela foi a primeira vez.

Um velho amigo estava com dificuldades para concluir um processo de averbação de tempo de serviço em um órgão da Secretaria de Educação. Há quase um ano, a tramitação de papéis arrastava-se como preguiça grávida, no conhecido e perverso estilo brasileiro, “vai ali, é com fulano, falta uma assinatura, o chefe não veio hoje, o carimbo sumiu...”, dentre outras irresponsabilidades, quando, em conversa amigável, ele me confidenciou: *Já que você lida com esse negócio de Espiritismo, pede lá aos homens para afrouxar a rosca desse processo, pois eu estou desconfiando que aí tem coisa. Se for preciso pagar algum trocado para comprar a marrafa, não se encabule, é só dizer.*

Dei boas risadas com a ingenuidade do meu velho amigo, tanto pela sua ignorância a respeito do Espiritismo como pela interpretação, certamente equivocada, de que algum Espírito estivesse emperrando o seu processo de averbação de tempo de serviço.

Ocorre que a dificuldade em se resolver qualquer problema, quando este depende de órgãos públicos do Brasil, é notória pelo descaso com que o cidadão é tratado. Eu já conhecia a tal secretária aludida pelo amigo. O tratamento descrito é realmente o dispensado a qualquer mortal que ali adentre. No mais, por que algum Espírito perderia seu tempo em entrar processos, somente para desacreditar o serviço público, por si mesmo desacreditado? Os órgãos públicos neste país, destacados pelo seus excessos de burocracia, não precisam de ajudantes para mostrar ineficiência, pensei. Mas diante da insistência do amigo, disse-lhe: *Está bem! Se isso lhe deixa mais calmo, vou vibrar para que tudo seja bem encaminhado em seu processo.*

À noite, para minha surpresa, o primeiro comunicante da reunião desabafou: *Ora, mais que petulância! Já não se pode mais trabalhar em paz naquela secretaria? Você pensa que eu fico brincando lá, é? Sou um funcionário sério, especializado naquele trabalho!*

Um pouco curioso, perguntei: *Você está falando sobre o processo de averbação que não sai das gavetas da secretaria?*

- E de que mais poderia ser? Esse é o meu trabalho! Fui treinado para isso. Para instalar o caos dentro daquela repartição. Isso exaspera as pessoas, tira-lhes o sossego, provoca brigas, ressentimentos, melindres, e isso agrada ao meu chefe.

- E quem é o seu chefe?

- Isso não interessa! Também não tenho nada contra seu amigo professor. Escondo papéis, influencio no erro de datas, faço com que o interesse de trabalhar seja substituído pelo descaso, troco as correspondências, provooco brigas..., tudo é válido para atrasar o serviço.

- Quer dizer que meu velho amigo estava certo, ao dizer que alguém estava interessado em prejudicá-lo.

- Não somente a ele, mas a qualquer um que solicite algo. Se quer mesmo saber, quando alguém se aproxima para uma solicitação, eu já faço anotações para dificultar o atendimento.

Terminei meu diálogo com aquele especialista, ainda pensando tratar-se de algum louco com idéia fixa em perseguir o mundo e alegrar-se com o desespero das pessoas. Mas a espiritualidade estava disposta a provar que eu estava errado, e fez falar o segundo enfermo da alma.

- Não precisa empurrar! Eu falo se quiser! Vocês ficam posando de santos e pensam que não sabemos que são uns verdadeiros hipócritas.

- Boa noite, amigo. Por que o mau humor?

- Porque não suporto essas rezas de vocês. É Evangelho de manhã, reza à tarde, reunião à noite. Por que não vão trabalhar, cambada de vagabundos?

- Aconselho-lhe a ser um pouco mais educado para evitar algum contratempo. Nosso amigo índio pode não gostar do modo agressivo como fala e lhe chamar para uma aula de boas maneiras.

- Ele que tente! Só porque mede dois metros de comprimento por um de largura, pensa que tenho medo dele?

- Não é apenas por isso. É que o último que chegou aqui bancando o valente não agüentou duas chicotadas.

Quando ele encarou os olhos firmes de Tibiriçá, desistiu da arrogância. É muito difícil desafiar a força física unida à força moral, sem possuir méritos equivalentes. Mais manso, resolveu contar a sua história, talvez na esperança de ser liberado após o diálogo.

- Fui contratado para provocar um desastre na reforma pela qual o Centro Espírita está passando. Minha intenção era fazer rolar uma viga, derrubar um tijolo na cabeça de alguém, desviar a atenção de algum servente para que ele perdesse um dedo, qualquer sangue derramado seria motivo de comemoração no nosso clube. Como faço isso há algum tempo, posso dizer que sou um especialista em construção civil.

- Mas parece que chegou agora a sua aposentadoria. Não acredito que lhe deixem solto, depois dessa confissão de culpa. Por que não se especializa em ajudar pessoas idosas a atravessarem uma rua, em auxiliar crianças doentes, em levar otimismo aos trabalhadores cansados, ou coisa assim?

- Porque esse trabalho não tem graça nenhuma. Eu gosto de ver o choro, a afobação, o grito de dor, a praga lançada no ar, a lágrima, o sangue. Que satisfação pode haver em ajudar os outros e ver apenas sorrisos de agradecimento? Eu aprecio é a briga de foice.

- Se aprecia tanto o sofrimento, creio que não se importará de sofrer um pouco para mostrar que a sua teoria, o sofrimento gera prazer, é boa.

- Não! Espere aí! Eu gosto de apreciar o sofrimento. Eu não falei que ele fica bem em mim.

- Agora é tarde. A pedra já está em suas costas. É a mesma viga que você queria sobre a coluna dos nossos trabalhadores.

- Não! Não! Tire essa pedra de cima de mim! Você vai arrebentar a minha coluna. Onde está a caridade de que tanto falam? Eu me rendo! Pode prender-me! Vamos, peça a ele para tirar a pedra das minhas costas!

- Lamento, mas essa me pareceu a única linguagem que você entende. Resolvi usar uma das minhas especialidades para contrapor-se à sua. Você pode resumir nosso atendimento para o seu chefe com a seguinte frase: Foi dureza! Enquanto eu descansava, carregava pedra.

- Engraçadinho! Você vai ver quando eu sair daqui! Tome todo o cuidado, pois posso estar presente na próxima reforma de sua casa.

- Agora afaste-se devagar, sente-se no banco de espera, que Tibiriçá ainda precisa falar com você.

Ele afastou-se entre zangado e cuidadoso e foi aguardar no banco apontado a ordem para suas próximas ações.

Ao final da reunião, comentei com o grupo as especialidades que os Espíritos apresentaram, no que alguém comentou: Mas que coisa! Não basta o neoliberalismo forçando a que todos façam cursos e especializações? Não ficarei espantada se dentro em breve você nos convocar para fazer uma especialização sobre as especializações desses Espíritos. Entre risadas, concordamos que aquilo seria possível.

Conclusão

Penso que não mais escreverei outro livro sobre doutrinação. Se não disse tudo que gostaria de dizer, pelo menos a maior parte passei para o papel. Queria escrever uma

trilogia e o fiz. *Diário de um Doutrinador, Diálogos de um Doutrinador e Doutrinação – A Arte do Convencimento*, deixam transparecer um breve resumo do que vivi nos últimos trinta anos de doutrinação.

Quis imprimir neste livro um pouco da poesia existente na vida de homens célebres, aos quais muito admiro. Há vidas neste planeta que são verdadeiros poemas interpretados a conta-gotas. Cada dia da vida de Sócrates, de Cervantes, de Guevara, de Gandhi, de Luther King, de Neruda, e de tantos outros heróis, anônimos ou não, é um verso que segue para as estrelas, lugar de todos os poemas.

Doutrinação não é somente o ofício de ensinar a administrar o sofrimento alheio. É também a arte de transmitir mensagens com poesia, com sentimento, com consideração pela dor que esmaga as possibilidades de ser feliz. É fazer da fumaça gerada por um incêndio a nuvem de chuva que o apagará. É acolher a criança, amparar o velho, estar ao lado do sofredor, não como espectador passivo, mas como dançarino que sabe mudar o tom de cinza para azul.

A doutrinação faz da alma do doutrinador uma harpa, pois dela arranca sons melodiosos que acalmam as perturbações. O dicionário da doutrinação contém as mais belas palavras de todos os idiomas. Paz, amor, aconchego, confiança, disciplina, energia, luz, amizade, estrela... Estrela? Será que um dia vou utilizar esta palavra em diálogo com alguém em uma reunião mediúnica? Não somente esta, mas outras de igual magnitude: mar, sol, criança, abraço... Quem determinou que doutrinação é apenas guerra?

Há os que se deixam convencer pelas palavras, outros pela vibração, a maioria pelo exemplo. Se quisermos ser bons doutrinadores, tornemo-nos poetas, filósofos, amantes da verdade, cristãos. Como agia nosso guia e modelo? Jesus, através de sua poesia consoladora, nos libertou das amarras da ignorância e nos despertou para a vida eterna. Não foi Ele, doutrinador por excelência, quem fez o céu vir à Terra e a Terra subir aos céus?

Sejamos doutrinadores, mas antes, deixemo-nos doutrinar pelos grandes mestres enviados à Terra para modelar nossos Espíritos na escola da justiça e do amor.

Sejamos doutrinadores, mas não nos esqueçamos daquela velha e sábia frase que sintetiza maravilhosamente a aprendizagem espírita: *Jesus é a porta. Kardec é a chave.*

Esta é a mensagem maior deste livro.

Luiz Gonzaga Pinheiro